

SERÁ QUE É TARDE DEMAIS PARA VIVER UM AMOR?

Sempre estive aqui



Amanda Dr



Amanda Or

Sempre estive aqui

Para todas as Karins que não conheci.

PRÓLOGO

Karin sempre insistiu em me perguntar o que é o amor. Confesso que nunca soube o que responder a ela. Hoje, ante a essa mesma questão, diria:

O amor é uma tempestade.

Unem-se às nuvens que depois caminham silenciosamente até seu destino, antes de transbordarem.

Muitos dizem que o temporal chega forte e se faz notar. Pois eu digo que não. Ele chega quieto. Se você está olhando para o céu, com os ouvidos apurados, vai notar as nuvens caminhando para a mesma direção até se unirem como uma só. Vai ouvir o barulho distante dos trovões em meio ao caos da cidade.

Para muitos, porém, esse temporal é de repente. Repara-se nele somente quando chega, perigando arrasar tudo sem se desculpar, porque não se nota mais o céu. Tão absortos em nossas telas e vidas artificiais, não somos capazes de ouvir a chuva. Confundimos o barulho dos trovões com o dos carros e os clarões dos raios com as luzes da cidade.

Mas, assim como o amor, nada abala a tempestade. Ela chega, cedo ou tarde, para despencar sobre a cabeça dos desavisados e também dos que esperavam por ela, há tanto tempo, que até se esqueceram. E chega devagar, até ser impossível ignorá-la. O céu escurece, os trovões se aproximam, o vento balança as árvores e carrega para longe as sacolas de supermercado.

Sem perguntar se é bem-vinda, a chuva cai. Quando é forte, alaga as ruas, derruba os postes, arranca os telhados.

Ela não avisa, não se desculpa. Chega e pronto. E toma para si o lugar que é dela. É da natureza da chuva cair. Não se pode culpar a tempestade pelo alagamento. Culpa-se a quem, então? Aos que não estavam preparados para recebê-la? A grande maioria não está. Apenas anseia por ela, mesmo não sendo capaz de suportar a sua força.

Mas, do mesmo jeito que veio, a tempestade se vai. Não importa a força com a qual chegou, nem o tempo que durou. Não interessa se regou plantas ou destruiu casas, porque, em algum momento, a tempestade acaba. As nuvens caem no chão e se desfazem. O céu se abre e, quando se nota, o temporal já se foi.

Para os pessimistas, deixando apenas destruição.

Para os apaixonados, o cheiro da terra molhada.

Thiago olha as nuvens de chuva, tentando imaginar as gotas caindo sobre as peles, os carros, as ruas. Karin foi uma tempestade, sim. E ele se molhou nela como nunca havia se molhado. Ela foi uma chuva de verão: rápida, passageira e forte. Mas caiu, passou, deixou seu estrago e, sem dizer uma palavra, foi embora.

Foi?

Então, por que ele ainda a sente cair?

Parte 1

CAPÍTULO I

Muito cedo para matar

O amor também é como o vento. Às vezes, é brisa; em outras, vendaval. Mas está sempre aqui. Sempre passando por nós. Nunca permanecendo.

Talvez tenha sido este o grande problema de Karin: ver o amor como algo natural, ainda que nunca tenha sido natural para ela.

Karin aumenta o volume do rádio: um som *bluetooth* de última geração. As canções do Ed Sheeran, selecionadas em uma playlist melosa no Spotify, ainda são um fio de esperança para ela, como a ponta fina de uma navalha que vai cortando fundo. A esperança, às vezes, machuca mais que a solidão. E de solidão Karin entendia bem.

Será que alguém, um dia, pensará em mim dessa maneira? Ela se questiona ao ouvir as palavras apaixonadas do cantor. Karin ouve tantas canções e lê tantos romances, na pura esperança de encontrar neles o amor que não encontra em sua vida.

Parece tolo viver para isso. Pensar nisso. Desejar tão profundamente um amor e mais nada. Talvez, uma vida tranquila, em uma casa de frente para o mar. Duas crianças brincando na areia, com o pôr do sol ao fundo e um grande amor segurando sua mão...

Muitos sonham com fortunas e sucesso, Karin sonhava com uma família. Sempre sonhou. Uma que ela construísse. Uma que ela escolhesse.

Ela dirige, olhando para a avenida e notando as gotículas finas de chuva caírem e escorregarem pelo vidro. Karin permite que sua mente viaje até a vida que gostaria de ter. Ultimamente, tem acontecido bastante. Ela vive pensando em outras coisas enquanto trabalha, até mesmo durante reuniões e conversas. Anda desatenta e desanimada. Não consegue evitar esse sentimento de vazio. De silêncio.

A playlist de músicas românticas acaba e ela nem nota. Não repara, também, o sinal a sua frente mudando para o vermelho. Nota, tampouco, o motociclista indo veloz em sua direção. Quando dá por si, já é tarde demais. Um barulho alto de várias coisas se rompendo, quebrando e amassando toma conta do ar. O baque da inércia a joga para frente e depois a puxa para trás. A batida lança Karin direto para a realidade, quando ela percebe, em choque, que atingiu alguém, com bastante força.

CAPÍTULO II

Cedo demais para morrer

Thiago sempre amou Marcela. *Sempre*. Desde o dia em que pôs os olhos sobre ela, no primeiro ano da faculdade. Agora, pouca coisa daquela garota impertinente, que julgava saber mais que os professores, ele reconhece na figura parada a sua frente.

É o silêncio, tão incomum a ela, que o incomoda. A Marcela que Thiago conhece jamais deixaria alguém falar por ela. Bom, parece que esses tempos chegaram ao fim. Agora, das três pessoas sentadas naquele escritório acinzentado, apenas uma ainda não abriu a boca para falar. As outras duas são Thiago e o advogado que Marcela contratou para cuidar do divórcio.

Divórcio.

A palavra soa amarga até em pensamento. Quem diria que aqueles jovens apaixonados que se casaram no campo, em uma festa linda, para cinquenta pessoas, estariam selando o fim de tudo, naquele instante?

E não posso dizer que isso acontecia de maneira pacífica.

A verdade é que Thiago desistiu de brigar e tentar argumentar. Desistiu de tentar salvar o relacionamento com uma pessoa que não faz questão.

O rapaz sente a cabeça apertar, enquanto olha a boca do advogado mexer, ainda que não ouça nada do que o homem diz. Para ele, não interessa. Contratos nunca interessaram. E é exatamente isso o que está acontecendo ali: um impasse jurídico. Pouco importa para aquele sujeito se o sonho de Thiago em viver uma vida feliz ao lado da mulher que ama, possivelmente com filhos e cachorros, está indo por água abaixo.

Talvez Thiago devesse dizer a ele que não se incomoda em não ter para onde ir. Marcela pode ficar com a casa — que é dela — e com todo o resto — que também é dela. *Eu estou louco*, o rapaz pensa. No entanto, não. Não está louco. O que mais dói em Thiago não é sair de casa com uma mão na frente e outra atrás, mas sim o fato de *sair de casa*.

A maioria das pessoas pensa que homens não gostam de casamento. Não poderia existir engano maior no mundo. O que acontece é que sujeitos como Thiago não podem admitir em voz alta que a única coisa que querem é viver em paz, amar alguém, ter tranquilidade e conforto. Dividir sonhos, conquistas, frustrações, desejos e metas com uma pessoa.

A mãe dele sempre diz que romance é coisa de mulher. Os amigos dizem a mesma coisa. Todos tão presos aos ideais dos filmes americanos. Se Thiago pensasse assim, doeria menos. Ele encararia esse processo com a frieza masculina e calculista.

— Thiago? — Marcela o chama. Finalmente, resolveu falar alguma coisa. O rapaz nota a irritação no rosto da ex. Ela odeia quando Thiago não presta atenção às coisas que diz. — Você tem que assinar!

— Nós ainda não decidimos...

— Você nem estava ouvindo o advogado, Thiago! — Uma verdade que o jovem não pode rebater, então ele fica calado. — Você fazia questão da minha presença. Estou aqui, agora ass...

— Que presença? Você só abriu a boca agora, Marcela! Dois meses nessa palhaçada!

— Você sabe muito bem por que não resolvemos isso antes — ela acusa, sabiamente, conhecendo exatamente o que o machuca. Relacionamentos longos são perigosos, as pessoas passam a se conhecer, a se julgar, a se ferir. Thiago olha nos olhos da mulher que amou por dez anos e não reconhece mais nada. — Entendo todos os problemas que está enfrentando com sua família. — Ela recua, por bom senso. Somente por isso.

Meu Deus, o que nos tornamos? Thiago parece perceber que não há um vestígio sequer de amor nos olhos dela. Somente raiva, impaciência e decepção.

— Marcela... — o rapaz murmura, mas de repente percebe que não tem forças para continuar batalhando. Essa guerra foi perdida há muito tempo. Então, ele pega os papéis sobre a mesa e começa a assiná-los, em silêncio.

— Vou mandar o resto das suas coisas para o apartamento do Leo — a mulher diz, assim que Thiago termina de assinar os papéis.

— Não dá. Ele vendeu. O novo dono deve tomar posse em breve.

— Nossa, belo amigo! — Marcela não gosta dos amigos do ex, mas sempre teve muito carinho por Leandro. Contudo, ultimamente, tudo relacionado a Thiago a irrita.

— Ele precisava do dinheiro. Sabe? Para pagar as despesas com o *casamento*. — diz Thiago, se referindo ao fato de que seu irmão e seu melhor amigo se casaram.

— Então, vou mandar para a casa do Luan.

— Não. Não vou ficar lá. Não quero incomodar *meu irmão que se casou há uma semana* — ele diz, com bastante ênfase para ver se ela se toca.

Porém, Marcela é egoísta demais para enxergar qualquer coisa que não seja ela mesma.

— Então, para onde mando suas coisas?

O resto delas, ela quer dizer. Thiago saiu de casa. Ou melhor, da casa da Marcela, há três meses. Foi morar de favor no apartamento vazio do melhor amigo, depois que Leandro se mudou para a casa do noivo. Já há algum tempo, o relacionamento com Marcela tinha ido para o saco, mas ninguém queria dar o braço a torcer. Com o casamento de Luan e Leo, os problemas de Thiago com os pais ficaram ainda mais evidentes. Então, o casal hétero decidiu adiar o divórcio e concluir só depois de toda a confusão familiar terminar. E agora, estão ali.

— Manda para o hotel onde estou hospedado desde ontem — Thiago diz, com amargura, e anota um endereço e o número de seu quarto, entregando à Marcela. É quando ela lança a ele aquele olhar maldito de pena.

O rapaz sempre odiou a expressão que o rosto de Marcela faz ao se dar conta do tremendo fracassado que ele é. Para os padrões dela, claro. Para os de Thiago, até que estava indo bem. Agora está mal: sem casa, sem esposa e, muito provavelmente, sem trabalho, já que, para piorar ainda mais a situação, ele é funcionário da empresa da família de Marcela. Lembrar-se disso o faz se sentir ainda pior naquele escritório, naquela empresa, naquele prédio. Tudo ali pertence a ela.

É, talvez eu seja um pouco fracassado. O pensamento, unido ao olhar que Marcela lança, são suficientes para tirarem o rapaz do sério. Ele cumprimenta o advogado rapidamente, murmura um “já que é só isso, com licença” e sai do escritório.

Passa em sua sala apenas para pegar o capacete. Não tem como evitar toda a frustração e a raiva que tomam conta de si, mas corre daquele prédio antes que os sentimentos negativos se espalhem. Thiago desce até a garagem, pelo elevador, e se olha na parede espelhada. Está péssimo, chorando feito uma criança. Ele nem vê quando chega até a moto, não se vê saindo do prédio. Não repara a chuva fina que cai lá fora, muito menos presta atenção no trânsito. Quando percebe, já é tarde demais. Algum maluco avançou o sinal e foi com seu carro sedan para cima de Thiago.

Mesmo estando lascado por ter feito todas as escolhas erradas na vida, ele sente, por um breve segundo, que é cedo demais para morrer.

Então, o carro o atinge.

CAPÍTULO III

O menor dos problemas

Karin sempre odiou hospitais.

A primeira lembrança dela era estar em um, no dia em que sua vida inteira mudou. Hospitais são locais de perda. Às vezes, a felicidade de alguém que se cura, é a infelicidade de alguém que perdeu quem mais amava. E por mais que esses lugares sejam os primeiros capítulos da vida de quase todo mundo, eles são, muitas vezes, também o capítulo final.

E, assim como eu, Karin detesta capítulos finais.

— O garoto vai ficar bem. Aparentemente, não quebrou nada — diz o homem vestido de branco, sentado do outro lado da mesa, de frente para Karin.

— Que bom que estava de capacete! — a mulher suspira. — Ele bateu a cabeça no vidro do meu carro.

— Já pedi alguns exames, pode ficar tranquila. O que eu quero saber é como isso aconteceu, Karin.

— Tô muito velha para levar bronca, pai.

— Filhos nunca estão velhos demais para broncas. Principalmente quando eles fazem uma merda dessas. Você podia ter matado o garoto. Ou pior, se machucado feio.

Karin franze o cenho de maneira involuntária, tentando compreender a lógica do pai. Porém, decide ignorar.

— O importante é que não foi nada mais grave. Por sorte, eu estava devagar.

— E como foi que você não viu o sinal fechar, minha filha?

— Estava desatenta.

— Desatenta? Vou mandar fazer uma ressonância em você também, porque não tem lógica nenhuma...

— Pai, eu estou bem. Ando cansada. Só isso.

— Karin...

— É sério, pai.

— Há quanto tempo você não tira férias? — Essa é a pergunta de um milhão de dólares.

— Tirei férias há menos de um ano. — Essa é a mentira que Karin

costuma contar.

— Não me lembro dessas suas férias. Aliás, a última que me recordo faz uns três anos.

Ele tem razão. Então, ela permanece calada. Apesar de ser boa com mentiras, Karin não gosta delas.

— Vou conversar com a Adriana.

— Ah, pai. Pelo amor de Deus!

— É velha para broncas, mas não é velha para fazer birra.

— Eu não tenho tempo para tirar férias, pai. Tenho muito serviço. Muito mesmo.

— Karin, você se acidentou hoje. Podia ter sido mil vezes pior. Acho que está na hora de pensar um pouco na sua saúde.

— Não começa!

Quase trinta anos ouvindo sermões sobre saúde deixaram a mulher cansada.

— Férias, Karin! Vou pagar uma viagem para você, para onde quiser, com quem quiser. — Ele sabe que viagens são o ponto fraco da filha, mas, ultimamente, nem isso a está animando.

Para a sorte dela, antes que o pai continue seu sermão, alguém bate à porta.

— Entra! — ele grita e um jovem médico entra na sala.

— Desculpa, doutor. É que tenho algo importante para mostrar ao senhor — diz, de forma tímida.

— Vou lá ver como está o rapaz — Karin fala, já se levantando. Aproveita a oportunidade para fugir do pai, porque sabe que ele está certo. — Preciso acertar algumas coisas sobre o seguro... Enfim!

Ela vira as costas e encara o médico que os interrompeu. Realmente, é alguém novo. Talvez um estudante. Contudo, Karin não o olha por tempo suficiente para notar nada de especial em seu rosto. A moça sorri para ele e caminha até a porta.

No entanto, antes de chegar ao corredor, sente o celular vibrar na bolsa. Procura-o entre as coisas, ao mesmo tempo em que abre a porta. Ela sempre o joga de qualquer maneira entre a bagunça que costuma carregar consigo. Assim que o encontra, vê a mensagem na tela.

“Soube do seu acidente! Estou preocupado, Karin. Está tudo bem? Vamos nos encontrar. Sinto muito a sua falta!”

— Vamos, claro! Na puta que pariu! — resmunga alto, sentindo um

arrepio percorrer o corpo inteiro. Ela sabe que deve notificar a polícia, sabe que deve trocar de número *de novo*, porém, está cansada demais para fazer qualquer uma dessas coisas.

— Nem preciso perguntar o motivo do mau humor. — Ela se vira ao ouvir uma voz conhecida. Elis está indo na direção de Karin, pelo corredor do hospital, sorrindo e, em seguida, mordendo uma coxinha.

— Na verdade, visto que sofri um acidente, estou perdendo um dia de trabalho. E ainda por cima, morta de fome... Bom, há várias razões para meu mau humor — Karin diz, seca.

Elis olha para o celular nas mãos da amiga.

— Aposto meu rim que essa cara assustada aí é por motivos de Marco.

— Ave Maria! Ele não me deixa em paz! — Karin bate os braços nos quadris e abaixa um pouco os ombros. Está exausta. — Dois anos e esse filho de uma mãe não me larga.

— É... Você já falou com a polícia? — Elis suspira, parando em frente à amiga.

— Não. Parece que não adianta mais. No fim das contas, vou acabar perdendo outro número. Fugindo, como se a errada fosse eu.

— Lamento, Ka, mas minha notícia vai deixar seu dia ainda pior!

— Ai, o que foi?

— Adriana pediu ao T.I para revogar seus acessos do e-mail da editora. E ainda disse que não quer ver você lá nem pintada de ouro. Pelo menos, nos próximos trinta dias.

— Ela não pode fazer isso.

— Mas fez. Você está oficialmente de férias... forçadas.

— Aquela maldita está de complô com o meu pai...

— Sei o tipo de complô dos dois — Elis abocanha o resto da coxinha.

— Ele me ofereceu uma viagem, cara! Se eu quisesse viajar, já teria viajado.

— Gente rica e seus problemas de gente rica...

— Ai, Lis! — Karin protesta e, logo em seguida, alguém conhecido chega pelo mesmo lugar de onde Elis havia chegado, poucos minutos antes.

— Oi, meninas — ele as cumprimenta com um sorriso.

— Oi, Luan! — Karin sorri para o rapaz. — Como estão sendo os primeiros dias de casado?

— Um caos! — ele responde. — Era para eu estar em lua de mel, mas uma louca atropelou meu irmão e tive que cancelar tudo.

Irmão? Será que...?

— E como ele está? — Elis pergunta, preocupada.

— Não sei. Mas acho que está bem. Foi ele quem me ligou.

— Você diz que ele foi atropelado...

— É, uma moça furou o sinal e bateu na moto dele. Pelo que o Thiago me contou.

— Espera aí, Karin... — Elis junta dois mais dois. — Você atropelou o irmão do Luan? — A moça não consegue conter uma risada.

— Foi você quem atropelou meu irmão?

— Talvez... Mas ele está bem... — Karin garante, sem graça.

— Então realmente foi uma louca que atropelou o coitado! — Luan brinca com a situação.

— Estava indo justamente falar com ele sobre o seguro do carro e essas coisas. Vem, mostro a você onde é. — Karin o puxa pelo braço, deixando Elis para trás. Mas antes de dar dois passos, se vira para a amiga e declara: — Fala para a nossa querida chefe que eu não vou a lugar algum.

É estranho. Não há outra palavra para definir a sensação de reconhecimento que rodeia os dois. Karin olha mais uma vez para o rapaz deitado no leito e se incomoda. *De onde eu o conheço?* Seu cérebro consciente lhe diz o óbvio: Thiago é irmão de Luan, então é provável que tenham se esbarrado incontáveis vezes por aí. Mas ela não se lembra. Simplesmente não se recorda de tê-lo visto antes, de ter falado com ele.

A memória é estranha.

Quando Karin era criança, achava divertido ter um pai especialista em cérebros. Sempre o imaginava como personagem de uma história clichê sobre alguém que desaparece por anos e volta depois, desmemoriado e perdido. Imaginava o pai como aquele médico de falas emblemáticas, que aparece duas ou três vezes na história, apenas para dar as más notícias.

“Ele não vai mais lembrar de você, minha senhora!”

Depois que cresceu um pouco, passou a achar tudo aquilo muito chato. Ter um pai médico é ter um especialista em saúde, o tempo todo, de olho em você. Tudo o que você faz é perigoso, nada é saudável o bastante. No entanto, o orgulho de vê-lo salvando vidas se sobressaía sobre qualquer outro sentimento adolescente que Karin pudesse ter.

Então, ela cresceu de vez e passou a se esquecer de conversas inteiras. Precisa reler um livro, mais de uma vez, porque sempre esquece a história.

Começou a não se lembrar se trancou a porta, se desligou o fogo, se pegou tudo o que precisava. Às vezes, Karin acha que tem algo muito errado com ela, porém, no fundo, sabe que é apenas cansaço, e que o pai tem razão: anda trabalhando demais, anda aérea demais e cada vez menos atenta.

— Então, basicamente, a culpa é toda sua! — o rapaz branco, deitado no leito, fala. Bom, “rapaz” é bondade minha. Thiago deve estar na casa dos trinta. Malditos trinta! Jovem demais para ser velho, velho demais para ser jovem.

Quem disse isso? Sandy? Isso, Sandy!

Às vezes, minha mente é como a de Karin: se perde no ar.

A mente dela também divaga, ainda tentando se lembrar. Ela sabe que o conhece. Sente que já o viu. Porém, em nenhuma ocasião importante o suficiente para se recordar. É de antes do casamento de Luan, ela sabe que é.

— Moça? — o (nem tão novo assim para ser um) rapaz chama. — Você estava escutando?

— Honestamente? Não! — ela diz, sorrindo. — Eu estava distraída.

— Cuidado para não atropelar ninguém... Opa, você já fez isso! — tem uma pitada de mau humor no tom de voz de Thiago. Eu também não estaria nada feliz se alguém tivesse me atropelado.

— Sem carros para mim por um bom tempo.

— Os motoqueiros, pedestres e ciclistas agradecem.

— Pois, de nada!

Pela primeira vez, ele esboça um sorriso

— O que você faz da vida, Thiago?

— Costumo ser atropelado por malucas.

— Não, pô! Tô falando sério!

— Sou ilustrador — diz, um pouco inseguro.

— Sério? Um artista!

— Geralmente as pessoas dizem: ah, sim, mas trabalha com o quê?

— Eu não diria isso. Conheço grandes ilustradores.

— É mesmo, é? Você trabalha com o quê?

— Sou editora.

— De livros?

— Sim.

— Você trabalha na Resistência?

— Sim.

— Poxa, então a gente trabalha no mesmo prédio. Isso talvez explique

essa sensação de “conheço você de algum lugar”.

— Você também sentiu?

— É estranho, não é? Engraçado, mas não consigo me lembrar de você no casamento do meu irmão.

— Eu estava lá!

— Não me lembro de você! Eu me lembraria, tenho certeza!

— Talvez a gente não tenha sido apresentado.

— É, talvez. — Eles deixam o assunto morrer e o silêncio reinar pelo quarto. Até que Karin resolve falar, algum tempo depois. — Tenho que resolver a questão do seguro. Vou precisar dos seus contatos. Ou, se você preferir, posso passar no seu trabalho...

— É... Eu acho que não tenho mais um trabalho!

— Por quê?

— Trabalho, ou trabalhava, sei lá, na Lemur Design... Empresa da minha ex.

— Isso aí é um problema... Foi tão ruim assim? Digo, o término? — De rompimentos ruins, Karin entende bem... Muito bem!

— Não. Mas foi... recente.

— Quão recente?

— Essa manhã.

— É.... Bem recente.

— Bastante.

— Ah, logo vocês resolvem isso!

— Eu acho que não. Não quero mais nada que venha dela. Cansei de ficar à sombra. Foram dez anos...

— O quê? — Karin o interrompe, surpresa. — Você está contando o tempo em que tinham um namorinho desses de criança?

— Mais ou menos isso. Não, na verdade, fomos casados por cinco, namoramos seis antes disso, e eu sou... ou fui... apaixonado por ela, desde os meus dezenove anos.

— Poxa vida! — ela lamenta.

— Eu sei... Todo mundo sempre disse que era muito cedo para amar alguém!

— Não, não é isso! Eu sinto muito por ter acabado. Grandes amores tinham que durar para sempre.

— Tem gente que diz que a graça está no fim. Que a gente só percebe o quanto foi bom depois de perder, ou seja, a graça está em terminar.

— A graça está em *viver*.

— É... — ele assente, cansado, e não fala mais nada. Karin aproveita para o observar. Só agora ela percebe o olhar triste que ele traz no rosto. Às vezes distante, às vezes perdido.

Ela sente um profundo desconforto e pensa em ir embora, mas se recorda que disse a Luan que o esperaria aqui, enquanto ele buscasse comida. Então, tem que esperar do melhor jeito possível.

— Quem sabe vocês voltam! — a moça diz, com um sorriso.

— Não sei se isso é possível. Acho que o nosso amor mudou de forma, sei lá.

— Não posso nem imaginar o que seja isso.

— Por quê? Nunca amou alguém e perdeu?

— Não.

— Sorte a sua e a da pessoa.

— Não. Eu quis dizer que nunca amei alguém.

— Impossível!

— Estou falando para você.

Thiago apenas lança um olhar desconfiado para ela, e depois emenda:

— Não, impossível!

Karin apenas sorri. Porém, a expressão que carrega no rosto é triste.

— O maior sonho da minha vida é encontrar um grande amor. Até agora, nada! Ô derrota! — ela confessa, tentando soar mais leve do que realmente está.

— Mas nem um pequeno amor?

— E existe amor pequeno?

Ele sorri novamente, dessa vez, vencido.

— Amei e acho que ainda amo muito a Marcela — Thiago diz, depois de um tempo. — Mas o relacionamento acabou. Talvez nós não sejamos feitos para o amor, Karin.

— Não acho. Aliás, sempre acreditei que somos feitos *de* amor. Eu só queria encontrar um que se encaixasse no meu.

— Vai encontrar.

— Acredite, estou tentando. Já rodei o mundo inteiro, literalmente, e ainda não achei.

— Meu sonho era rodar o mundo. Não, minto. Meu sonho era conhecer Acapulco — Thiago solta depressa, temendo que o assunto morra. Há tempos não conversa de verdade com alguém.

— Nossa, sim! Eu também sempre quis conhecer o México. Mas, sei lá, nunca fui.

— Ainda é tempo! Quem sabe seu amor está lá?

— Talvez seja por isso que eu não tenha ido! E você, ainda não foi por quê?

— Marcela sempre achava outro destino mais interessante.

— Marcela nunca assistiu a Chaves em Acapulco.

O sorriso de Thiago se abre de orelha a orelha.

— Eu sou louco para me hospedar no hotel onde eles gravaram os episódios, mesmo estando totalmente diferente.

Karin vê aquele brilho sonhador no olhar de Thiago. Há quanto tempo os olhos dela não brilham assim? Há quanto tempo não sonha?

Eu sei a resposta.

— Você deveria ir — ela afirma, com uma ideia crescendo na mente.

— Queria, não vou mentir — Ele olha para as próprias mãos.

— Não, eu falo sério. Você *deve* ir.

— Quem sabe nas próximas férias, se eu arrumar bastante *job*!

— Que tal agora? Para que perder tempo?

— Ah, mas me falta aquela coisinha boba, assim, sabe? Dinheiro! — o rapaz ironiza.

— Esse é o menor dos problemas, Thiago!

CAPÍTULO IV

Eu sou milionária

Esse é o menor dos problemas. Ela realmente disse isso, antes de oferecer a Thiago uma viagem com tudo completo para Acapulco. *Que mulher louca!* O rapaz notou que se tratava de uma maluca quando foi atropelado por ela, e teve certeza disso quando, estranhamente, os dois conversaram como velhos amigos.

Mas oferecer uma viagem está além dos limites aceitáveis até mesmo para uma doida varrida.

Nisso até *eu* concordo.

Agora, a grande pergunta é: quem é mais maluco?

É claro que Thiago não aceitou, mesmo Karin alegando “ser milionária”. Ele jamais aceitaria.

Só que, agora, tudo mudou, e o que resta ao pobre rapaz? Engraçado como a vida muda de um minuto para o outro.

Ele olha novamente para a porta.

Esse é o menor dos problemas, ela dissera.

Thiago toca a campainha.

— Oi, atropelado! — Karin parece estar aliviada ao abrir a porta e ver o rapaz, que estranha um pouco a reação, mas não comenta nada.

— Olá. O Luan me deu seu endereço — ele explica, antes mesmo de ela perguntar.

— Ah, tudo bem! Pode entrar. — A mulher faz um gesto com as mãos, acenando para que Thiago passe e entre, e é exatamente o que ele faz.

Para uma pessoa que repetiu, mais de uma vez, que é milionária, o apartamento é até simples demais. “Bagunçado” é a palavra correta. Contudo, até no meio do caos existe uma ordem.

— Aceita alguma coisa para beber? — Karin questiona, no entanto, Thiago não consegue tirar os olhos dos livros espalhados pela sala, empilhados em um canto e amontoados em uma estante gigantesca na parede.

— Não, estou bem — ele responde, um pouco aéreo. Não sei se pelo encantamento causado pela sala ou se pela dor de cabeça que o está matando.

— Gosta de livros?

— Eu gosto. Não muito, mas gosto.

— Como você pôde perceber, eu não vivo sem meus livros. Porém, admito que preciso me desfazer de, pelo menos, metade deles. A pergunta difícil é: qual metade?

— Talvez você possa doar aqueles que gosta mais — o rapaz sugere.

— As pessoas costumam fazer o contrário, Thiago. — Ela passa por ele e se senta no sofá, o jovem a acompanha. — Normalmente, elas doam aqueles que não gostam e ficam com os preferidos.

— Mas isso não faz sentido.

— Por que não?

— Porque você deveria querer espalhar pelo mundo os livros que mais lhe encantaram e não os guardar com você, e só com você.

— É um pensamento lógico. — Ela se vira, coloca a perna direita sobre o sofá e o encara. Karin lança um olhar questionador a Thiago. Os olhos negros dela o avaliam. Há um mistério escondido nos olhos de Karin. E eu sei que Thiago vai se perder tentando desvendá-lo. É inevitável. — Pensou na minha oferta, não é? — Ela sorri, os lábios carnudos parecem acompanhar todo o restante do rosto. Ou seria o contrário? A única coisa que sei é que o rosto dela sorri por inteiro.

— Pensei.

— Reconsiderou?

— Talvez.

Karin sorri novamente. Meu Deus, eu havia esquecido o quanto o sorriso dela é bonito!

— Se o problema for o dinheiro...

— Eu sei, você é Mi.Li.O.Ná.Ria. O que não compreendo é por que você me daria uma viagem com tudo pago. Só porque me atropelou? Eu nem ralei. Por que, Karin? É muito dinheiro.

— Para você. Para mim, não. Você sabe quem eu sou, Thiago?

Ele quis responder “sei”, mas ela nem o deixou completar o pensamento.

— Minha família é dona de metade desta cidade. Minha avó não tem mais onde enfiar dinheiro, eu sou a única herdeira, e, honestamente, nunca fui criada com luxos. Para você ter uma noção, não faço ideia da metade das coisas que pertencem à minha avó. Eu trabalho, eu mesma pago as minhas contas. Não preciso de dois por cento do que tenho.

— Eu entendi a parte do milionária, dona Muito Rica Mesmo. Só quero entender por que *eu*?

— Porque você sonha.

Não sonho mais.

— Vi quando seus olhos brilharam quando você falou de Acapulco, Thiago. Eu vi a mim mesma, na época que eu arriscava querer algo para minha vida que não fosse trabalho. Aceita esse presente, que é muito para você e pouco para mim.

— É que ninguém nunca me deu nada...

É quando Thiago percebe o quão pessimista é o discurso de Karin. *Será que ela tem alguma doença terminal?* Ele pensa em perguntar, entretanto, julga ser mal-educado fazer isso.

— Só me passa sua conta, compra suas passagens, reserva seu hotel e vai.

Será que é o destino querendo, antes tarde do que nunca, me presentear?

— O que eu posso fazer em troca?

— Se hospedar na porcaria do hotel do Chaves e ser feliz.

— Você está querendo me usar de laranja para lavar dinheiro? — ele pergunta, em tom de brincadeira, e nem sente quando ela bate com força em seu braço. Mas, antes que pudesse responder o rapaz, o telefone dela toca. Karin olha a tela e não parece gostar do que vê, pois fecha a cara e se levanta. A moça diz um “alô” antes de fechar a porta do quarto.

E depois os gritos. Ela está muito brava com a pessoa do outro lado da linha. Muito brava mesmo! Thiago tenta, mas não consegue distinguir direito as palavras. No entanto, ainda ouve coisas como “você não pode fazer isso” e o nome “Adriana” mais de uma vez.

Desconfortável, o rapaz se levanta e anda pela sala, observando os livros e as fotos expostas na estante. Vê Karin criança, por volta dos dois anos de idade, no colo de uma mulher muito parecida com ela, mas branca. Ele tem a mesma reação que eu tive, anos atrás: sabe que se trata da mãe. É nítido. Em outra fotografia, Karin, um pouco mais velha, está acompanhada da versão mais nova do médico com o qual Thiago conversou hoje.

O rapaz continua passando os olhos pelos retratos, vendo Karin crescer ali, diante dos seus olhos. Até que uma foto, em particular, chama a atenção de Thiago. Aliás, uma pessoa presente na foto: ele mesmo.

— Você é sempre curioso assim? — Karin surge de trás do rapaz.

— Sou eu, aqui.

— O quê?

— Na foto. — Ele pega o porta-retrato e leva até ela, apontando para o

menino magrelo, no meio de vinte outras crianças.

— Você estudou no Santa Cecília? — Karin pergunta.

— Até a quinta série. Acho que estudamos juntos.

Ela devolve o porta-retrato para ele.

— Santa Clara é uma cidade pequena... — Karin justifica.

— Mas, como é possível eu não me lembrar de você, Karin? Eu definitivamente me lembraria.

— Lembraria? — Karin sorri. Thiago não diz mais nada, apenas devolve o porta-retrato para o seu lugar. — Talvez não sejamos destinados a nos lembrarmos um do outro. Toma. — Karin ergue um cartão azul na direção dele. — É um pré-pago.

O rapaz hesita.

— Pega o cartão, Thiago. Para despesas extras.

— Por que, Karin? Nunca vou entender.

— Eu sou milionária.

— Ok. Já entendi essa parte. — Ele, por fim, pega o cartão. — Por que você não vem?

— Quê?

— Ué, você é milionária, por que não pega essa grana e viaja?

— Estou segura aqui — diz ela, vira as costas e caminha até a porta, abrindo-a logo em seguida. Ele entende o recado. Sai, mas ela vai atrás dele e, antes de trancar a casa, completa: — Vamos comigo até o banco, aí já resolvemos a questão do dinheiro e do seguro. Depois você está livre para ir realizar seu sonho.

— Que tipo de fada madrinha é você?

— Do tipo que ajuda princesas com o coração partido.

— Nessa história, eu sou a princesa? — Thiago pergunta, rindo.

— O que acha?

“Eu prefiro ver alguém recomeçar do que ficar olhando essa porcaria de dinheiro render na minha conta”.

Thiago não consegue tirar as últimas palavras de Karin da cabeça. *Que tipo de ser humano pensa dessa forma? Geralmente, pessoas ricas só pensam em uma maneira de ficarem cada vez mais ricas.*

— Você também deveria recomeçar, Karin — ele diz para si mesmo o que devia ter falado para ela, porém, não disse. O coitado nem sabe por que está pensando isso, no entanto, algo na maneira como Karin fala, olha e sorri

o faz acreditar que a moça está exausta.

E Thiago sabe disso porque, no fim das contas, ele também está exausto. Passou uma década de sua vida amando Marcela, dedicou todos os seus últimos anos para manter um relacionamento que fracassou. E agora, quando poderia ter a chance de recomeçar, como Karin disse...

Ele gostaria de poder. De ter tempo.

O tempo é mesmo uma coisa maldita.

O rapaz observa as nuvens pela janela do avião. Quais são as chances de uma pessoa ser atropelada por uma milionária maluca e ganhar a viagem dos sonhos como recompensa? *Tenho certeza que é bem menor que 24%.*

Não, ele não pode se dar ao luxo de ter esperança.

Então, olha para as nuvens novamente.

Será que fiz a escolha certa?

Ao tocar o vidro da porta giratória, Thiago pensou que estava pronto. Não estava. Quando chegou ao aeroporto, andou pelas ruas da cidade que sonhou, por tanto tempo, conhecer. A ficha ainda não havia caído. *Mas estou aqui. Meu sonho foi realizado.* Ele empurra o vidro para frente e, por um momento, pensa em dar a volta completa e sair por onde entrou, porém, acredita que as pessoas o julgariam. Então, segura a emoção e desiste de imitar uma de suas cenas preferidas.

A mãe de Thiago sempre diz que ele é uma criança incurável. Ela nunca compreendeu a paixão do rapaz por Chaves, nem pelos desenhos que ele gosta até hoje. Marcela também não entende. A ex-mulher de Thiago jamais gostou das coleções de brinquedos e, sempre que tinha a chance, dizia que o marido era obsessivamente infantil. Porém, qual ser humano não tem suas paixões? Algumas pessoas amam times de futebol, marcas de roupas, séries de TV, Thiago ama tudo aquilo que amava quando era criança e adolescente. Talvez seja por esse apego que tenha suportado tanto tempo o relacionamento com Marcela. O amor dele pelo passado nunca permitiu que ele olhasse dois palmos à sua frente, nunca permitiu que ele visse o futuro.

Thiago entra no hotel e, quase no automático, vai até a recepção. Não quer soar melancólico, afinal, está ali, onde sempre quis estar. O rapaz promete a si mesmo que afastará todos esses pensamentos tristes e pessimistas. Promete que vai olhar apenas para o agora. No entanto, tem isso dentro da cabeça, essa coisa que o está matando.

Nem tão lentamente quanto ele gostaria.

Às vezes, ele se pergunta se Marcela tem alguma paixão, algum sonho. Em qual momento se afastaram tanto? Onde foi que se esqueceram?

Thiago faz o *check in*, ainda falhando na missão de apenas pensar em coisas boas, pelo menos enquanto estiver em Acapulco.

Ou seja, no pequeno “sempre” que ele tem.

O primeiro dia no hotel não foi nem um pouco como o esperado. Thiago estava cansado demais, não conseguiu sequer fazer um tour pelo lugar. Deitou-se, assim que chegou, e dormiu para ver se a cabeça parava de doer, ao menos um pouquinho.

Porém, o dia seguinte amanheceu ensolarado. A luz que veio da sacada e a vista para a pequena pedra e para o mar, vasto e azul, acalmaram aquele pulsar insuportável.

O dia prometia. Então, Thiago vestiu sua roupa de banho e desceu para a piscina. Agora, ele estava ali, fazendo o que mais gostava: observando as pessoas, captando frames, os quais, com certeza, desenharia depois.

É quando ele a vê.

Um artista reconhece o belo, mesmo em meio ao caos, mesmo em meio a tantas outras belezas.

A moça negra vinha caminhando, com seu cabelo curto e crespo amarrado em um coque, desses de descrição de livro clichê, vestida com um biquíni rosa e trazendo óculos de sol na mão direita.

— Oi, atropelado! — Karin grita, do outro lado da piscina. Thiago sorri feito um adolescente apaixonado, enquanto a observa dar a volta e se aproximar.

— A milionária veio. — Ele sorri para ela, quando Karin se senta na espreguiçadeira ao lado daquela onde está Thiago.

— Vamos gastar esses milhões, antes que seja tarde.

Já é.

— Antes tarde do que nunca, milionária.

— Antes tarde do que nunca — ela repete, sorrindo para ele, antes de colocar os óculos retrô no rosto e se deitar, olhando para o céu.

Thiago a aprecia por alguns segundos, observando-a bem, captando a imagem de Karin deitada ali, com um sorriso morrendo lentamente no rosto. Ele deseja poder saber o que ela pensa, deseja poder conhecê-la. Dessa vez, Thiago tem certeza de que se lembrará, de que não a perderá.

Ele tem certeza de que a guardará para sempre, como um desenho

colorido com lápis de cor marrom, rosa e preto.

Ele tem certeza de que jamais se esquecerá.

CAPÍTULO V

O charme

Karin aproveita a distração de Thiago para o observar. Ela também ama observar as pessoas. Enquanto o rapaz gosta de desenhá-las, Karin ama criar histórias para elas. O engraçado é que ela não consegue imaginar nada para Thiago, como se algo a bloqueasse.

Desde o dia em que o viu, ainda no hospital, Karin simplesmente não conseguiu imaginar nada para ele. Nenhuma história, nenhum futuro. Ela acredita que o interesse súbito que se criou dentro dela, por ele, tenha a ver com isso.

Não tem.

Karin sempre buscou um grande amor, mas é incapaz de notar os sinais dentro dela mesma. Nem mesmo quando o amor está ali, deitado ao lado dela.

Cada vez mais interessada pelo rapaz e sua história de fracasso na carreira, no amor e na vida, decidiu vir atrás dele.

Sim, Karin não é uma mulher normal, passa longe de ser um ser humano comum.

Thiago se remexe na espreguiçadeira, como se algo o incomodasse, e então se levanta.

— Vamos almoçar? — pergunta, esticando as mãos na direção de Karin. Ela se apoia nos braços dele e se ergue.

— Vamos!

— Você paga, milionária?

— Nossa, um cavalheiro desses, bicho.

— Uai, mas você vai pagar de todo jeito!

— Que seja, o importante é comer.

Então, os dois caminham juntos pela primeira vez em Acapulco. Eles ficam tão bonitos assim, lado a lado. A luz do sol que bate e se perde na pele de Karin, reluz em Thiago. Se alguém tentasse bater uma foto dos dois, sob essa luz, teria dificuldades.

Mas ninguém tenta. Karin e Thiago são dois anônimos, dois jovens sorrindo despreocupados, admirando silenciosamente um ao outro, duas pessoas com a vida inteira pela frente.

A vida inteira.

É bom ver Karin assim. Feliz. Leve. É bom *ver* Karin.

Eles chegam ao restaurante do hotel, um garçom os serve de pronto. Os dois se sentam à mesa mais afastada de todos, aquela mais escondida, como se precisassem de espaço e privacidade para que um segredo fosse revelado. Contudo, não há segredo algum.

Bom, se eu não levar em consideração aquilo que Thiago pretende omitir.

O garçom entrega a eles um cardápio, sem preços. E Thiago agradece aos céus por isso. Ele ainda se sente mal por ter aceitado aquela viagem, aquele luxo todo, o qual jamais será capaz de pagar. Agora com Karin ali, o encarando com aqueles profundos olhos negros, fica ainda mais complicado esquecer que é ela quem está pagando tudo.

E qual é o problema?

Por que Thiago se sente tão inferior por não ser capaz de pagar aquilo tudo? O rapaz mente para si mesmo ao pensar que o grande problema é Karin ser uma desconhecida. Quantas conversas serão necessárias para esse argumento cair ao chão?

— Vai me dizer o que fez você mudar de ideia ou posso continuar imaginando que foi o meu charme que te convenceu? — Thiago puxa assunto, com humor.

— Mas *foi* o seu charme — ela brinca. — E as férias forçadas que me deram — admite, e faz seu pedido ao garçom. Thiago a acompanha na escolha, e logo depois devolve os cardápios ao funcionário, que os deixa.

— Férias forçadas? Quem ganha férias forçadas?

— Uma louca.

— Sua vida é sempre assim, cheia de coisas estranhas?

— Coisas estranhas? Eu tenho a vida mais normal do mundo! — protesta ela.

— Você atropela alguém, dá uma viagem para a pessoa, depois ganha férias *forçadas* e decide viajar também. Tudo isso porque te conheço há três dias. Imagine se fosse mais.

Ela sorri.

— Eu juro que minha vida é muito menos interessante que esses últimos dias. A coisa mais emocionante que fiz no último ano foi xingar políticos no Facebook.

— Espero que tenha xingado os políticos certos.

— Eu espero que *você* tenha xingado certo!

— Aposto minha perna direita que *você* me stalkeou.

— Como sabe?

— *Você* não parece ser o tipo de pessoa que tem paciência para ouvir quem defende certos tipos de... discursos.

— Caramba, estou diante de um *profiler* do FBI e não sabia? — Ela levanta a mão direita, olha para o lado e dá um tchauzinho para o nada: — Sorri para o FBI, Thiago.

O rapaz a acompanha, olha para o lado e acena na mesma direção que Karin.

— Poxa, *você* me pegou, milionária! Minha carreira como agente secreto chegou ao fim!

— Eu sempre soube, por isso, te atrolei.

Karin sorri de uma forma nostálgica e o olhar dela vai se perdendo aos poucos.

A certeza de Thiago vem neste exato momento. Ele *sabe* que tem algo de errado com a moça. Normalmente, não se sentiria à vontade para questionar, porém todo aquele cenário surreal o faz dizer:

— *Você* está bem, Karin?

— Estou. Só um pouco cansada. Eu acabei de chegar. — Ele sabe que ela está mentindo, e olha que Karin é uma boa mentirosa. Contudo, ultimamente, anda tão cansada, tão presa, tão vazia, que até suas mentiras soam sem vida.

Ele não vai insistir, não é esse tipo de pessoa. Quem sabe, um dia, ela resolve contar a Thiago tudo o que aconteceu? Talvez, um dia, seja capaz de reunir a força necessária. Contar pode fazer bem, pode ajudar não a esquecer, mas a lembrar com menos dor e indignação.

Contar eterniza, mas ameniza.

Depois de um tempo e de um silêncio quase constrangedor entre os dois, Thiago resolve puxar assunto, decidido a não deixar a conversa morrer.

— Férias forçadas, hein?

— Pois é.

— *Você* tem mesmo cara de workaholic, milionária.

— Eu não sou workaholic.

— Ah, não? Então, me diga, por que ficou tão chateada com essas tais férias?

— Eu — ela hesita um instante. — É que... meu trabalho me ajuda a...

esquecer? Acho que é uma palavra muito forte. Meu trabalho me ajuda a me *concentrar* em outras coisas — corrige. — E não existe nada melhor do que livros para isso.

Esquecer o quê? É fato: há algo errado com Karin. Porém, Thiago decide não levar a conversa nessa direção.

— É bom demais trabalhar com o que a gente gosta — comenta.

— Sim — Karin responde, ainda um pouco aérea.

— Mas você pode continuar lendo *durante* as férias.

— Não é a mesma coisa.

— Uai. E qual seria a diferença?

— Ah, eu não sei...

— Workaholic.

— Eu não sou... Ok, talvez eu seja.

— Há quanto tempo você não tirava férias?

Por um segundo, Karin crê ter ouvido a voz do pai, mas, logo percebe que Thiago não possui motivos para julgá-la.

— Três anos, mais ou menos.

— Caramba, mulher! — reage, porém, logo emenda: — Bom, agora você já está aqui, que tal aproveitar?

— É o que pretendo fazer, de verdade.

— Então, por que parece que sua mente está longe?! — Thiago diz, mas nota logo que não deveria ter falado nada. No entanto, aquilo parece soar natural para Karin, não como uma invasão.

— Minha mente sempre está longe, Thiago. Sempre estou pensando nas coisas que tenho, mas não queria ter, e nas que ainda estão distantes demais.

— Nossa, que... melancólico. Você deve ser uma escritora dessas que fazem os leitores sofrerem.

— Quem disse que eu sou escritora?

— Uai, eu pensei que...

— Eu *edito* os livros, Thiago. Os seleciono, vejo o que pode ser melhorado ou alterado, converso com o autor, sugiro coisas, cobro e, admito, pressiono. Porém, não escrevo.

— E nunca quis escrever?

— Ah, às vezes penso que todo leitor se imagina escrevendo algo em algum momento. Mas eu prefiro ajudar os escritores. Gosto muito de livros para escrever um.

— Como assim?

— Já namorei uma escritora, eu trabalho cercada por escritores — ela começa a explicar. — E, bem, eles são desumanos e, ao mesmo tempo, humanos *demais*. É preciso ter muita alma para escrever, para transformar os próprios sentimentos e angústias em palavras. É preciso encarar as dores mais escondidas e profundas para colocar vida em um papel. Eu não gosto de encarar. A verdade mais honesta sobre mim é que eu prefiro fugir. E eu gosto muito de livros para escrever algo que não tenha alma.

Que visão bonita que ela tem sobre nós. Não é sempre verdade. Às vezes não é pela dor, e sim pela raiva, pela indignação, pela saudade. É porque *acreditamos* em algo.

Mas Karin está mentindo. Eu me lembro de um livro, era bom, tinha alma. Às vezes me pergunto onde diabos ela o enfiou.

— Nossa, você fala umas coisas bonitas. Aposto que escreveria bonito também.

Ela sorri.

— Fora de cogitação.

Thiago começa a sorrir. Um sorriso encantador e simples. Então o telefone dele toca.

— Desculpa — ele diz antes de atender, sem se retirar da mesa. — Oi, manito. — A pessoa do outro lado da linha responde algo e dá uma gargalhada alta o suficiente para que Karin ouça. — De boa, aproveita aí sua lua de mel, sem esse encosto que vos fala. Eu estou bem. É sério! Eu tô bem. Tá, te amo também.

E desliga.

— Era o Luan? — Karin pergunta o que já sabia e Thiago confirma com a cabeça. — Vocês são fofos. Queria ter tido irmãos...

O rapaz não comenta nada. Ele viu as fotos de uma mãe jovem, e nenhuma mais. É óbvio que a mulher morreu quando era nova.

— Às vezes é um saco! É um sentimento muito estranho. Dá vontade de matar o Luan, mas se alguém ousa encostar a mão nele... — Thiago para de falar de repente. Um olhar turvo surge nos olhos dele. De repente, o rapaz se levanta, murmura uma licença, e sai.

A cabeça. Sempre a cabeça. Ele se olha no espelho do banheiro, não parece estar mal. Então, pega o frasco no bolso, retira um comprido de lá e sai, se encaminhando em seguida até o balcão do restaurante, onde pede uma água e, de forma disfarçada, toma o remédio.

Ainda com dificuldade de focar a visão, Thiago se esforça o máximo

que consegue, ao voltar para a mesa.

— Engraçado... — ele diz ao se sentar. — Quando vi você no hospital pela primeira vez, pensei que fosse médica.

— Eu?

— É.

— Eu? — ela pergunta de novo.

— É, uai. Quando vi você entrando no quarto, junto com o Luan, pensei que fosse alguma médica amiga dele. Não faço ideia do porquê de eu ter imaginado isso.

— Eu nem estava de branco.

— Pois é. A mente da gente tem cada coisa! — Ele deixa o olhar cair por um momento. — Mas, vai dizer que ninguém nunca te falou isso?

— Não. Já me perguntaram o motivo de eu *não* ser médica, visto que toda a minha família é de médicos. Meus avós e meus pais são médicos. Bom, meu avô e minha mãe... eram. Talvez você tenha me visto com meu pai e minha avó em alguma revista — sugere. — Como você mesmo disse: a mente tem cada coisa.

— Que louco isso, né? — ele comenta, um pouco nostálgico.

O garçom vem caminhando, equilibrando com maestria dois pratos grandes. Ele serve a mesa e, com um sorriso no rosto, pergunta ao casal se eles desejam mais alguma coisa. Karin diz que não, porém Thiago pede a ele uma informação, em um espanhol intermediário que faz Karin sorrir.

— *Você sabe me dizer onde encontro um Karaokê Bar aqui em Acapulco?*

O funcionário demora a processar as palavras ditas por Thiago, porém, assim que as compreende, responde, da maneira mais lenta e pausada que consegue:

— *Senhor, nós temos algumas opções, algumas são aqui perto do hotel. Pessoalmente, não sei indicar a melhor, porém, posso perguntar aos meus colegas.*

— *Ah, não se incomode.*

— *Imagina, senhor, será um prazer.* — O garçom responde e se retira de perto dos dois, provavelmente para buscar a informação que o rapaz pediu.

— Karaokê? — Karin diz, com um tom incrédulo e um pouco debochado.

— Eu tenho gostos peculiares...

— Ah, não! — ela protesta. — Mas essa de Karaokê não é coisa de

Chaves...

— Não, não é. Eu *adoro* karaokês. Adoro. Mesmo.

— Essa eu quero ver.

— Uai, vamos? Ou você tem algum plano para hoje a noite?

— Plano foi uma coisa que eu não trouxe para essa viagem, Thiago.

Ainda estou me perguntando como e por que vim parar aqui.

O rapaz sorri.

— Foi pelo meu charme, lembra?

— Claro, o charme. — Ela devolve o sorriso.

No fundo, Karin sabe que foi *exatamente esse* o motivo.

CAPÍTULO VI

Karaokê Pausini

As ruas de Acapulco lembram as ruas de alguma cidade litorânea do Brasil. Pelo menos, é o que Thiago enxerga ao sair do hotel. Os faróis dos carros, as pessoas, o vento, o casal de brasileiras conversando perto de onde ele está, enquanto esperam um táxi.

Acapulco não tem muitos turistas internacionais. Ela costuma atrair os próprios mexicanos, vindos especialmente da Capital. Porém, a cidade, em específico, talvez, aquele hotel, atraindo muitos brasileiros. A paixão por Chaves, ou El Chavo del Ocho como é conhecido ali, é o que costuma trazer tanta gente.

Gente como Thiago e Karin.

Nunca compreendi muito bem o amor de Karin por aquele seriado, ela dizia que era uma paixão herdada da mãe e depois sempre matava o assunto. Confesso não ter me interessado em saber mais, Karin sempre amou muitas coisas.

— Decidiu para onde vamos? — Ela aparece, enroscando seu braço esquerdo no direito de Thiago.

— Sim — ele responde, simplesmente, e não diz mais nada, apenas caminha com Karin até um dos táxis que estão parados em frente ao hotel.

O lugar é exatamente como Thiago havia imaginado: a predominância de verde e vermelho, jovens reunidos prontos para zoarem uns aos outros, e algumas pessoas avulsas, aparentemente presentes ali apenas pela bebida (ou para ver o mico dos turistas).

Thiago está pronto para dar o melhor de si: beber e fracassar, mas esse não parece ser o plano de Karin.

— Você estava mesmo falando sério quando falou do Karaokê — ela constata o óbvio.

— Achou que eu estava brincando?

— Você está em Acapulco! De tantas coisas para fazer aqui à noite, você escolhe isso? — Ela abre os braços, como se apresentasse o lugar a Thiago.

— Sim. Exatamente isso — o rapaz responde de maneira ríspida,

fechando a cara de uma vez, como se tivesse acabado de ver alguém que detesta. Karin pensa em perguntar o motivo daquela mudança de humor, porém, já não tem mais idade para bancar a psicóloga, muito menos para ficar ouvindo lamúrias. Só que também não aceitaria que Thiago a tratasse mal, por motivo algum.

— Ei! Tenha calma! Só fiz uma pergunta.

— Me desculpa, não queria ter sido ríspido. É só que... — Por um breve segundo, pensa em dizer a verdade, no entanto, a verdade, ali, estragaria tudo. — É como se algo estranho tivesse passado por mim. Uma sensação.

Karin lança para ele um olhar em um misto de incredulidade e zombaria. Mas eu duvido que Thiago o tenha compreendido. É preciso conhecer Karin melhor do que aquilo para decifrar seus olhares.

— Bom, não importa — ela desdenha. — De todo jeito, gostei da ideia — diz, passando o olhar pelas mesas, até encontrar uma que lhe agrada. Sem falar mais nada a Thiago, vai caminhando até o local. O rapaz a segue, calado. Ele pensa no quanto foi burro, mas sabe que não conseguiria controlar aquele súbito ataque de mau humor. Ele sabe que muitas coisas vão ficar incontrolláveis dali em diante.

1,2,3,7 shots depois e Thiago já está anestesiado. As dores na cabeça e no corpo, cuja causa desta última ele desconhece, parecem ter desaparecido. O rapaz sabe que elas estão ali, por baixo de todo aquele álcool, mas o importante é não senti-las.

Karin não foi embora e ele não sabe o porquê. A noite está sendo um fracasso, os dois mal conversaram. Para um primeiro “encontro” (americanizando completamente esta história), esse silêncio é inaceitável. Mas e quem disse que aquilo ali seria um encontro? Se eu desamericanizar o significado, sim, é. O encontro pelo qual Karin esperou a vida inteira, enquanto Thiago perdia seu tempo, como fazem os jovens que escolhem o curso errado na universidade.

E o tempo é precioso demais para ser perdido. Hoje, Thiago sabe disso, porém, está alterado demais para mudar qualquer coisa. Então, ele se levanta e vai até o banheiro. Não porque precisa, mas porque não aguenta mais lidar com o medo de iniciar algo que não vai durar. E Thiago sabe que iniciaria muitas coisas com Karin, se ela quisesse. Ele soube assim que a viu chegar ali. Ele sabe todas as vezes que a espia pelo canto do olho e sente o coração sambar.

Ele sabe.

Assim como sabe que vai morrer.

Credo, como estou pessimista. Thiago se policia. Eu no lugar dele estaria pior. Muito pior. Provavelmente fazendo cenas dramáticas com direito a deslizar pela porta até me sentar, em posição fetal, no chão. Eu não estaria tentando viver nada, estaria lamentando por todas as coisas que não teria tempo de realizar, por todos os projetos em aberto, as pendências.

É por isso que esta é uma história sobre Thiago e não sobre mim.

O rapaz se encara no espelho e gostaria de dizer que não se reconhece na imagem que vê, mas seria mentira. Ali, naquele reflexo de si, vê todas as derrotas, todas as dores, vê uma vida inteira de silêncio, e arte, e vontade de ser mais do que sempre foi. Ele vê o que é, o que não pode mais mudar e sequer sabe se gostaria. Ele vê Thiago, com seus olhos castanhos o encarando de volta. Vê Thiago e a pequena cicatriz por cima da sobrancelha, dizendo que ele deveria ter arriscado mais e até errado mais, feito o que queria fazer. Em sua lápide, nada de *My way* ou *I lived*. Em sua lápide fria, Epitáfio e arrependimentos.

Sou fraco demais para beber, constata, ao notar que seu pessimismo para com a vida está dez vezes pior. O rapaz joga um pouco de água no rosto e o seca em seguida, depois sai do banheiro, na esperança de ter deixado o Thiago triste preso naquele espelho.

Logo ao pisar no bar, os acordes da canção e a voz o alcançam. E, mesmo não a vendo, ele sabe que Karin está cantando.

Era uma canção que ele não conhecia, mas seu espanhol até bom permitiu que ele compreendesse a letra, enquanto caminhava de volta para a mesa dos dois.

No me aceptaste como soy,

Y cada vez que yo extendí mis alas,

Tú me las recortabas.^[1]

Karin parece sentir cada frase daquela canção sobre alguém que se liberta de um relacionamento ruim e percebe que tem asas para voar, para ser livre, e que ninguém vai derrubá-la. Ninguém nunca mais vai cortar aquelas asas. Thiago, de algum jeito, se reconhece naquela música, porém, no fim das contas, percebe que sempre fora ele seu principal sabotador. Ele quem deixou Marcela tomar conta de tudo, até mesmo do espaço que deveria estar reservado para ele mesmo.

A canção acaba e as reações são normais: os presentes, que

provavelmente nem estavam ouvindo direito, aplaudem automaticamente e sem emoção. Thiago é o ponto fora da curva. Levanta-se, aplaude e grita, como se Karin fosse uma artista internacional. Ela ri e começa a caminhar até a mesa onde ele está. No entanto, Thiago vai até Karin, pega em sua mão e a conduz de volta ao microfone.

Em silêncio, ele vai passando as primeiras opções de música. Não reconhece nenhuma de nome. As pessoas do bar, antes atentas aos dois, voltam aos murmúrios de sempre. É quando o rapaz encontra uma música conhecida e a seleciona.

— Quanto você bebeu? — ela questiona, com humor.

— O bastante, acredite. Você conhece? — Ele aponta para a tela, o contador começa do três. Karin apenas faz que sim com a cabeça, pega o segundo microfone e espera a letra da música aparecer. É a versão com Alejandro Sanz. *Perfeito, um dueto!*, ela pensa antes de cantar a primeira frase.

No necesito más de nada ahora que

Me iluminó tu amor inmenso fuera y dentro^[2]

Karin canta muito bem, é um fato. Thiago... Bem, ele canta dignamente. Ou seja, dá pra ouvir sem querer arrancar os tímpanos. Contudo, os dois ficam bem juntos. As vozes combinam, se equilibram, é como se uma luz se acendesse em um cômodo escuro, como se os dois brilhassem, mas em um brilho só, único.

Aquela apresentação o bar inteiro aplaude com fervor. Assim como aplaude as que vem a seguir. Os dois se empolgam e o público também. No fim da noite, Karin e Thiago já estão cantando canções clássicas do México as quais sequer conhecem, acompanhados pelas pessoas do bar.

O que começou desastroso, pelo mau humor de Thiago, acaba ficando insanamente engraçado. Quando os dois saem do Karaokê já é madrugada. Caminham juntos pela rua, coisa que não fariam se estivessem sãos.

— Eu amo o México! — Thiago diz, entre uma gargalhada, levantando os braços. As palavras não saem como ele imaginara, já tropeçando em si mesmas.

— Eu amo Acapulco — Karin acompanha. — Quero voltar aqui muitas vezes.

A risada de Thiago morre. Não que aquela chave que o transformara de repente no babaca de mais cedo tivesse sido virada, mas a alegria do momento cai ao chão como uma bola de basquete cai da cesta.

Ele também queria. Parte dele, a parte quase toda dele, na verdade, queria era ficar ali para sempre, com Karin e Karaokês e músicas típicas e vento e praia e toda aquela alegria que sentira segundos antes. Thiago só queria que coisas boas como aquela durassem ao menos um *pouquinho* mais.

CAPÍTULO VII

A ressaca, a prisão

Controlar um sorriso bobo é, definitivamente, uma das coisas mais difíceis que nosso cérebro tenta fazer. E falha. No caso de Karin, ele *sempre* falha. Karin mente feito uma atriz que coleciona óscar, mas o sorriso bobo a entrega, sempre a entregou. Não que ele seja uma mentirosa compulsiva, na verdade, não costuma mentir, apesar de *saber* fazer isso. Ela é tão boa porque é especialista em mentir para si mesma.

— Não é nada demais — diz baixinho, enquanto termina de arrumar a cama (sim, ela arruma camas de hotel). Ela checa se está tudo certinho, sem dobras e, em seguida, senta-se em uma poltrona sem estilo. Pega o celular e destrava a tela. *Foi só uma noite legal. Só estou de ressaca, me sentindo uma adolescente. Só me diverti como não fazia há muito tempo. Não é por Thiago. É por mim.*

Ah, tá, Karin.

Quase que no automático, abre o Instagram. Só vê fotos de gente fingindo estar feliz e se pergunta por que ainda segue esse povo. Depois, vai para o Facebook. Há muito tempo não posta nada ali, então, só tem notificações de joguinhos, gente a marcando em coisas antigas e Elis compartilhando com ela vídeos de gatinhos. Karin ama gatos. Mais uma das muitas coisas que ela ama e eu sou incapaz de entender a razão.

Nas mensagens, uma solicitação.

É quando o corpo dela congela. O coração acelera. Karin pensa em ignorar, mas, se for Marco, ela precisa notificar a polícia, os seguranças, o capeta, qualquer um que a ajude.

É Marco. Ela sabe que é. Mesmo criando um perfil fake com um nome diferente, ela sabe que é ele. A mensagem, que a mente dela insiste em ler, mas gostaria de ignorar, diz apenas:

Não adianta tentar fugir de mim.

De algum jeito que Karin desconhece, Marco sabe que ela não está no Brasil. De algum jeito completamente doentio, ela sabe que Marco nunca a deixará em paz.

Maldita hora em que quis abrir o Facebook só para espionar o que as pessoas da editora estão fazendo sem ela. Maldito segundo. Maldita decisão

burra.

Marco tem o poder de estragar tudo. Ele consegue tirar o sorriso bobo do rosto de Karin, sem precisar de mais que seis palavras. Marco é mais ágil, forte e invencível que o cérebro de Karin. Isso ela sempre soube. Quando ele a controlava, a deixando sem escapatória, sem ter como argumentar, algo dentro dela sempre gritava, sempre tentava fugir. Mas as palavras de Marco nunca deixaram. Sempre foram a prisão perfeita.

E Karin continua presa. Mesmo ali, a quilômetros de distância, ela está presa.

Em um gesto nervoso, bloqueia a tela do celular e o joga em cima da cama, recém-feita. Veste a primeira coisa que encontra na mala e sai, decidida a pedir que a troquem de quarto. Marco é como uma praga: contamina tudo o que toca, tudo o que o cerca. Contaminou aquele quarto com *uma* mensagem, porque contaminou Karin, ainda mais do que ela já estava contaminada. E, apesar de saber que o medo, a indignação e a tristeza estão *dentro* dela, Karin prefere sair dali. Crê que vai se sentir menos sufocada em um lugar novo.

Na verdade, ela não sabe mais o que vai sentir. Pensou que, ali, com Thiago, sentiria algo novo, diferente, puro, intocável. Teve a ilusão de que Marco não a alcançaria em Acapulco. Porém estava errada. Ela devia saber que ele sempre a alcança. Sempre.

Sem perceber, já está chorando. E desce pelo elevador assim: em prantos. Seca as lágrimas antes de chegar ao saguão, faz o que seu cérebro pede e solicita que a coloquem em outro quarto. A funcionária do hotel olha para Karin e parece ler o que ela está sentindo. Karin não sabe como, mas aquela mulher a compreende. Aquele tipo de sentimento deve deixar alguma marca em comum, invisível aos olhos de qualquer um que nunca tenha passado por algo semelhante.

— *Precisa de ajuda, senhora?* — a funcionária pergunta, em um tom amável.

— *Não, obrigada. Vou ficar bem!*

— *Se precisar, chame* — E sorri.

— *Chamarei. Obrigada.*

Thiago está na praia, em frente ao hotel. Pelo momento em que Karin o observa, ele parece perdido, triste, então, senta-se na areia e passa a observar o oceano. A moça se aproxima e se senta ao lado dele, no entanto, arrepende-

se na mesma hora. Ocorre-lhe que talvez Thiago esteja confuso e triste por causa de Marcela. Ocorre-lhe que a presença dela ali o incomoda mais que ajuda.

Karin sabe que a separação de Thiago é recente demais e, por isso, sabe que não pode se permitir envolver mais do que deve. Ela não pode esperar mais dele. Então mente para si mesma: *só cantamos meia dúzia de duetos românticos juntos.*

— Eu nunca tinha visto o Pacífico — ele comenta.

— Não?

— Não. E nem tinha percebido isso até agora. Você já deve ter visto todos, né? Os oceanos. — Thiago a encara.

— Ah, não sei. Acho que sim. Nunca pensei nisso. E olha que é o tipo de coisa que eu pensaria, sei lá, colocaria em uma lista de coisas que já fiz.

— Você tem uma lista de coisas que já fez?

— Tenho uma de coisas que ainda não fiz.

— Por que aquilo que *não* vivemos é mais importante do que aquilo que *já* vivemos?

A moça não sabe o que responder. A pergunta fica martelando dentro dela. Karin já fez tantas coisas na vida, coisas boas, viveu momentos únicos, conheceu tanta gente... Por que aquilo que ela deixou de viver seria mais importante que tudo aquilo que havia vivido? No fim, a história de cada um é feita de *vida* e não das possibilidades escondidas dentro de um desejo que nunca foi realizado.

— Porque somos uns idiotas ambiciosos! — ela responde, por fim.

Ele ri.

— Pensou esse tempo todo pra chegar a *essa* conclusão, milionária?

— Uai, mas é a verdade. É o que somos.

— É o que somos — ele acaba concordando. — Mas... Somos mais que isso, não somos?

— Não sei, Thiago.

— A gente nunca vai fazer tudo o que quer, porque a gente sempre vai querer mais.

— Ou seja...

— Idiotas ambiciosos. Mas não seria essa a força que nos move? Não é isso que é a vida: buscar sempre mais?

Karin suspira.

— Filosofia não é bem a minha área.

— Percebi pelo “idiotas ambiciosos”.
— Mas por que isso agora, Thiago? Filosofia uma hora dessa da manhã?
— Já são duas da tarde.
— O quê? — Karin dá um pulo e se levanta de repente.
— Você não olhou no relógio?
— Não. — A voz dela se perde. Ficou tão abalada pela mensagem de Marco que esqueceu até de verificar que horas eram, perdeu a fome, perdeu o sorriso. — Vou caçar um trem pra comer. Você já almoçou, Thiago? — ela questiona, olhando pra baixo.
— Ainda não.
— Vamos juntos?
Ele sorri.
— Eu estava esperando a milionária me convidar.

Almoçaram no mesmo lugar que no dia anterior, Thiago até pensou em convidá-la para almoçarem perto da piscina, mas ele mesmo estava cansado do lugar. Sim, ele estava cansado da piscina do Chaves.

O rapaz não dormira. Quando chegaram ao hotel, Thiago até tentou fechar os olhos, porém a cabeça tinha voltado a doer e, mesmo tomando duas pílulas, ela não parava de latejar. Desceu até a piscina e lá ficou, observando as árvores, a água, o vazio. Todos pareciam estar dormindo, o hotel estava em silêncio e dava para ouvir o barulho do mar. Quando se cansou de ficar ali sozinho, foi até o bar, onde ficou conversando com o homem que servia as bebidas. No entanto, não bebeu, apenas ficou lá, sentindo aquela dor e desejando que ela parasse logo.

— Cê tá com uma cara péssima, Thiago. Isso tudo é ressaca? — Karin pergunta, enquanto anda ao lado do rapaz, pelo caminho que os leva de volta à praia.

— É — ele mente, antes de soltar uma risada nervosa. — Acho que bebi além da conta. Apesar que, pra mim, qualquer coisa é além da conta.

— Mas foi divertido! — Ela sorri. Ele para e a olha por um instante. — O que foi?

Thiago pensa em contar tudo para ela, no entanto, muda de ideia e deixa as palavras permanecerem presas à garganta, arranhando, tentando fugir dali. *Eu acho que vou morrer, Karin.*

— Nada. É só... Aconteceu alguma coisa com você?
— Quê?

— É, você parece distante. Durante o almoço olhou para o lado mais vezes do que alguém em um estado normal faria. Viu alguém aqui? Alguém conhecido?

— Não — ela responde baixinho. — É... — Ela escolhe um quiosque e se senta ali, Thiago a acompanha, sentando-se em uma espreguiçadeira ao lado dela. — Eu tive um relacionamento — começa, ainda decidindo até onde vai contar. — Um *péssimo* relacionamento.

Karin para de falar. O rapaz percebe que não é um assunto fácil para ela, então, não questionada nada.

Após vários minutos olhando as ondas quebrarem na praia, Karin diz:

— Não quero falar disso. Não quero trazer nada dessa história pra cá.

— Tudo bem.

— Eu queria fingir que isso aqui tudo é um mundo paralelo e que nada pode me atingir.

— Eu também.

— Mas a gente vai voltar, um dia. Você provavelmente voltará para Marcela e eu para meu trabalho, e Acapulco vai ter sido um sonho.

— Não — ele só responde isso e não diz mais nada. Karin o encara por longos segundos, esperando que ele fale algo, que argumente, mas Thiago está mais distante que ela. Quase inalcançável.

Uma atendente se aproxima e pergunta se eles vão querer alguma coisa. Karin pede uma água de coco e, ao ver que Thiago segue aéreo, muda o pedido e solicita duas águas de coco para a mulher, que não demora em trazer as bebidas. Thiago parece acordar, agradece a atendente, pega o coco e olha para Karin.

— A gente devia fazer isso.

— O quê?

— Viver como se isso aqui fosse um sonho. Porque, querendo ou não, é.

Distraídos um no outro, não percebem quando a tarde passa. Thiago observa o sol dar sinais de que está indo embora, então, pede para que Karin espere por ele ali na praia e vai correndo até o hotel.

A conversa com a moça estava tão boa que Thiago nem percebeu que o efeito dos analgésicos já havia passado. A cada passo que dá, parece que algo é chacoalhado dentro de sua cabeça. A cada passo, uma tortura. Então, ele nota que está se sentindo fraco. Algo está errado. Muito errado. Tudo fica preto. E, antes que Thiago compreenda o que está acontecendo, ele cai na

piscina.

UM AMOR PARA KARIN

I

Paris - Maio de 2012

Ela caminhava pelas ruas de Paris, como se fosse a estrela de um clipe romântico. *A cidade do amor!* Karin suspirou, olhando a fachada do café.

— Ok, vamos lá! — sussurrou para si mesma.

Elis acenou para ela, assim que a viu entrar no espaço. A amiga de faculdade de Karin estava acompanhada de outra moça, uma garota branca, de cabelos castanhos longos.

— Ka, essa aqui é a amiga escritora que te falei — disse, apontando a mão esquerda para a garota ao seu lado.

— Oi, prazer. Rafaela. — A moça cumprimentou Karin com um sorriso e um aperto de mão leve.

— Oi, Rafaela — Karin respondeu, encarando os olhos castanhos da garota sem se preocupar com muita coisa a sua volta. Sentou-se em seguida, fez seu pedido para a atendente, falou algumas coisas com Elis, porém o olhar não desviou de Rafaela nem por meio segundo. E quando esta se levantou para cumprimentar um amigo que chegara ao café, Elis comentou:

— Disfarça, Karin.

— Nem quero tentar. — E deu uma risada.

— Então, pelo menos, conversa com a Rafa. Ela é legal, meio maluca, mas legal. — Elis se levantou e sussurrou no ouvido da amiga: — E gosta de meninas. — Com uma piscadela, afastou-se da mesa, deixando Karin sozinha ali com aquela informação, até a volta de Rafaela.

— Uai, cadê a Elis?

— Não faço ideia. Ela só saiu. — Karin fez um gesto com a mão.

— Uma doida! — Rafaela riu.

— Você é de Minas, né?

— Percebeu pelo “uai” ou pelo sotaque?

— Pelos dois. Também sou mineira, mas não tenho sotaque.

— Tem, sim.

— Eu tenho? — Karin questionou, surpresa.

— Tem. — Rafaela sorriu e olhou para as próprias mãos. Um gesto da timidez que a garota tentava disfarçar com seu jeito extrovertido. Era possível ser as duas coisas, Rafaela era a prova disso.

— Cê jura?

— Olha aí. Sotaque.

— Gente, eu paguei fonoaudiólogo à toa?

— Pra que você pagou fonoaudiólogo? Pra tirar o sotaque? Por quê?

— Eu era uma adolescente rica e idiota.

Rafaela sorriu, bebendo um pouco de seu café e encarando Karin por um momento, julgando-a:

— Você tem mesmo cara de rica.

— Jura? As pessoas costumam me dizer o contrário.

— Por quê?

— Porque eu sou negra, provavelmente. Antes da roupa cara, eles veem a cor da minha pele, a textura do meu cabelo. Não tem como fugir.

Rafaela não soube o que dizer. Nunca sabia. Tantos anos sendo amiga de Luísa e não aprendeu nada. Não fazia ideia do que era ser julgada pela cor da pele, nunca faria. Então apenas terminou seu café em silêncio, na esperança que Karin dissesse alguma coisa. Ela o fez.

— E aí, gostando de Paris?

— Não. Odiando. Não vejo a hora de sair desse lugar.

— Sério? Mas, gente. Paris é tão linda. A cidade do amor — disse, num tom deslumbrado. Rafaela lançou para ela um olhar de julgamento. — Você não faz o estilo romântica, né?

— Não — lamentou, ao mesmo tempo em que torcia para que Karin não se importasse com aquilo.

— Fazer o quê? Ninguém é perfeito!

— Isso é uma frase feita ou um elogio?

Karin apenas sorriu e bebeu seu café. Mas a maneira como olhou para Rafaela em seguida respondeu por ela.

As duas caminharam por uma ruazinha de pedra, lado a lado, sorrindo e conversando bobagens sobre adolescência, primeiros amores, cartas e confissões. Era como se alguém tivesse as dirigido e tratado as imagens em tons pastel.

Pararam de frente para um jardim. O dia estava começando a escurecer e Elis havia sumido. Karin descobriria depois que ela sumira com o amigo de

Rafaela. Mas ali, naquele momento, a moça só queria saber de descobrir Rafa e suas histórias extraordinárias sobre a quantidade de aventuras que alguém pode viver em uma cidade do interior. Ou sobre música emo e livros inacabados. Ou sobre qualquer coisa que viesse dela.

Em frente àquele jardim, perfeito demais, Karin se aproximou lentamente de Rafaela quando esta se distraiu com uma lembrança de um passado nem tão distante. E Rafa era perfeita até na maneira como parava de respirar e arregalava os olhos castanhos, meio tortos. No jeito como abriu a boca em surpresa quando Karin tocou seu braço e, logo em seguida, seu rosto. Ou como seu corpo tremeu um pouco quando Karin a beijou, devagar e sem cerimônia.

Ali, de frente para aquele jardim, Rafaela era perfeita. E, como tudo o que é perfeito, não durou para sempre.

— Se for pra ser, nos encontraremos de novo — Rafa disse, ao terminar de fechar sua mochila, onde carregava tudo o que tinha, em suas viagens pelo mundo.

— Isso me lembra um filme... Aí, caralho, esqueci o nome. — Karin se levantou da cama onde passara praticamente todos os dias de sua estadia em Paris.

— Escrito nas estrelas.

— Você não tem cara que gosta de comédias românticas, Rafa. E eu sou boa em ler as pessoas.

— Eu amo comédias românticas — mentiu com a cara mais lavada. Karin olhou para ela com uma cara desconfiada. — Mentira, não gosto. Só que me lembro de ter visto esse filme na TV e achado uma besteira hétero isso de “se o destino quiser, vamos nos encontrar”.

— Mas está usando essa besteira hétero agora...

— Vamos para lugares totalmente diferentes, Karin. Eu queria que nossos caminhos se cruzassem de novo, não menti. Mas os caminhos são diferentes demais.

— E você sempre foge assim?

— Sempre. Eu faço drama e fujo — confessou, sem nem tentar se defender.

Karin sorriu, antes de dizer:

— Ok. O mundo é grande, se for pra gente se ver de novo, por puro destino, vou começar a acreditar de verdade nas histórias das comédias

românticas.

— Você *já* acredita.

Karin apenas sorriu, fingindo estar constrangida.

— Não sou a única boa em ler pessoas por aqui.

— Ajuda na hora de escrever... Sabe? Ler as pessoas — Rafaela comentou, sentando-se ao lado de Karin e acariciando o rosto da garota.

— Espero que você consiga terminar o livro. Pelo menos um deles.

— Eu também espero. E que você também termine o seu.

— Acho que isso não vai acontecer nunca — Karin falou, abaixando a cabeça.

— É só você parar de achar que vai escrever sobre o amor da sua vida.

— Continua zoando meu sonho que eu te jogo uma praga.

— Não tô zoando seu sonho, Karin, mas...

— Eu vou te praguejar — Karin ameaçou, em tom de brincadeira, beliscando as costelas de Rafaela.

— Para — pediu, rindo. Karin parou.

— Mas é sério, Rafa. Você é tão antirromance, que acho que seu primeiro livro vai ser um romance.

— Ai, credo. Vira essa boca pra lá. — Ela afastou de leve o rosto de Karin, que logo deu um jeito de encarar Rafaela.

— Eu vou rir muito quando isso acontecer — disse, dando um selinho em Rafa. — Eu vou rir *demais*!

CAPÍTULO VIII

Pôr do sol em Acapulco

A água quente deixa uma marca vermelha nas costas brancas de Thiago. A dor de cabeça é tão forte que tem momentos em que ele sequer a sente, como se seu cérebro desligasse aquela parte. O rapaz sabe que não vai aguentar muito tempo daquele jeito.

Ele termina seu banho de emergência, sai do boxe, se seca, enrola a toalha na cintura e sai do banheiro. No quarto, encontra Marvin, o funcionário que lhe socorrera e lhe tirara da piscina alguns minutos antes.

— *Está tudo bem mesmo, senhor?* — o jovem pergunta, preocupado.

— *Está sim.* — A cara de dor de Thiago não ajuda a mentira a ficar minimamente convincente.

— *Consegui o que o senhor pediu.*

— *O que eu pedi?*

— *Sim, o violão. O senhor me pediu enquanto eu o ajudava a subir até o quarto, lembra-se?*

— *Sim, sim. Verdade.*

— *Está tudo bem mesmo, senhor? Precisa que eu chame alguém?*

— *Não, por favor. Só peço para que não comente nada com a moça que está comigo, caso nos veja juntos. Tudo bem?*

— *Sim, senhor.*

Thiago não espera o efeito dos comprimidos, desce logo para se encontrar com Karin, na esperança de que ela tenha esperado todo aquele tempo. Ele sai do hotel com pressa, observando o céu. Ainda não escureceu. O momento é perfeito. O rapaz procura por Karin durante alguns segundos e não a encontra no local onde estavam antes.

Karin está perto do mar, com os pés tocando a água e os olhos fixados em algo muito distante dali. Ele se aproxima em silêncio, observando a tatuagem que ela tem nas costas. É uma árvore de flores rosas. O rapaz segura o desejo de perguntar a ela o significado do desenho, pois acha que seria inconveniente.

Karin o sente chegar.

— *Esse lugar é o paraíso!* — ela comenta sem olhar para ele. — *Eu já*

viajei tanto, Thiago, conheci tantos lugares, mas nunca senti o que estou sentindo aqui.

O rapaz não sabe o porquê, porém seu coração acelera tanto que parece explodir em mil pedaços, se refazer e explodir de novo, a cada batida. De alguma forma, ele ouve o que Karin diz como uma declaração e, mesmo sabendo que não deve, fica imensamente feliz.

Karin se vira para ele, por fim, e só então percebe que Thiago trouxera um violão.

— Eu sabia que você não perderia essa chance! — Ela sorri, estreitando os olhos ao notar que o rapaz está vestindo uma roupa diferente e com os cabelos molhados, no entanto, não comenta nada. Karin desvia o olhar para o horizonte, na direção do sol que se põe. Em seguida, caminha um pouco, como se escolhesse o lugar perfeito, e se senta na areia, sem dizer uma palavra sequer.

Thiago se senta de frente para ela e acomoda o violão sobre as pernas. Ele não sabe muito bem como tocar de verdade o instrumento, mas finge, dedilhando a melodia que Karin já ouviu antes. Em uma voz desafinada, porém agradável, o rapaz começa:

— *Quantas vezes, como agora, a reunião se estendeu.*

A moça o acompanha:

— *Até que chegou a aurora e nos surpreendeu.*

E terminam de cantar juntos, transformando aquele pôr do sol em um momento que deveria ter sido inesquecível.

Ao finalizarem a canção (e a cena) do Chaves, Karin e Thiago permanecem em silêncio por muito tempo, apenas observando o sol terminar de ir embora. O rapaz toca algumas melodias no violão, baixinho, até que uma delas chama a atenção de Karin.

— Essa música me lembra uma garota — ela diz, contudo, sua voz soa distante.

— Não sabia que você era do tipo...

— Do tipo que gosta de garotas? — interrompe.

— Não. Do tipo que gosta de pop rock brasileiro — disfarça.

— Eu ouço. Já ouvi mais.

— Por causa da garota?

— Sim.

— É a tal escritora que você falou ontem?

— É. O nome dela era Rafaela.

Thiago sente como se alguém tivesse socado seu estômago. *Então é isso que a deixou triste? A ex de Karin morreu?*

— Eu sinto muito... — ele começa, no entanto, Karin o interrompe, sorrindo.

— Não. Ela não morreu, se é o que você está pensando. É só que... Quase ninguém a chama assim hoje em dia.

— Ah, pensei que você estava triste desse jeito por conta dela.

— Não! A Rafa foi a parte *boa* da minha vida.

— Uai, mas eu me lembro de você ter dito que nunca havia amado alguém...

— Será que amei? Se eu amei, quer dizer que amor acaba. E ainda torço para isso que eles dizem ser amor, na verdade, ser outra coisa.

— É amor, Karin.

— É sempre amor, mesmo que acabe^[3] — ela diz, com um sorriso triste.
— Eu só queria encontrar algo que durasse para sempre.

— Sempre — Thiago repete, como se cantasse a palavra. — Eu pensava que fosse ficar *para sempre* com Marcela.

— Vocês ainda podem ficar juntos, Thiago. É recente...

— Não, Karin, não podemos. Eu e Marcela já acabamos faz muito tempo. O que permaneceu conosco foi a conveniência, o medo da mudança e do novo. E amor, sim, mas um amor que *mudou*. Se transformou em um carinho que não era suficiente para nenhum dos dois. As diferenças falaram mais alto, as brigas, as desavenças. Às vezes o amor perde pra rotina.

— Esse não é o tipo de amor que eu quero.

— Mas talvez esse seja o único amor que alguém poderá oferecer a você.

Aquelas eram palavras semelhantes às que Karin já ouvira antes. No fundo, a moça sabia que o amor ideal que buscava só existia em livros e novelas. Sabia que até a história de amor mais perfeita que ela conhecia, a de seus pais, não acabava em final feliz. Porque não existem finais felizes e nem amores perfeitos.

E é essa certeza que a silencia. Thiago continua lá, sentado, arrancando o melhor que consegue do violão. Não arrisca cantar nada, até ela lhe fazer um pedido:

— Canta alguma coisa.

— Já está escuro, talvez seja melhor a gente ir — ele sugere.

— Ah, não vem tentar fugir. Canta alguma coisa. Qualquer coisa. Não precisa ser romântico.

— Tá bom — ele concorda antes de começar a tocar Amor maior, do Jota Quest.

Quero um amor maior que eu.

Os olhos brilhantes de Karin e a maneira como ela sorri ao ouvi-lo cantar fazem com que Thiago queira continuar ali cantando até o dia escurecer de vez.

— Eu queria saber tocar alguma coisa do Ed Sheeran. Você tem cara de quem gosta de Ed Sheeran — ele diz, logo após terminar a música.

— Sou uma pessoa previsível. Eu falei para você que nem minha vida e nem eu somos interessantes.

— Discordo. Você é a mulher mais interessante que eu já conheci, apesar de esse ser um adjetivo muito pequeno para você — Thiago fala rápido, mal percebe o que diz, apenas deixa que as palavras saiam.

— Imagino que seja uma lista bem grande de mulheres — ela debocha, em um tom de sarcasmo.

— Posso não ter sido um cara rodado... — Ele mesmo ri da palavra, antes de continuar: — Mas sei o que estou falando. Você é incrível, Karin.

Incrível, inteligente, bonita; quando sorri, seus olhos se fecham e, quando fala sobre algo, parece que está dizendo a coisa mais importante do mundo. Você é incrível, Karin, quando seus olhos brilham ao ler as pessoas como se elas fossem livros bons, quando suas mãos são capazes de melhorar qualquer coisa que elas toquem, quando, em seus sonhos, crê que o amor é maior do que tudo. Você é incrível, Karin, e eu não acredito que te perdi.

CAPÍTULO IX

Varanda

Quando eu era mais jovem, acreditava que viver era aproveitar tudo o que eu pudesse. Era conhecer lugares e pessoas, fazer amigos, curtir as festas. Quando conheci Karin, não percebi que viver era mais do que viajar, não vi que a liberdade não era ir a todos os lugares possíveis e, sim, saber permanecer quando os pés querem continuar fincados no chão.

Os pés de Karin sempre quiseram estar fincados em algum lugar, onde seus braços fossem capazes de alcançar alguém, sem prender ou prender-se demais. Ela sempre soube muito bem o que queria. Às vezes, isso atrapalha mais do que ajuda.

— Ele pode dizer que não, mas ainda ama Marcela. Não vou me meter nessa história. Thiago vai voltar, quando tudo isso acabar, vai voltar e ela estará lá, esperando por ele.

Essa mania que Karin tem de conversar sozinha era uma das poucas coisas que tínhamos em comum. Em minha defesa, eu sempre conversei com meus personagens, Karin conversa com ela mesma. Com uma das muitas Karins que existem dentro dela.

— Ele ainda a ama — sussurra, levantando-se da cama.

Hoje, Karin não quer descer para o café. Está mexida com o dia anterior. A mensagem de Marco, as conversas com Thiago. É muita emoção concentrada naquela semana. Desde o dia em que atropelou aquele motociclista, sentiu mais coisas do que sentira nos últimos dois anos. E, se parasse para pensar bem, talvez tenha sentido mais do que sentira a vida inteira.

— Que merda! — Joga o travesseiro longe. — Não vou arrumar essa porcaria hoje. — Anda, nervosa, até o banheiro. Encara-se no espelho, repetindo para si mesma aquele mantra: *Ele ama a Marcela, ele ama a Marcela*, todas as vezes em que seu rosto a trai e sorri ao se lembrar do dia anterior. — Ele ama a Marcela, Karin, para de ser burra!

— Eu amo a Marcela — Thiago murmura, esfregando as mãos uma na outra. Estava se sentindo bem, a dor de cabeça havia dado uma trégua e aquela fora a primeira noite em que dormira de verdade em Acapulco.

Sonhara com Karin, é lógico que ele sonharia com ela. — Mas não desse jeito. — Ele se levanta, ainda esfregando as mãos. — E que jeito é esse? — Caminha até a varanda, observando a pedra que fica lá, solitária no meio do mar. — O que é isso que estou sentindo?

Pensa em ligar para Luan, porém não quer atrapalhar o irmão. Ele vem incomodando Luan e Leandro por tempo demais e sabe que, provavelmente, dias piores virão.

Karin veste uma roupa simples, não faz ideia do que fará hoje. Resolvera ir àquela viagem por puro impulso e, no fundo, não sente vontade alguma de explorar o lugar. A única coisa que deseja é continuar a conversa de ontem com Thiago, não importa se à beira do mar ou sentados em um karaokê. O telefone dela apita o recebimento de uma mensagem no Whatsapp. O coração acelera, como faz sempre, há dois anos. Contudo, é só Elis perguntando se ela está bem.

Ah, tô de boa, acho que me apaixonando pelo irmão do Luan, mas, de resto, tudo bem!

Ela não chega a digitar a mensagem que pensa, apenas responde um “estou bem, sim, quero voltar logo pra editora”. No entanto, pela primeira vez em anos, aquilo soa como uma mentira. Karin não deseja retornar, o que ela mais quer neste momento é ficar ali, em Acapulco, com Thiago, e que o resto vá para o espaço.

— Que merda! O que eu vim fazer nesse lugar, meu Deus?!

Como se fosse uma resposta divina, alguém bate à porta. Ela nem pensa antes de correr para atender.

— Oi — Thiago diz, de um jeito estranhamente tímido.

— Olá. — Ela sorri para ele e o deixa entrar.

— Eu vim te convidar para, sei lá, fazermos alguma coisa. Já tomou café? — ele questiona, entrando no quarto.

— Não. Acho que vou pedir para trazerem algo para mim.

— Aconteceu alguma coisa?

Aconteceu. Estou querendo fugir de você ao mesmo tempo em que quero correr até onde você está.

— Não. Só estou com um pouco de preguiça.

— Você se incomodaria de pedir alguma coisa para mim também? Pode ser só um café. Se a minha companhia não for te atrapalhar, é claro!

Droga!

— Não atrapalha, imagina! — Ela vai até o telefone, enquanto Thiago anda até a varanda, não se importando com o que Karin vai pedir. Na verdade, ele não quer nada, só ficar ali, com ela.

— Eu já disse que esse lugar é o paraíso? — A moça para ao lado dele e pousa as mãos sobre as grades da varanda.

— Acho que já. Algumas vezes. — Ele sorri e se vira para ela, escorando o cotovelo na grade. — Por que você veio? De verdade, sem... brincadeira.

— Eu estava lá na minha casa, escolhendo algum livro para ler, só que nada me chamou a atenção. — Karin olha na direção de Thiago, mas não em seus olhos. — Então, me sentei lá no meu sofá, pensando em como minha vida tem sido nos últimos anos, em como enfiei minha cara no trabalho, com medo de viver, com medo de ser livre e arrancarem isso de mim. Com medo de sonhar, me entregar e me decepcionar. Foi quando percebi que eu estava vivendo do jeito que *ele* gostaria: presa.

— Ele?

— É... Eu tive esse namorado, há uns quatro anos. A gente até ficou noivo... Mas era horrível.

Thiago mal se move. Sente que, se respirar, pode quebrar algo em Karin, então não diz nada.

— No começo, você sempre pensa que achou o cara. O sujeito é meio estourado, mas te dá flores, te trata bem, é simpático com sua família. Você vai ignorando os primeiros defeitos, os primeiros ataques de raiva. E não vê, simplesmente, não vê, até tudo estar... Pesado. A vida fica pesada. Respirar fica pesado. Estar na companhia daquele cara é insuportável, porém você acha que *deve* estar ali. E não consegue raciocinar direito, porque se reduziu tanto que não sabe de mais nada. Nem mesmo sabe quem é você. Sua vida se torna o cara. Não de um jeito bom, não porque você quer, mas porque não consegue controlar.

O rapaz não sabe o que falar, é como se algo tivesse se agarrado no meio de sua garganta, impedindo as palavras de passarem.

— É difícil sair dessa.

— Mas você saiu — Thiago diz.

— Eu acho que nunca vou sair dessa.

— Por que não, Karin?

— Porque eu ainda estou presa. Ainda olho o rosto de todas as pessoas em um lugar, com medo de que ele esteja lá.

Thiago sente os braços formigarem, é o corpo dele pedindo para que abrace Karin, é o que ele mais quer fazer. Porém, não consegue.

— Me passa o endereço desse babaca que eu vou lá meter o pau nele. Eu e meus *brother*.

— Os seus o quê?

— *Brother*.

Karin cai na gargalhada.

— Ai, Thiago... Você é engraçado, sabia?

— Eu? — Ele coloca a mão esquerda sobre o peito.

— É. Você. — Ela volta a rir. — *Os brother*...

— Uai! Eu não posso ter uma gangue? Não é porque eu tenho esse perfil mais... fino...

— Fino? — Karin ri ainda mais. — *Magrelo*, você quer dizer.

— Olha o bullying.

— Aposto que você não mata nem formiga.

— Eu gosto de formigas, tá? Elas ajudam o ecossistema.

Karin só consegue parar de rir quando o funcionário do hotel traz o café da manhã.

— *Olá, Marvin!* — Thiago cumprimenta o jovem.

— *Olá, senhor.*

— Foi o Marvin quem conseguiu o violão para mim ontem, Karin.

— *Ah, então, muito obrigada por isso* — ela agradece ao rapaz, e Thiago não sabe bem o motivo para a moça ter dado tanta ênfase na palavra “muito”.

— *Se precisarem de algo, só nos dizer* — Marvin fala, mas, antes de sair pela porta, se vira e olha para o casal no quarto, com os olhos brilhando. — *Muito obrigado, senhora!*

Quando ele fecha a porta, Thiago olha para Karin, cruza os braços e comenta:

— Esse garoto nunca viu uma gorjeta tão alta, né?

— Eu sou...

— Milionária! Eu sei! Mas conheço milionários, Karin. Eles não são assim.

— Eu não sou *eles*.

— Você é doida! — diz, rindo.

Agora que ele percebeu?

Os dois tomam café e almoçam na varanda, conversando sobre a vida, vez ou outra desviando o olhar para o oceano. Thiago tem mais dificuldade em fazê-lo. O rosto de Karin é o tipo de obra de arte que deixa sujeitos como Thiago (e eu) presos, até piscar parece pecado.

— Até hoje não sei como não me lembro de você, Karin! Fico forçando minha mente, mas, simplesmente, é como se eu nunca tivesse visto você na vida. Porém, *sei* que já vi. Faz algum sentido?

— Faz. Sinto a mesma coisa.

— Estranho, né?

— Sabe o que é mais estranho? Eu me lembro de ter te cumprimentado no casamento do Luan. Eu me lembro até de ter comentado com Elis sobre seus pais. Mas não me lembro de você, não tem nenhuma imagem na minha cabeça.

— Aquele dia foi tenso. Mas é a melhor lembrança que tenho.

— O que houve, Thiago? Com seus pais?

— Eles não foram. Não apareceram. Luan chorou por duas horas antes do casamento. E eu quase morri. Fiquei puto. Foi a segunda vez que fiquei tão puto na minha vida. A primeira foi quando eles expulsaram o Luan de casa. Ainda não sei por que a gente esperava que eles aparecessem no casamento. Acho que fui inocente de achar que o amor deles seria maior do que o preconceito — confessa, desviando o olhar para o chão, tentando disfarçar a lágrima que cai pela bochecha.

— E você não fala mais com eles?

— Eu já não falava antes, desde o dia em que expulsaram o Luan. Meu irmão fala com eles e eu não. — Ele para e olha para Karin. — Você não tem irmãos, né?

— Não.

— É um trem muito doido. Eles podiam ter me expulsado de casa, me cagado todo. Mas o meu irmão não. No meu irmão ninguém toca. — Thiago olha para baixo. — Acho que minha mãe sempre esperou que *eu* fosse gay, não o Luan.

— Imagino. — Karin sorri.

— Eu que sempre fui romântico, gostava de arte, detestava esportes. Você conhece o Luan. Ele sempre gostou de futebol, festas, sair com os amigos, enquanto eu ficava em casa assistindo a filmes de super-heróis e alienígenas. Então, ela esperava que *eu* chegasse em casa de mãos dadas com um namorado. Não o Luan. Deve ter sido por isso que nunca imaginei que ela

falaria para *ele* as coisas que disse. Aliás, mãe nenhuma deveria falar aquelas coisas pro filho.

Karin estava chorando, muitas das lágrimas eram culpa por ter desejado, durante anos, uma mãe que lhe dissesse qualquer coisa, mesmo horríveis, apesar de saber que Alice jamais faria isso. Não a Alice que o pai lhe apresentara através de histórias, aquela, com certeza, abraçaria a filha e amaria de qualquer maneira.

— Ninguém deveria ofender, expulsar nem maltratar ninguém por algo que a pessoa não é capaz de mudar. O Luan não merecia aquelas coisas, ele sempre foi um filho tão bom que dava raiva.

— Mas é bom saber que você estava lá por ele, Thiago.

— E eu queria continuar estando — o rapaz confessa, baixinho, deixando-se tomar pelas lágrimas. — Só queria continuar estando, Karin.

CAPÍTULO X

Uma noite em um milhão

Ligações. Thiago sabe que deve fazê-las. Que deve falar com os pais, mesmo que ainda não aceite (e nunca vai aceitar) o tratamento que eles deram a Luan e Leandro. E é com o irmão que Thiago deve falar com mais urgência, ainda que tenha pensado em Marcela primeiro, porque ele sempre pensa em Marcela primeiro, é o número de Luan que a mente cansada do rapaz sabe de cor, e que os dedos trêmulos discam devagar.

— Oi. — A pessoa do outro lado da linha parece ter acabado de acordar.

— Oi, Leo. Posso falar com o Luan? — Thiago pergunta ao amigo, de forma gentil.

— Claro. Espera.

O telefone fica mudo por alguns instantes, o rapaz só ouve ao longe alguém sussurrando alguma coisa.

— Oi, manito — Luan atende, sonolento. — Tá tudo bem?

— Tá sim, mano. Desculpe ligar a essa hora. Esqueci de calcular a diferença.

— Ah, não tem problema. Não vai mesmo me contar em que lugar do planeta você se escondeu?

— Não... Por enquanto não. Eu só liguei para saber como vocês estão. Como está Viena? E a lua de mel? — Thiago deixa a voz sumir por um instante.

— Estamos bem, manito. Fica tranquilo, está tudo lindo. E você, está bem? Parece... Não sei.

— Estou...

Morrendo, a mente dele completa, contudo, a voz não diz.

— Marcela me ligou ontem. Não! Hoje mais cedo. Ela me perguntou se eu sei onde você está.

— Será que deu algum problema no divórcio?

— Ela estava um pouco aflita, mas não quis me contar nada. — Luan faz uma pausa. — Vocês estão me escondendo alguma coisa?

— Não viaja, Luan. Nem falo mais com a Marcela.

— Bom, se estiver acontecendo qualquer coisa...

— Não está acontecendo nada. Fica tranquilo, ok?
— Ok.
— Vou desligar agora.
— Mas já? Me acordou pra falar só isso? — comenta, em tom irônico.
— Idiota! — Thiago protesta, rindo. — Eu realmente preciso ir. Tenho um... compromisso.

— Hum, compromisso, é?

— Tchau, Luan — diz e desliga, sem esperar o irmão se despedir.

O que será que Marcela está querendo?, Thiago se questiona, ao jogar o celular sobre a cama. *Não interessa, hoje não quero pensar em Marcela. Se for algum problema com o divórcio, resolvo depois.*

Se você viver para resolver depois, diz aquela parte da mente que o rapaz quer silenciar. Pelo menos hoje. Por uma noite. Só uma. Não quer pensar naquele maldito diagnóstico.

24%

Que inferno! Ele respira fundo, ajeitando a camisa, decidido a não ter nenhum surto, nenhuma crise, nenhuma... qualquer coisa que pudesse acontecer com ele.

Como se a escolha estivesse em suas mãos.

A cabeça não dói. Ou está doendo tanto que se transformou em algo impossível de sentir. Às vezes, só às vezes, antes de descobrir o que era aquela dor, Thiago chegou a pensar que talvez morrer fosse melhor do que aquela agonia que, há semanas, vinha atrapalhando seu sono, seu dia-a-dia.

Mas encarar a morte não está sendo tão simples quanto ele pensava.

24%

Thiago ajeita a camisa mais uma vez, vai até o banheiro e se olha no espelho. É injusto com Karin, ele sabe que é. Mas seria ainda mais injusto, e com ele mesmo, se não tentasse.

O rapaz termina de se arrumar e desce até o bar. Está cedo ainda. Ele pensa em beber alguma coisa, no entanto, acha melhor deixar para outra hora.

— *Senhor?* — Um jovem, vestido com o uniforme do hotel, o chama, como se não estivesse falando pela primeira vez.

— *Sim?* — Thiago pisca duas vezes e olha para ele.

— *O senhor está bem?* — O funcionário se aproxima.

— *Estou* — fala, sem convicção, encarando o rapaz como se não o conhecesse. Mas conhece.

— *Senhor? Sou eu, Marvin. Tem certeza que está bem, senhor Thiago?*

— *Marvin?* — Thiago pisca de novo, e de novo, só para ter a certeza: não conhece o rosto da pessoa a sua frente. Um som agudo entra pelos ouvidos do rapaz, que sente as vistas escurecerem. Marvin o segura, impedindo que ele caia no chão, e o ajuda a se sentar em um banco alto.

— *Quer que eu peça ajuda?*

— *Não, Marvin.* — Dessa vez, Thiago o reconhece. — *Não precisa, estou bem.*

— *Senhor...* — O jovem começa a protestar, porém Thiago o corta, enfático:

— *Eu estou bem.*

A parte externa do bistrô tem vista para o mar, com a cidade iluminada em seu horizonte. E é lá que Karin e Thiago decidem jantar. Ela poderia ir aos lugares mais caros e luxuosos de Acapulco, entretanto, essas coisas nunca a agradaram.

— É tão bonito aqui — o rapaz comenta, olhando Karin nos olhos. Ela apenas concorda com a cabeça enquanto termina de beber seu vinho. — Nossos últimos dias aqui vão ser mais badalados ou ficaremos só com restaurantes, karaokês e idas à praia?

— Você quer conhecer as baladas de Acapulco? Tem certeza? — ela pergunta, franzindo o cenho.

Thiago olha para ela e ri.

— Definitivamente não sou baladeiro.

— Notei.

— E você é?

— Não muito. Já fui. Na minha época antes de Paris.

— Paris? Foi lá que você conheceu...

— Rafaela.

— Ah, pensei que diria...

— Marco? — ela questiona, dizendo aquele nome pela primeira vez a Thiago. — Não... Rafaela me mudou para melhor... Marco só destruiu tudo.

— Não vejo nada destruído aqui.

— Gentileza sua. Você não me conhece.

— Não? Tem certeza?

— Thiago, faz uma semana que atropelei você.

— Você não é o tipo de pessoa que dá tanta importância assim para o tempo.

Um a zero para Thiago e contando.

— Ok... Vamos brincar de acertar coisas sobre o outro?

— Por mim, tudo bem.

— Mas antes quero que me diga uma coisa? — O tom de Karin é de desafio. Thiago apenas concorda com a cabeça. — O que há de errado com você?

O rapaz engole em seco, ponderando se aquele é o melhor momento de contar tudo a Karin. Ele quer contar. No entanto, tem outros planos para aquela noite. A última coisa que deseja é estragar tudo com a pena que sabe que verá nos olhos de Karin, assim que ela souber de tudo.

— Marcela — mente. Foi uma mentira muito ruim, porém Karin, que blindara todos os seus sentimentos e temia justamente aquela resposta, não percebe.

— Você ainda a ama, não é?

— Eu já disse que amor não acaba, Karin.

— Então você ama.

— Não desse jeito. Não... As coisas mudaram nos últimos dias. Tudo mudou, Karin. Até eu. *Principalmente* eu.

Ela quase pergunta “mudou como”, mas deixa para lá. A falta de reação de Karin paira sobre o ar, ninguém ousa falar mais nada. Nenhum dos dois quer se abrir tanto assim. No fundo, eles não querem se envolver demais, ambos desejam poder evitar aquela coisa que havia nascido ali.

Eles querem evitar, mas não evitam. É impossível. Thiago já sabe. Karin ainda tenta negar.

Os dois se olham por alguns minutos, enquanto Karin bebe uma nova taça de vinho.

— Não vai falar nada? — ela pergunta.

— Prefiro olhar você.

— Ah, pronto! Estamos nesse nível?

— Olha... Estamos em uma viagem romântica, em um restaurante romântico, com uma vista romântica... Não sei como você chama isso, mas eu... — ele hesita.

— Você? — ela incentiva que ele continue, porém Thiago ainda acha injusto envolver Karin daquele jeito, então o rapaz tenta, pela última vez, cortar qualquer possibilidade.

— Você sempre procurou uma história perfeita, Karin. Com restaurantes e jantares à beira-mar. Alguém que te olhe enquanto você ri por algum

pensamento que não foi capaz de externar. Ou quando sorri e suas bochechas se levantam. — Ele aponta para o rosto dela, que ri. — Assim. Ou quando olha com essa expressão irônica.

— Não é só isso.

Thiago sente uma pontada no peito, entretanto a ignora.

— Você quer mais. Eu sei. Quer algo que dure. Que permaneça. Alguém que esteja lá quando você errar, ou que comemore quando ganhar o seu Nobel da literatura.

— Eu não escrevo livros — ela interrompe, no entanto o rapaz finge não ouvir.

— Você espera alguém que segure sua mão e que te olhe com cumplicidade. Alguém que leia seus pensamentos, que se irrite com as suas expressões, mas que as ame mesmo assim.

Ele realmente a conhece.

— Mas amor é mais que isso, Karin. Você idealiza algo que...

— Eu sei — ela responde, com raiva, pensando que Thiago vai completar com “não existe” — Eu amei e eu perdi — confessa, irritada.

— Você disse que nunca havia amado antes.

— Não do jeito que eu queria. Um amor que durasse, que não preferisse viajar pelo mundo. Um amor que quisesse ficar.

Um amor que não me matasse, ela pensa em dizer, mas sabe que *aquilo* não era amor.

Karin coloca as mãos sobre o rosto, parece mais cansada do que nunca.

— Muitos amores não duram para sempre, Karin. Isso não quer dizer que não foram amor.

— Olha você, Thiago. Dez anos amando uma mulher. Pra quê? Até onde isso te levou?

O rapaz olha para ela, não parece magoado. Por um momento, ele encara o ponto onde as luzes da cidade se fundem com o céu escuro, depois volta a olhar para Karin.

— Até aqui. Até você.

Ela arregala os olhos e abre a boca algumas vezes, desconcertada. Karin esperava quebrar Thiago, empurrá-lo para longe com aquelas palavras. No entanto, pelo visto, o rapaz queria ficar bem ali. Ainda sem saber o que fazer, a moça apenas ergue a mão e chama pelo garçom, pedindo a conta logo em seguida.

Thiago não fala nada.

No interior laranja do táxi, os dois não se falam. Thiago está preocupado em ter ido longe demais em tudo o que dissera a Karin. Ela, por sua vez, não sabe mesmo o que dizer, não sabe sequer o que está sentindo.

A Karin de antes não pensava duas vezes; se queria algo, buscava, tentava e entregava tudo o que tinha. Depois de Marco, ela nunca mais quis nada. Além disso, com Thiago é diferente, um risco que Karin não sabe se quer correr.

Ou é só medo?

Ela olha de soslaio para Thiago. O coração dá um pulo no peito e, em seguida, parece ter sido apertado com força.

A Karin de antes não pensaria duas vezes, mas ela não existe mais.

O táxi para em frente ao hotel e o rapaz sai dele, como se estivesse sufocado. E está, afogando-se em um oceano de palavras que não disse, nas verdades que esconde, na vontade de falar com ela, sobre qualquer coisa, apenas dizer algo, fazê-la sorrir, fazê-la o olhar com aquela expressão de “meu Deus, como você é idiota!”. E ele é um idiota, quase correndo até o hotel, pegando o elevador com pressa, sem olhar para trás.

— É melhor desse jeito — Karin diz para si mesma, apertando o botão do oitavo andar. Entretanto, se é melhor assim, por que se sente tão decepcionada? Ela pensa em Thiago, em como os olhos dele parecem esconder um universo fantástico, como Nárnia. Seriam aqueles orbes castanhos portais para outro mundo? O que ela encontraria lá? Karin não sabe, não consegue imaginar o que Thiago esconde. Talvez, desde o começo, esteja envolvida demais. Talvez... Não exista história alguma ali. Talvez... A porta do elevador se abre.

— Eu poderia fazer um desenho seu, tipo em Titanic. Ou imitar um milhão de histórias de amor. Mesmo assim, não seria suficiente. Eu queria ter feito algo inesquecível: um jantar romântico que tivesse dado certo ou um passeio à praia, à noite e, quando o mar tocasse nossos pés, nós nos beijaríamos como em uma cena de novela — Thiago diz, assim que a vê sair do elevador. Ele está parado em frente à porta de Karin, tremendo, soltando as palavras de uma vez, como uma enxurrada.

Ela sorri.

— Você pode começar me explicando por que saiu correndo do táxi — diz, ainda sorrindo, se aproximando dele. Acho difícil que aquele sorriso saia do rosto de Karin.

— Eu estava dando uma pequena... pirada. — Ele se afasta um pouco para que ela abra a porta. — Estraguei tudo...

— Não. — Karin entra e mantém a porta aberta para que ele entre também. — Não estragou. Você, na verdade, acho que acertou *um pouco* sobre mim, Thiago. — Ela entra e vai até a varanda. O rapaz a segue. Karin se escora na grade, respirando fundo, sentindo o cheiro de oceano, de infinito. — Eu não estou procurando uma história de cinema, meu ideal sempre foi outro.

Ele a observa, atento, com um braço na grade e o outro pendendo ao lado do corpo, sem saber para onde ir e o que fazer. Karin continua:

— Eu sempre quis uma história como a dos meus pais. Eles não viveram nada mágico, surreal, nem instantâneo. Ele não era um plebeu e ela, definitivamente, não era uma princesa. Apesar que, talvez, de fora, muita gente pense que foi assim. Meus pais se conheceram na faculdade. Ela era a mais inteligente da turma; ele, o mais dedicado. Meu pai diz que nem viu quando se apaixonou por ela. Ele se lembra somente do dia em que percebeu, no medo que sentiu de as diferenças sociais serem maiores que qualquer outra coisa, e da raiva que ele teve ao perceber que havia se apaixonado por uma garota branca e rica. Meus pais ficaram juntos por sete anos. Minha mãe morreu há quase vinte e oito. Ele a ama até hoje, nem um centímetro a menos, nem um milímetro diferente.

— Então é isso que você quer? Alguém que te ame pelo resto da vida?

— Não. Alguém que *eu* ame pelo resto da *minha* vida.

O rapaz fica em silêncio, emudecido pelo que ouvira.

— Você deve estar pensando: mas isso depende apenas de você, Karin! — ela comenta.

— Não estou, porque não depende. — O olhar de Thiago se desvia para a escuridão onde ele sabe estar o oceano.

— Acho que é por isso que seu relacionamento com Marcela, bem, o fim dele, me abala tanto.

— Eu honestamente não quero falar sobre Marcela. — Thiago volta a olhar para Karin. — Não quero que ela seja a última coisa que você tenha falado antes de eu te beijar.

— E quem disse que eu vou deixar você me beijar nessa noite desastrosa?

— Uai, você mesma falou que não está procurando uma cena de cinema! — Thiago leva a sério. Pobre rapaz, tem muita coisa sobre Karin que ele

precisa conhecer. A mais importante de todas é que ela não *espera* que a beijem.

Karin se aproxima dele, tocando de leve seu braço. Thiago não consegue desviar o olhar do rosto dela, nem por um segundo. Com a mão que estava escorada sobre a grade, ele toca os cabelos curtos de Karin, que sorri. Ela gostaria de envolver o rapaz em um beijo inesquecível, no entanto, começa a rir de si mesma.

— O que foi? — ele pergunta.

— Você não é *mesmo* o que eu estava esperando.

— Que bom!

Então, ela o beija.

UM AMOR PARA KARIN

II

Sapporo - abril de 2013

— Eu. Odeio. Romances — sussurrou, sentada em um banco de madeira desconfortável. Enquanto praguejava, observava duas senhoras caminharem pela praça. Estava cedo, mas o local começava a ficar cheio demais. — Ok, Rafaela, você consegue. — Pegou a caneta e tentou mais uma vez escrever naquele bloquinho de anotações, com a capa florida, assim como as árvores daquela praça.

Não conseguiu. Nervosa, jogou longe o caderninho.

— Não preciso de você.

Um grupo de pessoas ocidentais passou por ali. Eles olharam para Rafaela e riram, mas a moça não reparou neles o suficiente para diferenciá-los de qualquer um que tenha passado naquele local durante toda a manhã.

— Que foi, idiotas? — continuou dizendo em português. Dessa vez, alto o suficiente para que os turistas ouvissem.

— É muito cedo e esse lugar é muito bonito para você estar tão nervosa — uma voz feminina respondeu. Uma voz que estava guardada em algum lugar da mente de Rafaela. A mulher pegou o caderno no chão e ergueu para ela. — E nós nos encontramos de novo!

Rafaela abriu um sorriso ao ver os olhos de Karin brilhando em sua direção.

— Não é possível — disse. — O que está fazendo aqui, Karin?

— Vim ver o sakura.

— Não. É muita coincidência.

— Imagina a minha cara quando vi você jogando o bloquinho longe. Coitado, o que ele te fez? — Karin não a esperou responder. Virou-se para o grupo que estava com ela. — Podem ir. Encontro vocês no hotel mais tarde. — E foi se sentando no banco onde Rafaela estava parada feito uma rocha. Surpresa.

— Se for pra ser, nos encontraremos de novo — recitou as palavras que dissera a Karin quase um ano antes, em Paris, a mais de nove mil quilômetros

dali. — Isso é inacreditável. De todos os lugares do mundo, de todas as horas, de todas as praças. Nos encontramos de novo, aqui.

— Escrito nas estrelas.

— Não me fala em romance hétero! — Rafa falou alto, rangendo os dentes. Karin riu.

— É esse o problema do caderninho? Um romance hétero?

— Tô quebrada, Ka. Não consigo escrever um conto sequer.

— E o *ghostwriting* de sites de viagem?

— Quebra um galho, mas... sei lá, me falta inspiração. Olha esse lugar, essas flores, essas pessoas. Tem um milhão de histórias aqui. E eu... Ah! E você, como está? — resolveu mudar o assunto.

— Acabei a faculdade — respondeu, simplesmente.

— E?

— E nada! Não estou fazendo absolutamente nada. — Karin abriu o bloquinho e espiou o que estava escrito. Viu frases e mais frases rabiscadas, apagadas e riscadas. — Nem mesmo tentando escrever um romance romântico hétero com um personagem chamado Lucas.

— Pensei que fosse mais fácil. — Rafaela suspirou.

— Pelo visto, percebeu que não é. — Karin ergueu o bloco e, finalmente, Rafa o pegou. — Se precisar de algum conselho ou, não sei, de uma leitora beta. Sou formada agora, meu amor.

Meu amor, mesmo que tenham sido ditas em um tom nada romântico, aquelas palavras dançaram pela cabeça de Rafaela.

— Em que hotel você está ficando? — Rafa mudou o assunto.

— No seu.

— Ai, Karin, você sabe que isso não vai dar certo!

— Rafa, quais eram as chances de a gente se encontrar de novo. No Japão. No JAPÃO, cara!

— É que... Você sabe como eu sou.

— Eu pensei em você o ano inteiro. Cê tem noção? Elis se recusou a me dizer qualquer coisa de onde você pudesse estar. Ela realmente gostou dessa história de destino.

— Como você me achou aqui?

— Eu juro pra você que foi por acaso. — Dava para ver que ela estava sendo sincera.

Ou Karin é uma excelente mentirosa.

— Só vamos ficar juntas. Só enquanto estivermos aqui — insistiu. — Eu

não me importo, Rafa, você sabe que não me importo, que só quero ficar com você. A gente pode ver as flores, ou ficar no hotel, vendo um filme.

— Você vai quebrar meu coração em tantos pedaços, Karin! — Rafaela falou, como se as palavras doessem.

— Eu não vou.

— Não prometa.

Karin ficou calada, esperando Rafaela agir ou dizer mais alguma coisa. A garota ficou longos minutos observando as árvores floridas e o parque ficando cada vez mais cheio de turistas.

— Ok. Mas você vai me dizer como me achou aqui.

— Eu juro, foi mesmo por acaso. Confesso que procurei, soube de vários lugares onde esteve. Porém, no final, julguei que você estava certa. Se fosse pra ser, a gente se encontraria. É pra ser, Rafa. Quando vi você aqui, mal pude acreditar.

Rafaela respirou fundo, fechou os olhos e demorou para os abrir novamente e encarar Karin.

— Vou comprar uma urna.

— O quê?

— Vou comprar uma urna, Karin. Para colocar os farelos do meu coração quando você resolver ir embora e me deixar. Não serão cacos, porque você não quebra, você incendeia.

CAPÍTULO XI

Esse não sou eu

Os dois estão sentados na varanda, aconchegados um no outro, secretamente temendo que a noite acabe, que a luz do sol traga todas as verdades que eles desejam esquecer.

— Está frio aqui — Thiago comenta.

— A gente veio um pouco fora de temporada, deve estar mais frio que o normal.

— Acho que devemos entrar.

Karin discorda. Ela quer ficar ali, se pudesse congelar aquele momento seria ainda melhor. Com um resmungo, aperta-se ainda mais em Thiago, que a abraça forte, tentando ficar o mais perto possível dela, sentindo aquele cheiro doce de creme, tocando aquela pele macia. Ele soube que a pele de Karin era macia assim que a viu pela primeira vez, no hospital. Aquilo parece ter acontecido há uma eternidade agora.

Entretanto, Karin tem razão quando diz que eles se conhecem há muito pouco tempo. E ele mais razão ainda em dizer que o tempo não é tão importante assim. Aquela talvez fosse sua última semana, quem sabe aquela noite fosse a derradeira e, depois dela, apenas dor e dor. O tempo, definitivamente, não é tão importante, porque Thiago não o tem, mas tem Karin.

Se pudesse congelar aquele momento, ele congelaria.

— Karin — ele chama. — Tem algo que preciso te contar.

Ela se afasta um pouco dele e respira fundo.

— Se for estragar essa noite, por favor, não me conte.

Thiago sorri.

— Você pode me contar amanhã — Karin sugere.

— Tudo bem. Mas vamos para dentro.

Ela resmunga, porém se levanta. Eles entram no quarto de Karin. O lugar está impecável, nem parece habilitado pela mesma pessoa que mora naquele apartamento em Santa Clara, cheio de livros e fotografias.

— Por um acaso você está julgando a organização do meu quarto?

— Estou — confessa.

— Vivi em quartos de hotéis por muito tempo. Eu me sinto mais em

casa neles do que na minha própria casa.

— Biblioteca bagunçada, eu chamaria.

— Não quero nem imaginar como é a *sua* casa.

— Se eu tivesse uma casa, ela seria organizada — ele diz, sentando-se na cama. — Eu limpava minhas miniaturas nos dias ímpares, meu computador é todo segmentado em pastas, minha área de trabalho é limpa, tenho uma mala onde guardo todos os meus desenhos. Antes era uma gaveta. Mas... enfim.

— O que aconteceu, Thiago? Entre você e a Marcela.

— O *tempo* aconteceu. Os anos, a convivência. O fato de eu ter deixado todos os meus sonhos para viver com ela, que, no final, passou a me ver como um fracassado, inútil e sem talento.

— Nossa...

— Essas coisas são mais comuns do que parece, Karin. Não há vilão maior do que a rotina.

— Quando você percebeu que não a amava... Bem, que não *gostava* mais dela?

— Quando percebi que acordava todos os dias torcendo para que ela tivesse acordado mais cedo e ido para o trabalho.

Karin fica calada e Thiago continua, depois de um tempo.

— Isso que você disse, é exatamente isso. Eu amo a Marcela, sei quem ela é, porém, não gosto da pessoa que me tornei perto dela e menos ainda da pessoa que ela é quando está comigo. Juntos, nós nos destruímos.

— Você não pretende *mesmo* voltar para ela — Karin afirma.

— Não, definitivamente não — ele diz, sorrindo. — Agora, então...

Karin se senta no colo de Thiago, de frente para ele. O rapaz perde a linha de raciocínio e só consegue ouvir o próprio coração acelerar tanto que faz a cabeça, que havia dado uma trégua, começar a pulsar e doer. Os olhos de Karin o estudam, enquanto suas mãos tocam gentilmente o rosto magro e branco do rapaz.

— Vamos... *falar* sobre outra coisa? — Ela sorri. Os olhos somem no rosto, assim como a razão de Thiago some da consciência.

O rapaz apenas coloca as duas mãos nas costas de Karin, a vira e a coloca sobre a cama.

— Não é uma boa ideia — ela diz.

— Eu sei.

— Vamos só ficar aqui dentro. Se você quiser, é claro.

— É óbvio que quero. — Ele se deita ao lado dela, enfiando-se debaixo do edredom. — Nós vamos ter muito tempo ainda, Karin. Nós *vamos* ter.

Ela se ajeita ali, observando, pela primeira vez, aquele brilho diferente nos olhos de Thiago.

Às vezes, eu me pergunto se a esperança faz parte do amor ou se seria o amor uma das muitas armas que a esperança cria para nos manter sãos.

A luz do sol entra pela varanda e ilumina o rosto de Karin. Ainda com os olhos fechados, ela tateia a cama, procurando por Thiago, mas o rapaz não está ali. Saiu antes mesmo de o dia amanhecer.

Ela se levanta, se arruma e, depois, ajeita a cama. Um sorriso bobo nasce em seu rosto ao se lembrar da noite anterior, ao se recordar de como tudo se encaixou perfeitamente: os braços de Thiago em volta de seu corpo, os lábios se conhecendo, as mãos se tocando. E Karin tem a certeza de que os olhos de Thiago são mesmo um portal para outro mundo, um universo totalmente novo, secreto e brilhante que ela precisa conhecer.

Alguém bate na porta, Karin corre para atender, imaginando que seja Thiago. Entretanto, o jovem que a espera do outro lado é Marvin.

— *Senhora, o senhor Thiago está por aqui?* — ele pergunta em um tom preocupado.

— *Não, Marvin. Ainda não o vi hoje.*

O funcionário do hotel olha, meio perdido, para os dois lados do corredor, sem saber o que fazer.

— *O que houve?* — Karin questiona.

— *Um problema no quarto dele, senhora.*

— *Um problema? Que tipo de problema.*

Marvin hesita, dando meio passo para trás, calculando se deve dizer ou não.

— *A senhora pode vir comigo?*

— *Claro!* — Karin sai, fechando a porta do quarto atrás de si.

O quarto de Thiago, dois andares abaixo do de Karin, está revirado, quebrado, destruído. A mulher olha aquele espaço sem entender o que aconteceu ali. Várias possibilidades passam por sua cabeça. Um assalto, uma briga, um acesso de fúria. Nada daquilo parece explicar o que os olhos de Karin veem. O jeito como o quarto fora deixado lembrava a forma como os rockstars dos anos 80 deixavam os quartos de hotel após noites de bebedeira.

e confusão. Mas Thiago não é um rockstar. Passara a noite inteira, até onde Karin se lembrava, com ela. Como aquilo fora possível? A única pessoa capaz de responder àquela pergunta é Thiago.

— *Você faz alguma ideia de onde ele possa ter ido, Marvin?*

— *Não, senhora. Perguntei na recepção, mas ninguém o viu. Estou pensando em pedir para verificar as câmeras de segurança.*

— *Faça isso, por favor. Vou procurar por ele lá na praia.*

— *Sim, senhora.*

— *E, Marvin, peça para colocarem toda a conta de Thiago no meu cartão de crédito. Você sabe o número do meu quarto.*

Ela não espera por ele, sobe pelo elevador até seu quarto, pega a bolsa que deixara lá e depois desce, pronta para revirar Acapulco em busca de Thiago.

Não é preciso.

Ela não precisa andar nem quinhentos metros pela praia para o encontrar, sentado na areia, com o olhar distante, muito mais do que o normal. Os ombros caídos e a expressão de dor fazem Thiago parecer vinte anos mais velho. Sem dizer uma palavra, Karin se senta ao lado dele, observando as mãos machucadas do rapaz lhe darem a resposta que ela buscava.

Ele não sabia o que tinha acontecido. Não se lembrava. Tentava e tentava e tentava forçar a mente, porém, tudo o que conseguia eram *flashes* e a lembrança de uma dor aguda o derrubar no chão do quarto.

Thiago se lembrava também de ter ligado para Luan, no entanto, sua memória não guardara nada da conversa, só do nome de Marcela ser dito, na verdade gritado, inúmeras vezes.

O rapaz deixa que Karin o guie até o quarto dela, ainda sem dizer nada. O que ele diria a ela? Eles vão até a varanda e Thiago se senta no chão, com a cabeça encostada na parede que divide aquela da varanda vizinha.

— Eu desenhei você — ele diz, com a voz fraca e baixa.

— O quê? — Karin se senta em frente a ele.

— Eu desenhei você. — O rapaz olha para ela. — Mas não ficou bom, então... saí do quarto, meio chateado. E, não me lembro.

— Não se lembra? Você bebeu alguma coisa, Thiago?

— Não. Fiquei nervoso. — A cabeça dele parecia que ia explodir. Nunca havia doído tão forte e tão insistentemente. — Fiquei muito nervoso

e...

— Quebrou as coisas no quarto.

— É...

Karin se levanta, respirando fundo. Ela dá algumas voltas pela varanda, nervosa, abalada. Algo, aquele medo, aquele pavor, havia sido despertado dentro dela.

— Então você fica nervoso e quebra coisas? Um quarto inteiro?

O rapaz não responde.

— O que aconteceu, Thiago? Me explica!

Ele se levanta, mantendo as costas escoradas na parede.

— Eu fiquei nervoso — fala alto. — Não sei o que aconteceu. Só... fiquei.

— Não vou passar por isso de novo — Karin diz para si mesma, alto o bastante, e entra no quarto, sentando-se na beirada da cama. Thiago demora, mas a segue, sentando-se no chão, de frente para ela, escorando a cabeça nos joelhos de Karin.

— Me perdoa. — Ele começa a chorar, mais pela dor que está sentindo do que por culpa.

— Não faz isso, Thiago. — Ela afasta o rapaz com as mãos e chega um pouco para trás na cama, segurando os joelhos, enquanto tenta segurar as lágrimas. — Isso não vai acontecer de novo comigo.

— Isso o quê? — questiona, cansado.

— Eu me envolver com um cara bacana, mas que quebra quartos de hotel quando fica nervoso. Qual a próxima coisa que você vai quebrar, Thiago? Eu?

— Não! — A resposta é um sussurro. — Claro que não!

— Não é claro, Thiago. Não é *nada* claro. Começa assim, com um impulso, com um surto totalmente injustificado. Depois vem o ciúme...

— Karin, você está refletindo em mim o que houve no seu passado. Esse não sou eu.

— E como vou acreditar em você? Eu nem te conheço.

— Você me conhece.

— Há uma semana, Thiago. Eu conhecia o Marco havia oito meses quando ele começou a fechar a cara sempre que alguém falava comigo nos eventos. Depois vieram os gritos quando a gente chegava em casa. Um soco na parede aqui, um puxão de braço ali. De repente, um dia, nem me lembro por que, ele me deu um soco no rosto.

Thiago se aproxima um pouco, assustado, exausto, apavorado.

— Karin... — Ele toca as mãos dela que estão envolvendo os joelhos.

— Não. — Ela o afasta e, como se não aguentasse mais prender aquilo, solta, assim como solta as lágrimas que jorram por seu rosto. — Ele tentou me matar, Thiago.

— O quê? — O choque faz o rapaz cair um pouco para trás.

— Ele me bateu pela primeira vez, fiquei puta. Imagina só se *eu* ia deixar um cara bater em *mim*? Uma mulher com curso superior, com dinheiro, com um trabalho bom. Uma mulher que havia viajado o mundo, que sabia das coisas, que não era dependente. Eu achava que era melhor que as outras, meu orgulho não me deixava ver o que nos igualava: ser mulher.

O rapaz olhava para ela, sem reação.

— Não importa nada, Thiago, quando o sujeito levanta a mão pela primeira vez, não importa quem você é, nem o que você tem. É óbvio que não permiti aquilo. Terminei tudo, o denunciei, avisei ao porteiro que ele não podia entrar. Minha avó até contratou seguranças para mim. Mas eu estava presa. Desde aquele dia, estou presa.

Thiago queria dizer a Karin que jamais faria aquilo, no entanto, compreendia o que a levava a pensar nele daquele jeito. Ele a entendia, então, em silêncio, continuou ouvindo.

— Não sei como, porém, um dia, ele entrou no meu prédio, algum vizinho deve tê-lo reconhecido. Eu sei que ele entrou e esperou por mim, escondido atrás de uma parede que ficava próxima ao elevador. Marco sabia a hora que eu chegava. Assim que o elevador se abriu, ele me agarrou pelo braço, se ajoelhou no chão e implorou para que voltássemos. Eu disse que não e tentei me afastar dele, assustada. Não me lembro se gritei antes ou depois de ver a faca, mas gritei e gritei e gritei. Tentei correr, só que ele me alcançaria, antes que eu conseguisse abrir minha porta ou descer pelas escadas. E alcançou, me derrubando no chão. Eu vi a faca, Thiago. Vi o brilho dela reluzir sobre o meu peito, e pensei que fosse morrer, que meu último pensamento seria algo abstrato, deformado pelo pavor. Mas os vizinhos ouviram meus gritos e correram para me ajudar, o tirando de cima de mim e jogando a faca para longe.

— Eu sinto muito, Karin! — Thiago diz, chorando. O corpo dele pede para que a abrace, porém, ele sabe que é exatamente o que ela não precisa naquele momento. Portanto, o rapaz se levanta, sem coragem de encarar Karin. — Me perdoa, por favor — implora, antes de sair do quarto, mas sai

sem ouvir a resposta.

CAPÍTULO XII

Marcela

O site da companhia aérea está aberto no celular, sobre a cama, mas Karin já desistiu da passagem. Da varanda, ela observa o oceano, o maior do planeta, imaginando qual país está do outro lado. Provavelmente é o Japão, mais ao norte, ou a China. Ela respira fundo e aperta o olhar. O Japão traz lembranças de uma segunda chance que, talvez, Karin ainda queira esquecer.

O telefone precisa tocar pela décima vez para que Karin o escute. Ela corre até o aparelho e o atende, sem nem verificar quem está ligando.

— Oi.

— Oi, filha.

— Ai, pai, é o senhor?

— Ainda com medo?

— Sempre com medo.

— Onde você está?

Karin não gosta do tom preocupado que a voz do pai tenta esconder. Mesmo depois de Marco, Augusto sempre tentou se manter o mais tranquilo possível. Qualquer distorção nessa calma faz Karin franzir o cenho.

— Em Acapulco.

— Acapulco? — Ele para alguns segundos, respira e parece ponderar. A demora faz Karin se sentar na beirada da cama. — Sozinha? — pergunta, em um tom desconfiado.

— Sozinha, pai — ela responde, ríspida. Era *essa* a preocupação? — Afinal, qual é o problema? Você queria que eu viesse, não queria? Que eu seguisse em frente...

— Minha filha... — Ele começa, mas Karin não o deixa continuar.

— Olha, pai. Fique tranquilo, é bem provável que eu volte amanhã, ok?

— Karin.

— Tá tudo bem, pai.

— Ok, filha. — Augusto solta um suspiro, cansado. — Se precisar de algo, me liga.

Aquele tom volta a incomodar Karin. O pai nunca é de dizer coisas como aquela. O que é isso na voz de Augusto? Ela tenta descobrir. É condolência, Karin. É como dizer que sente muito para uma viúva sobre o

caixão do marido. É como dar dois tapinhas nas costas da mulher e dizer: se precisar, não ouse em me chamar.

Karin afasta aquelas ideias da cabeça, decidindo que precisa urgentemente de um drink, mesmo que ainda seja de manhã.

Ela desce pelo elevador, pensando em passar no sexto andar para olhar se Thiago está no quarto. No entanto, decide não o fazer, descendo direto para o bar. Karin se senta em um dos bancos altos vermelhos, querendo encher a cara de tequila até precisar ser carregada para o quarto.

Esses tempos se foram, Karin.

Cansada, ela desiste da ideia das bebidas e decide voltar para o quarto. Enquanto passa pelo lobby, entre uma dúzia de pessoas que estão ali, alguém chama sua atenção. A mulher branca, de cabelos longos e castanhos desperta em Karin aquela sensação de reconhecimento. Mas não é preciso muito para que a moça perceba de quem se trata.

Marcela.

Os olhos da mulher encontram os de Karin e, no mesmo instante, ela se levanta do sofá onde estava sentada e caminha em direção à moça. O coração de Karin acelera, a mente pensa em fugir dali, mas o corpo permanece estático, parado no mesmo lugar. Até a respiração de Karin está parada no pulmão.

— Onde está o Thiago? — Não há uma apresentação, não há um cumprimento, apenas uma pergunta dita em um tom ríspido, preocupado. Desesperado.

— Eu não sei. — A voz de Karin sai arranhando pela garganta.

— Você não tem responsabilidade? — Marcela acusa, em um grito. — Como não sabe? — A voz dela escapa e Karin percebe o quanto ela está perturbada.

— Marcela, vamos nos sentar, por favor? Vamos até o bar, sim? — diz, conduzindo a mulher pelo braço. As duas se sentam em poltronas douradas, com círculos estampados, uma de frente para a outra.

— Um rapaz me disse que ele não está no quarto — Marcela sussurra depois de um tempo olhando as próprias unhas. — Você tem que saber onde ele está!

— Mas eu não sei.

— Vocês são loucos? Você é louca? — acusa.

— Desculpa, o que você disse?

— Que você é louca! — Marcela quase se levanta. — Seu pai é um

neurocirurgião e você aceita vir em uma aventura dessas?

— Eu não faço ideia de qual seja a relação entre essas duas coisas, Marcela. Mas, em primeiro lugar, isso aqui não é uma aventura...

— Não? — Ela se exalta, curvando o corpo para frente e batendo a mão na mesinha de centro redonda que as separa. — Então me explica o que é, porque eu só consigo ver irresponsabilidade. Do Thiago, eu até esperaria uma brincadeira dessas, mas de você? Eu esperava mais da filha da porra de um neurocirurgião. Como você aceita...

— Espera, Marcela. Eu não estou entendendo. — A voz e Karin é puro desespero. No fundo de sua mente, ela já compreendeu tudo. As dores de cabeça, a mudança de humor, as inconstâncias de Thiago.

— Você não sabe. — A expressão raivosa de Marcela some, sendo substituída por um rosto repleto de dor. — O Thiago. — A voz falha. — Pode morrer a qualquer hora, Karin. Ele pode estar morto agora.

Karin afunda na poltrona, colocando a mão sobre a testa, apertando-a com tanta força que faz a área sobre a sobrancelha inteira doer. Ela quer sentir aquela dor ou qualquer uma que disfarce a pontada gelada que a está rasgando em mil pedaços, como o rascunho de um poema que não deu certo.

— Ele tem um tumor na cabeça. — Marcela esclarece com a voz aguda, sem conseguir segurar as lágrimas. — Um astrocistoma.

— Astrocitoma.

— É.

— Onde?

— No lobo temporal.

— Parece bem ruim. — Karin tenta controlar suas próprias lágrimas, pressionando a língua sobre os dentes. *O filho da puta está morrendo.*

— Eu não entendo nada dessas coisas, mas seu pai e o doutor Rogério me disseram que é bem grave.

— Meu pai?

— Sim. Foi o doutor Rogério que descobriu e como seu pai é o chefe do setor no hospital...

— O acidente. — Karin se lembra do médico jovem que ela não conhecia, trazendo algo para seu pai. Aquilo parecia ter acontecido em outra vida agora.

— Sim, eles descobriram na ressonância que fizeram.

Karin respira fundo, ajeita o corpo e faz a pergunta que não quer se calar dentro dela, mesmo temendo a resposta com todas as suas forças.

— Você disse que é grave, *quão* grave?

— Seu pai disse que a operação precisa ser feita o mais depressa possível. Que era para terem operado assim que descobriram, mas Thiago não quis, porque ele queria realizar o sonho dele antes.

Droga.

— E como vocês o acharam aqui?

— O Luan me disse que o Thiago estava em uma viagem para fora do Brasil. Não precisa conhecer meu ex-marido tão bem para juntar essas duas coisas. Ele fala nessa porcaria de viagem desde que nos conhecemos.

Karin sorri, sem graça.

— Ele falou dessa viagem em cinco minutos de conversa.

Marcela sorri, exausta.

— Olha, eu não sei o que está acontecendo entre vocês — ela diz.

— Não há nada acontecendo entre nós, Marcela.

— Sinceramente, não me interessa. Eu só quero que o Thiago volte para o Brasil, que ele faça essa porcaria de cirurgia e... — Respira fundo, tentando recuperar a voz que some no ar. — Que não morra. Eu só espero que aquele maldito não morra.

— Nós vamos encontrá-lo, ok? Ajudarei você.

— Precisamos fazer isso rápido, Karin. Tem um voo de volta de Acapulco para Ciudad del México daqui duas horas, e um de lá para o Brasil hoje a noite. Seu pai disse que, quanto mais rápido acontecer a operação, maiores são as chances.

— Meu pai comentou algo sobre mim e Thiago?

— Não. Mas eu acho que ele desconfiou de algo.

— E como você sabia?

— Não sou idiota. E, bem, eu vi você aqui. Estou vendo, na verdade.

— Olha...

— Não precisa explicar, Karin. Só me ajuda a encontrar o Thiago, ok?

— Ok. — Karin se levanta. — Vou conversar com alguns funcionários do hotel e, caso seja necessário, montamos uma equipe de busca. Não tem tantos turistas assim, tenho certeza que eles nos ajudarão.

— O que houve? — Marcela pergunta ao se levantar, segurando o braço de Karin. — Por que ele sumiu assim?

— Eu acho que a cabeça dele já... não está tão boa. Ele... — Karin tem medo de dizer, porque, agora que sabe de tudo, percebe que o estado de Thiago pode ser muito mais grave do que Marcela imagina. — Ele teve uma

espécie de crise aqui, um surto.

— Ai meu Deus! — A mulher segura o braço de Karin e parece que vai passar mal, no entanto, permanece de pé, respirando rápido.

— Nós vamos encontrá-lo. Vai dar tudo certo. — Karin sorri. — Vamos! — Ela quase puxa Marcela de volta ao lobby, enquanto observa a mulher pelo canto do olho. Se, durante suas conversas com Thiago, Karin chegou a imaginar que Marcela não amasse mais o ex, agora tem certeza que aquela ideia era completamente equivocada. Marcela o ama.

É sempre amor, mesmo que mude.

Karin quase pode ver Rafaela dançando desajeitada a sua frente, ao som daquele CD arranhado de Bandas Gaúchas. Mas aquela imagem pertence ao passado, longe dali, do outro lado do planeta, quando o amor tinha gosto de qualquer coisa com pimentão e cheiro de flores. Olhando Marcela pelo canto do olho, Karin quer saber qual o som do amor por Thiago. Seria a voz dele desafinada enquanto tenta cantar algum pop rock ou o barulho esquisito que ele faz quando ri? Ela não sabe, mas espera que aquele som continue ecoando por muito tempo, mesmo que seja nos ouvidos de Marcela e não nos dela.

Ela só quer que ele continue.

CAPÍTULO XIII

Tempestade

Parado mais uma vez em frente à porta de Karin, Thiago se lembra da noite anterior, quando esteve ali pensando no discurso que faria ao vê-la aparecer pelo elevador. Agora, as coisas mudaram. Não há mais discursos, não há mais declarações. Tudo o que resta é encarar a verdade que ele tentou esconder pelos últimos dias, mas que Karin, da pior forma possível, acabou descobrindo.

Por que Marcela tinha que estragar tudo?

Ele respira fundo e, mesmo não reunindo a coragem necessária, bate na porta, se arrependendo em seguida. Tarde demais.

— Oi — ela diz, em um tom de voz baixo, quase sussurrado, ao abrir a porta.

— Oi — ele responde, tentando sorrir.

— Entra. — Karin se afasta um pouco, permitindo que Thiago passe. O rapaz percebe o quão triste ela está, parecendo exausta.

— Eu não queria que você tivesse descoberto assim.

— Não tem importância, Thiago. — Ela se senta na cama e olha para ele.

Não tem importância?, o rapaz repete em sua mente.

— Lógico que tem. Eu devia ter contado a você, devia...

— Não tem importância — Karin repete pausadamente e de maneira fria, ainda encarando o rapaz, que respira fundo e esfrega os olhos.

— Karin — começa, sem saber direito o que quer dizer. — O que a gente viveu aqui...

— Não tem importância.

— O quê? Você pode parar de falar isso, por favor? — ele grita, apertando os dedos, tentando se controlar.

— Não. Porque não tem importância. Thiago, tudo isso aqui foi... uma bobagem.

O rapaz chega a levar a mão até o abdômen, na tentativa de esquentar a sensação gelada que se expande a partir dali. Um soco no estômago, um aperto no diafragma.

— Karin...

— Thiago. — Ela se levanta e pega as mãos do rapaz. — Não precisa se justificar nem explicar nada. O importante é você cuidar da sua cabeça. — Karin toca gentilmente a têmpora esquerda de Thiago. — Você vai ficar bem. Já conversei com meu pai, todo o hospital está pronto para te receber lá.

— Eu sei, mas eu queria esclarecer...

— Não tem o que esclarecer. Não aconteceu nada entre nós.

Nada?

O rapaz sorri, sem graça alguma, se livrando dela e se sentando na cama.

— Só saio daqui depois que conversarmos.

— Tudo bem. — Vencida, Karin se senta ao lado dele.

— Eu sei que em algum lugar da sua mente você se importa. Mesmo que isso aqui que vivemos tenha sido só um... amor de verão.

— Não estamos no verão.

— Você entendeu.

Ela sorri, deixando que o rapaz continue.

— Nunca imaginei que isso fosse acontecer, Karin. Que você fosse chegar aqui e que nos daríamos tão bem. Por mais que diga que não é nada, eu jamais poderia ter omitido a minha... situação. Eu devia ter falado desde o começo e dado a você a escolha entre ficar aqui e não ficar.

Ela teria ficado?

— E isso importa agora?

— Lógico que importa! — Thiago começa a se irritar. — E se tudo der errado? Você sabe que a chance de eu sair vivo dessa é ridícula, não sabe?

— Não é assim...

— 24%, isso com o seu pai sendo otimista. A sobrevida em casos como o meu é de 19%. Eu pesquisei.

— É só um número. — A voz dela some.

— Não é. Você sabe que não. Se tudo der errado, como eu imagino que vai acontecer.

— Ai, Thiago... Para de pessimismo.

— Se tudo der errado, Karin, eu não quero que minhas últimas memórias sejam de arrependimento.

— Vai ficar tudo bem.

O rapaz se vira e a encara. É como se Karin ficasse mais bonita cada vez que ele a olhasse. E Thiago sente aquela vontade esquisita de beijá-la, de acreditar que tudo vai dar certo, que eles terão todo o tempo do mundo. Mas não há como sonhar com nada, prometer nada. Nem para ela e, muito menos,

para si mesmo.

— Eu espero que fique.

— Meu pai é um dos melhores neurocirurgiões do mundo. Aquele hospital é uma referência no Brasil inteiro. E é meu. Ou seja, não vai te faltar nada.

— Milionária.

— Eu sou.

— Obrigado por me atropelar.

Karin sorri, de um jeito triste. Ela tenta disfarçar, mas Thiago nota assim que os olhos dela se enchem de água. Ele queria acreditar que a história dos dois não teve importância, como ela insistia em dizer. No entanto, depois de tudo o que sentiu, é impossível imaginar que Karin não tenha sentido ao menos um pouco.

— De nada, eu e minha distração estamos aí pra isso. Mas agora você tem que ir. — Ela se levanta. — Marcela me falou de um voo.

A menção ao nome da ex faz Thiago revirar os olhos.

— Ela fez o que era certo. A única pessoa certa entre todos nós — Karin defende.

— Tarde demais para ela se preocupar.

— Não seja tão amargurado. É sério. — Ela tenta o puxar pelos braços. — Você tem que ir.

— Eu vou. — Ele se levanta e para em frente a ela. — Se você me perdoar.

— Não tenho por quê.

— Tem. Eu jamais deveria ter usado você como última chance de viver algo. Não deveria ter envolvido você.

— Tá ok, super conquistador irresistível. Eu te perdoo por roubar meu coração e logo depois jogá-lo ao mar. — Karin faz um gesto dramático e sorri. — Mas agora você tem que ir.

— Eu roubei?

— Vai embora, Thiago. — Ela começa a empurrá-lo para fora do quarto. — E vai tranquilo. O que tivemos foi legal. Foi realmente muito bom passar esses dias com você aqui. Mas foi *mesmo* só isso. A gente sempre soube que, cedo ou tarde, voltaria para nossa realidade. Esse é só um jeito diferente do que eu imaginava.

O rapaz sente uma vontade imensa de dizer a ela que não foi só isso o que sentiu, porém, deixa que as palavras morram dentro de si, antes de

encontrarem o ar. O som de um trovão lá fora parece responder por ele.

— Uma tempestade. Cai forte, mas passa — o rapaz murmura, sorrindo para Karin. Depois vira as costas, abre a porta e sai do quarto.

— É... — Ela quase canta. — Eu diria que foi uma chuvinha. — Ela para, escorando-se no batente da porta. — Uma chuvinhazinha de nada.

— Ok. Eu posso lidar com isso — o rapaz fala, já de costas, caminhando pelo corredor até o elevador.

— Até logo, atropelado.

— Adeus, milionária.

Ele queria ter dito tantas coisas. Queria ter falado para Karin que ela deu sentido àqueles dias, que ela deu sentido àquela vida inteira que ele julgava estar perdida. Que tudo ficou mais bonito, mais interessante e mais intenso com ela. Que valeu a pena acreditar e ter a esperança de que existe uma chance. Que ele iria se agarrar àquela chance porque queria poder viver mais sob a luz que vem dela.

Queria ter dito, mas não disse. Não disse porque não é justo. Nunca será justo. Ele não pode, simplesmente, conquistar o coração de alguém e depois quebrá-lo com algo impossível de ser evitado.

Thiago nunca foi um bom competidor, sempre perdia. Sempre *sabia* que iria perder. Em uma batalha dele contra a vida, quais eram suas reais chances?

Ele já entrara derrotado. Sabia disso.

Foi para Acapulco para se despedir, para fechar os olhos e deixar que aquele tumor o levasse embora. No fundo, em algum lugar dentro dele, já havia aceitado.

Até que Karin apareceu, mudando tudo.

Como uma tempestade, destruindo todas as coisas que toca. Como uma tempestade, fazendo tudo renascer.

Thiago olha as nuvens de chuva, tentando imaginar as gotas caindo sobre as peles, os carros, as ruas. Karin foi uma tempestade, sim. E ele se molhou nela como nunca havia se molhado. Ela foi uma chuva de verão: rápida, passageira e forte. Mas caiu, passou, deixou seu estrago e, sem dizer uma palavra, foi embora.

Foi?

Então, por que ele ainda a sente cair?

CAPÍTULO XIV

Não foi apenas um amor de “verão”

Karin sabe.

Ela sabe que viveu o amor dos sonhos, com Thiago, em Acapulco. Sabe, porque escreveria aquela história em um livro, o publicaria e espalharia pelo mundo. Sabe, porque sente aquela estreiteza dentro de si, um aperto forte, um sufocamento. Sabe, porque tem medo.

Medo de perdê-lo para sempre.

“Sempre” parece uma palavra forte demais, é quase desonesto imaginar o sempre de Thiago como as horas que lhe restam antes da cirurgia.

Mesmo assim, ela ousa ter esperança. A família de Thiago também tem. Karin os observa de longe, não tem coragem de se aproximar. Não tem por que se aproximar. Como se apresentaria? Como uma amiga? Uma amante? Um amor de “verão”?

Amor.

Quão forte é esse sentimento para que Karin o chame de amor?

Muito forte.

Tão forte que a faz desejar um abraço, um conforto, ainda que acredite não ter o direito, que não é ninguém na vida de Thiago.

— Escondida? — doutor Augusto pergunta, chegando na antessala onde Karin está. Ela sorri.

— Não.

— Então por que não está lá? — questiona, apontando para a sala especial onde estão os pais e o irmão de Thiago.

— Por que eu estaria? — Ela faz pouco caso. Seu pai não insiste. — Bom, na verdade estou aqui para conversar com o senhor.

— Diga. — Ele a conduz até um sofá, de onde Karin não consegue ver os pais de Thiago. Ela e o médico se sentam lado a lado ali, inclinados um para o outro.

— Quão grave é?

— O caso dele é raríssimo...

— Quão grave é, pai?

— Muito. Casos como o de Thiago tem chances de sobrevida em cinco

anos de menos de 20%.

— E na cirurgia? Quais as chances?

— Filha, não é assim...

— Não me enrola, pai.

— É uma cirurgia difícil, mas o tumor está em um lugar operável.

Acredite, no caso desse tumor, isso é algo bom.

— Então está nas suas mãos.

— Karin... — O médico se vira para ela e respira fundo, parece que vai dizer algo, mas desiste.

— Então ele tem muitas chances. — A moça sorri.

— Mesmo com a cirurgia bem-sucedida, sequelas serão inevitáveis, o tratamento é agressivo... O garoto precisa querer muito viver.

— Eu sei que você vai salvar o Thiago, pai.

— Karin... Eu vou tentar, farei o melhor possível, ok? — Ele se levanta.

— E o melhor *impossível*?

— Você se importa tanto assim com esse rapaz, minha filha?

— Um pouquinho. — Ela sorri e se levanta, aproximando-se do pai, que a abraça.

— Vou conversar com a família do garoto — ele diz, ao soltar a filha, e caminha devagar até a sala onde estão os pais de Thiago.

Karin vê o pai se apresentar, sem se importar com o olhar de desdém que a mãe de Thiago carrega no rosto, assim que o médico se aproxima. Mas Karin se incomoda.

— Você é o médico do meu filho? — a mulher questiona, apontando o dedo para o peito de doutor Augusto que, com um sorriso de quem já viu aquela expressão um milhão de vezes, responde apenas:

— Sou, sim, dona...

— Natália — ela se apresenta, porém, não cumprimenta o médico, muito menos retira do rosto aquele olhar de desdém.

— Então, dona Natália, eu gostaria de explicar o procedi...

— Espera só um minuto — interrompe. — E aquele doutor que estava aqui hoje de manhã?

— O doutor Rogério é residente, está acompanhando o caso junto comigo.

— Junto com você?

— Sim, eu sou o especialista.

A mulher começa a dizer algo, porém é interrompida pelo marido.

— Natália, por favor, deixa o médico nos explicar a situação.
— Mas Vitório...
— Por favor, doutor... — O homem para e olha no crachá do médico.
— Augusto. Continue.
— Me disseram que seu pai é o melhor neurocirurgião do Brasil — diz a voz de uma mulher e Karin sente a presença de uma pessoa atrás de si.
— Ele é, Marcela. — Ela se vira, encarando a ex de Thiago.
— Acho que temos que conversar.
— Eu acho que não temos.
— Eu fui resolver a questão financeira da cirurgia, mas parece que já foi resolvida.
— Pois é.
— Você disse, hoje de manhã, para o Luan e para mim, que não houve nada entre vocês. Se não houve nada, por que pagar tudo isso?
— O hospital é meu.
Marcela respira fundo e se afasta, sentando-se no sofá onde Karin e o pai estiveram minutos antes.
— Eu sei que você é rica, mas pessoas ricas...
— Não fazem essas coisas. Sim, foi exatamente isso o que o Thiago me falou. — Karin deixa os ombros caírem, está cansada. — Olha só, Marcela, não me importo com o que você pensa ou não. A única coisa que quero é que o Thiago fique bem. Se você quer acreditar que nós vivemos uma puta história de amor de cinema, problema é seu.
— Nossa...
— Só aceita que o hospital não vai cobrar nada e esteja do lado dele quando ele acordar.
— Você acredita mesmo que ele vai? — a mulher pergunta, com os olhos marejados.
— Meu pai é o melhor...
— Marcela, meu amor, você estava demorando! — Dona Natália chega, andando depressa até Marcela, sem nem perceber a presença de Karin ali. — Nós precisamos levar o Thiago para outro hospital... Aquele médico...
A pergunta que voa pela mente de Karin é como uma mulher como aquelas criou alguém como Thiago. Pela expressão chocada de Marcela, dá para ver que ela pensa o mesmo.
— Não me diga que você já pagou alguma coisa... — A senhora parece realmente preocupada.

— Natália — a ex de Thiago diz com paciência. — O doutor Augusto é um médico extremamente competente.

— *Quem* disse isso?

Karin sente vontade de sair de onde está e se esconder para não voar no pescoço daquela senhora, no entanto, não consegue se mover.

— Revistas especializadas; Rogério, o médico que estava aqui mais cedo.

— Aquele médico sim... — Natália começa, mas é interrompida.

— Marcela, me desculpa. Espero que tenhamos resolvido a questão — Karin fala, aproximando-se um pouco das duas. A ex de Thiago começa a abrir a boca para um protesto cansado, mas não diz nada. — Por favor, me deixa fazer isso. É tudo o que eu posso fazer, ok?

— Tudo bem, obrigada.

— Não precisa agradecer. Me desculpa pelas coisas que eu disse.

— *Nós todos* estamos sentindo muito — Marcela diz, olhando rápido para a mãe de Thiago, que não entende nada daquela conversa.

— Espero que dê tudo certo.

— Eu também.

Antes de sair, Karin ainda escuta a mãe de Thiago questionar:

— Quem é essa moça?

— Uma amiga — Marcela responde, emendando em seguida: — Todas as questões do hospital estão resolvidas, Natália. Não vamos transferir o Thiago. E isso está decidido.

Karin sai dali, passando por doutor Augusto, que ainda conversa com Vitório e Luan. Depois, pensa em ir até o quarto de Thiago, para se despedir, desejar boa sorte, chorar, fazer qualquer coisa. Mas não vai. Em silêncio, caminha pelos corredores que conhece tão bem, mesmo odiando aquele lugar com todas as suas forças. Foi ali que ela nasceu. Foi ali onde viu a mãe viva pela última vez. Foi ali onde viu a mãe morta pela primeira vez. Seria aquele o lugar onde Thiago morreria também?

É tão injusto.

Karin havia passado tanto tempo procurando um amor de novela, tanto tempo querendo sentir algo como o que sentira por Thiago. Finalmente havia encontrado, e agora o perdia.

Só lhe restava saber se seria para sempre.

CAPÍTULO XV

É ela, sim!

Sempre.

Eu entendi o que isso significava no dia em que a vi sair por aquela porta do hotel em Londres. Ela sempre quis um *sempre*, eu sempre desejei viver um dia de cada vez.

Naquele dia, compreendi que o *nosso sempre* havia começado em um café em Paris. Acho que o meu ainda vai durar por muito tempo. O dela, sei que não.

O *sempre* pode começar no dia em que alguém nasce e acabar no dia em que morre. Pode começar antes mesmo disso e durar eternamente. O *sempre* de alguém pode durar um dia, um mês, cem anos.

O *sempre* de duas pessoas pode durar o tempo de um sorriso, de uma conversa no bar, ou até a despedida no hotel. Alguns *sempres* vão até o hospital e de lá saem sozinhos.

Alguns *sempres* duram *mesmo* para sempre.

Não é sobre o tempo em que a tempestade dura. É sobre ver, sentir e reconhecer.

E ele a vê, entrando no elevador com seu vestido azul, o cabelo em trancinhas, o rosto sereno e triste. Ele a vê, como sempre viu.

É ela, sim!, ele pensa.

Sempre foi ela.

Parte 2

CAPÍTULO XVI

Você se lembra de mim?

Karin sente todas as partes do corpo tremerem. Ela precisa cerrar os dentes para que eles não fiquem batendo uns nos outros, apertar as mãos, pois não sabe o que fazer com elas, controlar os olhos para que eles não permitam que lágrimas se formem ali.

Desde o segundo em que ela entrou naquele elevador, antes mesmo de se virar e ver o rapaz correr para entrar ali também, Karin sentiu frio. Sentiu o coração bater tanto que doía, o sangue parecia congelado, parecia não querer passear pelo corpo. E o corpo parecia precisar fazer muito esforço para se manter de pé.

Agora, os olhos dela observam fixamente a nuca do rapaz, vendo coisas que ela não havia visto antes. Karin repara o couro cabeludo completamente liso, quase reluzente. Ele é mais branco do que ela se lembrava. Mas não tão branco assim.

De repente, ele se vira, olhando fixamente para ela, e o mundo de Karin para.

— Karin — diz, sorrindo. A respiração da moça para no pulmão, como se tudo no corpo dela se recusasse a funcionar. — Karin — ele chama de novo, ainda sorrindo. Algumas pessoas olham para os dois, mas não por tempo suficiente: suas mentes, seus celulares, seus problemas são mais importantes.

— Sim? — A voz dela sai apertada, é quase um sopro. Dói. Karin evita pensar, mas os pensamentos jorram assim que ela percebe o olhar confuso que o rapaz lhe lança naquele segundo. Naquele mísero segundo, o calor parece retornar às veias da moça, como se um fogo tivesse sido aceso dentro dela.

Ele se lembra?

— Oi. Eu sou o Thiago. — Não se lembra. — Acho que você não me conhece. Mas...

Karin sente que tudo dentro dela virou poeira, uma poeira fina voando com o vento. O frio volta com tudo, como se ventasse dentro do espaço vazio que existe nela agora.

— Seu pai — ele continua. — Bem, ele salvou a minha vida, sabe?

Com a boca seca, com tudo seco dentro de si, Karin responde, num murmúrio:

— Ele costuma fazer isso mesmo.

Mal dá para ouvir as palavras, porém, Thiago as compreende.

— Eu tive muita sorte de ele ser o meu médico! — o rapaz comenta, sorridente. E Karin percebe que Thiago sorri o tempo todo. Um sorriso feliz, esperançoso. Há vida naquele sorriso. A pessoa que Karin conheceu em Acapulco era triste, apagada, melancólica.

O que a falta de cinco anos de memórias e de um tumor agressivo na cabeça fazem com uma pessoa!, ela pensa, com uma pitada de amargura. Será que ela tem mesmo o direito de estar tão infeliz? Karin acha que não.

O elevador para no oitavo andar e todas as pessoas, com exceção de Karin e Thiago, descem ali. A situação fica ainda mais desconfortável para Karin.

— Você trabalha na editora, certo?

— Isso.

— Eu volto hoje para o meu trabalho aqui na Agência Lemur. — Ele parece estar feliz com isso, o que acaba deixando Karin feliz também. Mesmo com todo aquele vazio e aquela sensação de estar presa em uma geleira dentro dela, Karin sorri.

— Então você está se recuperando bem!

— Estou, sim! — É impossível que aquele sorriso saia do rosto dele, Karin tem certeza disso agora.

— Seu andar — ela diz, quando a porta se abre. — Bom retorno.

Ele sorri ainda mais para ela e, por um segundo, Karin acha que não consegue mais se manter em pé.

— A gente se vê por aí! — Thiago diz ao sair. Karin apenas concorda com a cabeça e sorri para ele.

Que droga!

Mesmo se preparando por meses, Karin não estava pronta para ver Thiago de novo. Nunca estaria pronta para o olhar de dúvida e curiosidade que ele lhe lançara. Não estava pronta para ser esquecida. Mas foi. Ela, Acapulco, o karaokê, a praia, as conversas, os beijos. Tudo. Não existia mais nada daquilo, não na mente de Thiago. Nas lembranças de Karin, por outro lado, aqueles dias ficariam para sempre.

E era isso o que mais doía.

Karin não percebeu que estava chorando. Ninguém a avisara que ela havia entrado na empresa com os olhos marejados. Talvez ninguém tenha visto, talvez todos estejam com pena dela, embora não saibam o que houve. Eles não sabem que ela foi esquecida. No entanto, desde Marco é sempre assim, como se existisse uma proteção invisível em torno dela que afastasse todas as pessoas e impedisse que elas perguntassem sobre seus sentimentos.

Bem, *quase* todas as pessoas.

— Se não foi importante, por que você ainda está chorando? — A voz da mulher mais intrometida que Karin já conheceu ecoa pela sala. Ela só olha para cima e sorri de forma cansada. — É sério! Você insiste até hoje em dizer que não foi nada, mas eu vi.

— Viu o quê?

— Você congelar feito uma estátua de gelo quando *ele* entrou no elevador.

— Você estava lá?

— Se eu estivesse, você nem teria notado. Mas não, não estava. Quando vi vocês dois, não quis... sei lá.

— *After all this time?*

— *Always.*

— Ok, Snape, espero que isso na sua mão seja o final que eu pedi *há meses*.

— Então, sobre isso... — Ela respira fundo, arrasta uma poltrona para perto do sofá onde está Karin e senta-se ali. — Eu tenho uma boa e uma má notícias.

— Ah, não! Você começou outro livro, Amanda?

Ela faz uma pausa dramática.

— Tecnicamente...

— Ai, meu Deus do céu! Você começou uma saga! — Karin olha para a moça de cabelos castanhos sentada à sua frente, mas fecha os olhos em seguida, tentando não perder a calma. — Amanda...

— Ainda não me acostumei com você me chamando de Amanda.

— Você quer que eu te chame de quê? George R. R. Martin?

— Poderia ser...

— Pelo amor de Deus, não. Faltava o quê? Cinquenta páginas? Menos?

— Menos, acho.

— E você não terminou...

— Sabe o que aconteceu? — ela começa, mas é interrompida.

— Não. Sem desculpas dessa vez. — Karin fala, como se estivesse repreendendo uma criança. No entanto, ergue a mão para que Amanda entregue a ela os papéis que trouxera. — Nós temos um prazo — diz, passando os olhos pelo projeto de saga. — Não sei quais são seus planos, mas acho melhor que fique aqui nas próximas semanas para que eu ajude você a terminar esse bendito livro. Aí você estará livre para escrever sobre... — Ela olha de novo para os papéis. — Mas o que é *isso*?

— A grande história, minha obra-prima! Eu sei que vai ser.

— Duas semanas, Amanda. E não faz essa cara.

— É que...

— O livro está bom, acredite!

— Eu não me dou bem com esse negócio de terminar coisas.

Karin sorri.

— Eu sei.

UM AMOR PARA KARIN

III

Sapporo - fevereiro de 2014

Na visão de Rafaela, Karin parecia uma rainha andando sobre a neve com aquela roupa de frio cara. O branco brilhante reluzindo em sua pele negra. Rafaela sempre amou aquela pele, desde a primeira vez que a viu. Talvez tenha sido esse o motivo por pensar que a moça fosse rica, talvez tenha sido essa a razão que a fizera pensar duas vezes antes de deixar que Karin a beijasse.

Mas, no fundo, Rafaela sabia que não era aquele o motivo.

— Você nunca se cansa? — perguntou, enquanto a outra se divertia na neve, como se nunca tivesse visto aquilo na vida.

— Não! — Karin respondeu, sorrindo.

Rafaela estava se esforçando para não ficar de saco cheio, devia aquilo à Karin. Mas não conseguia mais. Ela não gostava de viajar para o mesmo lugar duas vezes e, mesmo que Sapporo fosse especial, não conseguia parar de pensar em todos os lugares do mundo que ainda não conhecia.

Mas Karin era uma mulher de raízes. Gostava de fincar o pé em algum lugar, gosta de se lembrar e de reviver bons momentos. Revisitar lugares, rever séries, reler livros... Era aquele “re” que matava Rafaela lentamente. Por mais que amasse Karin com tudo o que era, ela ainda amava mais a vida que escolhera para si.

E não era uma vida de “res”.

— Vamos embora? — chamou, com cuidado. — Estou com frio. — Até era verdade, mas Rafaela queria ir embora porque sentia que ficara ali, na praça, brincando de rainha do inverno com Karin, por tempo demais.

Karin a olhou com a testa enrugada. A mulher sabia que a namorada estava mentindo, sempre foi boa demais com mentirosos.

— Tá bom — disse, simplesmente, mas o sorriso que trazia antes morreu no rosto. Foram embora em silêncio, Rafaela de um lado, se sentindo culpada por estragar a brincadeira da namorada, ao mesmo tempo em que estava aliviada por finalmente fazer algo que queria; e Karin do outro, triste ao perceber mais uma divergência.

Por mais que gostassem de coisas parecidas e tivessem ideias semelhantes, os estilos de vida e os planos para o futuro eram muito diferentes. Muito.

Às vezes, tudo o que Karin queria era ficar ao lado de Rafaela, maratonando uma série até o final, sem nenhuma cobrança, sem que Rafa se sentisse mal por não desejar as mesmas coisas que ela.

Mas para Rafaela não era suficiente. A garota nunca parava quieta, nunca terminava nada. Sempre encontrava algum problema inaceitável em tudo, faltando um episódio para o fim. Não gostava de permanecer, nem de repetir. Quanto mais longe estivesse, melhor era.

Uma divergência fundamental, que atrapalhava tudo.

Para Karin, era suficiente. *Rafaela* era suficiente, mesmo que a garota pensasse o contrário. Karin havia encontrado o que buscara a vida inteira e desejava poder chegar até o último capítulo daquela história. Então fazia o que a outra queria.

Elas estavam deitadas na cama do hotel, assistindo à sexta temporada de Buffy, a Caça Vampiros, bem próximas uma da outra, como gostavam de ficar, quando Rafaela desligou a TV.

— O que foi? — Karin protestou.

— Eu acho que essa menina vai é morrer!

— O quê? Nada a ver!

— Vai sim, Karin. Eles estão construindo toda a narrativa pra isso. Não quero mais ver.

— Ah não, Rafa! Sempre a mesma desculpa!

— Não é desculpa! Eu vou ver na internet.

— Se ver, nem me fala, não quero spoiler! — Karin se levantou, chateada, quando a outra pegou o aparelho celular.

— Mas tem mais de dez anos, não é spoiler.

— Pra mim é!

Rafaela respirou fundo e colocou o celular de lado.

— Eu sei que sempre faço isso. — Foi se levantando devagar, aproximando-se de Karin, que estava em pé, com os braços cruzados na ponta da cama. — Mas é que não gosto de ver meus personagens preferidos morrendo... — Com cuidado, ela pegou as mãos de Karin, descruzando os braços da namorada.

— E quem disse que ela vai morrer?

— A lógica narrativa!

— Lógica narrativa?

— É! — Rafaela sorriu, de um jeito meigo e irritante. Karin se soltou das mãos dela e voltou para a cama, onde se cobriu com o edredom.

— Eu queria ter ido ver o festival hoje!

— Mas a gente foi ontem, e antes de ontem!

— Tá bom, Rafaela. Você sempre consegue o que quer!

— Se fosse assim, a gente nem estaria aqui. — Foi a vez da garota fechar a cara. Virando as costas para Karin, caminhou até a mesinha onde estava seu notebook e apertou, com um pouco de raiva, o botão de ligar. Ouviu a TV voltar a ser ligada, mas não se chateou.

— Pois eu vou ver a série — Karin disse. — Tem certeza que não quer ver?

— Tenho — Rafa respondeu, sem olhar para a namorada. Sentou-se na cadeira em frente à mesa, e esperou o sistema iniciar.

— Você vai escrever?

— Vou tentar... mesmo não terminando nada — falou, mais chateada consigo mesma do que com Karin.

— Um dia você vai acabar... nem que eu tenha que obrigar você!

Rafaela sorriu e, virando-se para Karin, respondeu:

— Eu quero ver você tentar.

Karin se levantou, foi até Rafaela, sentando-se na beirada da cama, e a abraçou por trás.

— Você devia deixar um pouco de lado essa ideia de escrever uma saga com dez livros e tentar escrever algo menor — sussurrou o conselho no ouvido da namorada. A pele da garota se arrepiou. E só.

— Queria que seu charme tivesse um pouco mais de efeito em mim — confessou baixinho.

— Já tem mais do que o suficiente, acredite!

— Mas o suficiente é pouco — disse, virando-se na cadeira, e ficando de frente para Karin.

— Rafa... não fala assim!

— É a verdade.

— Não é. Cê sabe que não é — Karin falou com jeito, tentando não parecer que havia sentido dor, mas a voz saiu apertada. Ela não gostava quando a namorada falava daquele jeito de si mesma. Odiava as expectativas que a sociedade colocava sobre os ombros de Rafaela. Ombros que não

nasceram para carregar fardos como aquele. Ombros de alguém que não era quebrada, só era diferente do que se esperava dela.

Só não se interessava por aquilo que o mundo parecia supervalorizar.

Rafaela sorriu.

— Seu sotaque mineiro destaca quando você tenta ser fofa, Ka!

— Até hoje não me conformo com o dinheiro que gastei naquele fonoaudiólogo!

— Até hoje eu não entendo por que você ainda está comigo!

— Porque eu te amo, imbecil!

— Nossa, com tanto carinho, vou até escrever algo super fofo e romântico aqui... — brincou, virando-se de volta para o computador.

Karin se levantou da cama e, de pé, escorou as duas mãos na mesa.

— Sigo aguardando você admitir que ama romances, Rafa.

A garota apenas a empurrou de leve com as mãos, a expulsando dali.

— Então vai lá esperar deitada, coberta, assistindo a uma série, vai. Palhaça!

— E você me ama! — Karin voltou para a cama, sorrindo. — Me ama pra caralho!

— Bom, deve ser amor mesmo...

— E o que é o amor, Amanda? — questionou, sem ironia. — É Amanda, né? Todas as vezes que você se senta aí para escrever... Então, *Amanda*... — falou o pseudônimo que Rafaela costumava usar com ênfase. — Responde aí na sua ficção-científica-lésbica-futurista a grande pergunta da humanidade: o que é o amor?

— E eu lá sei?!

CAPÍTULO XVII

É o nosso final feliz

Karin sempre insistiu em me perguntar o que é o amor. E, sinceramente, eu posso tentar fazer todas as metáforas do mundo, mas ainda não sei o que responder. Não de verdade.

Talvez amor seja nunca esquecer. Talvez seja nunca perder. Ou, quem sabe, permitir-se viver.

Durante muitos anos da minha vida, tentei escrever sobre qualquer coisa que não fosse amor, porque nunca soube lidar com o sentimento, que se manifesta em mim de um jeito tão... diferente. Os livros que já li, as séries que vi, os filmes que gostei, nada disso nunca contemplou amores como o meu. Então, como eu poderia saber?

Depois de um tempo, descobrir o que é o amor passou a ser minha grande obsessão. Criei a Amanda (o nome é óbvio) para tentar escrever e desvendar um dos maiores mistérios do mundo. Veja só a pretensão.

Acho que finalmente estou perto da minha resposta.

— Thiago? — Luan cutuca o braço do irmão, que está distraído, olhando fixamente para o outro lado da lanchonete. Quando acompanha o olhar de Thiago, Luan compreende. Karin está entrando na lanchonete, junto com uma moça de cabelos castanhos que ele não conhece. *Será que ele se lembra?* — Você conhece a Karin?

— Lógico! Ela é a filha do médico que me operou! Espera... — Thiago olha para Luan. — Você a conhece?

— Conheço. — Luan engole em seco. — Ela é amiga da Elis... Mas você não deve se lembrar da Elis... Elas são amigas de trabalho do Leandro. O Leo faz freelas de TI na editora onde elas trabalham...

— Ah! E elas estavam no casamento?

— Estavam, sim!

— Elas têm cara de que tiram várias fotos, né? — Thiago diz, esperançoso.

— Sim. Mas aquela lá com a Karin não é a Elis... Avisando para você não passar carão.

— E é quem?

— Não sei, não conheço.

— Ah! — O rapaz alonga a vogal. — Bom, talvez a Karin possa me ajudar. Você acha que ela ajudaria?

— Claro — Luan responde, um pouco indeciso.

— Tenho um puta medo de incomodar as pessoas com isso, mas eu realmente queria ver o máximo possível do seu casamento. Até agora não acredito que você e o Leo... Como isso aconteceu?

— Nem eu sei, manito! Quando eu vi...

Thiago olha para o irmão, emocionado. De todas as coisas que foram levadas pela sua memória, de todas as coisas que perdera, a lembrança do casamento do irmão, e de todo o relacionamento dele com Leo, era o que mais fazia falta. Era o que mais doía em Thiago. Se ele pudesse escolher uma memória entre as milhões que havia perdido, escolheria aquela.

Mas não pode escolher. As lembranças não vão voltar. O que resta é tentar juntar, caquinho por caquinho, e reconstruir o máximo que puder.

— Bom, perguntar não custa nada. Vou lá conversar com ela, assim que o almoço acabar. Não quero atrapalhar, né? Vai que é algo importante.

Não é.

Karin está conversando... bem, comigo. É estranho colocar a si mesmo em cena e narrar como se fosse outra pessoa. Eu não sou outra pessoa.

Sou Rafaela. Ou Amanda. Depende da situação.

— Karin, Karin! — Rafaela cantarola, olhando de Karin para Thiago. — Por que você não chega nesse hétero e conta logo tudo o que aconteceu?

— Tá maluca, Rafaela?

— Uai, eu não! Você que tá. — Rafaela olha para trás, sem disfarçar que está olhando para Thiago e falando dele. — O hétero é até gat... ajeitado, né?

— Ah, Rafa! Ele é bonito. Só não faz seu tipo de homem...

— Atualmente, meu tipo de homem é o inexistente — ela rebate e Karin solta uma risada. — E não posso nem dizer que sinto falta. Mas o dali. — Faz um gesto discreto com a mão esquerda. — Parece valer a pena. Eu só... sou mais eu.

— No quesito beleza? Porque nos outros...

— Nossa!

— Pelo menos você se lembra... — Karin diz, tentando disfarçar o desgosto na voz.

— E essa é a minha sina — Rafaela lamenta, vendo Karin estalar a língua e revirar os olhos. — Enfim... Ele pode não se lembrar, mas você se

lembra. Para quem ficou chorando e se lamentando por meses, você desistiu fácil demais.

— Eu não fiquei chorando por meses.

A resposta de Rafaela é uma expressão sarcástica.

— É sério, eu não fiquei — a moça se defende.

— Mas dá para ouvir seu coração daqui toda vez que você olha para ele. Pelo amor de Deus, Karin, o tempo passa rápido demais. Deixa de ser besta, não perde a chance.

— Olha quem está falando.

— Exatamente. Olha *quem* está falando. Eu tenho experiência em perder as pessoas que amo.

— Desculpa, Rafa. — Karin diz e se sobressalta, desviando o olhar de Thiago. — Ai, ele está vindo aqui...

— Haja naturalmente — Rafaela brinca.

— Ridícula!

— Oi, meninas — É Luan quem fala primeiro. — Karin, como está? — Ele lança para ela um olhar nervoso, mas Karin sorri, tentando tranquilizá-lo.

Luan foi contra omitirem a viagem para Acapulco de Thiago. Ele sempre achou que deveriam falar tudo o que pudessem para o irmão, mesmo que as revelações o entristecessem ou o confundissem. Mas Marcela e Karin não concordaram. E, no fim das contas, aquela narrativa pertencia a Karin e não a ele. A decisão era dela.

— Estou bem, Luan.

— Tem um tempão que a gente não se fala. — Ele ainda está nervoso. A última vez em que conversaram foi justamente para definir se contariam ou não sobre Acapulco para Thiago.

— É, faz um tempinho.

— Esse aqui é o meu irmão. Vocês já se conhecem, né?

— Ah, sim, sim. — Karin apenas sorri para Thiago e depois aponta para Rafaela. — Essa aqui é minha amiga, Aman...

— Oi, gente, sou a Rafaela. — Ela corta a outra. — Querem se sentar aqui?

— Eu já estou de saída — Luan responde, ainda nervoso. Ele está nitidamente desesperado, com medo do que Karin vai revelar para Thiago. — Mas meu irmão quer conversar um pouco com você, Ka.

— Tudo bem, senta aí, Thiago. — Ela aponta para uma das cadeiras vazias, mas se levanta em seguida. — Luan, quero falar rapidinho com você.

— Vem me acompanhando até a saída — ele responde e depois acena para Rafaela e Thiago, que parece confuso e um tanto quanto sem graça.

Mas, assim que Luan e Karin se afastam, Thiago pergunta para Rafaela:

— Você conhece a Karin tem muito tempo?

— Tem um pouquinho. Desde 2012.

— Eu tenho a impressão de que conheço ela de algum lugar, mas...

— Ela é amiga do seu irmão, né?

— É... É que eu perdi uma boa parte da minha memória e tem coisas que eu me lembro só de fragmentos... E não sei. Eu *sinto* que conheço a Karin.

— Talvez conheça, uai. Por que não pergunta pra ela?

— Não vai parecer uma cantada barata?

— Vai... — Rafa responde com uma sinceridade que tira um sorriso do rosto de Thiago.

— Uai, mas espera aí... você já sabe sobre a minha história? Da memória e tudo o mais?

— Você é mais famoso do que imagina, rapaz! — Rafaela diz, com um sorriso sacana no rosto e o olhar de quem gostaria de contar tudo para Thiago.

Karin se aproxima dos dois e se senta, os encarando desconfiada.

— O papo está bom, hein?

— A gente estava falando de você! — Rafa comenta. — O Thiago está intrigado, pensando que te conhece de algum lugar.

— Do casamento do Luan — Karin afirma, sem nem pensar.

— É sobre o casamento mesmo que quero falar. — Thiago se mexe na cadeira, constrangido. — Eu não sei se você sabe, mas... — hesita. — Eu perdi mais ou menos cinco anos de memórias.

— Caramba, foi muita coisa, né? — Karin reage ao ouvir aquilo sendo dito por Thiago. Em muitos momentos, ela pensara que nada daquilo havia sido real. Mas, agora, ao ouvi-lo, parece que a certeza que ela temia chega com tudo. — Eu até sabia, mas — não completa a frase.

— Pois é, é foda!

— Eu imagino.

— E o mais foda é que acabei esquecendo de todo o relacionamento do Luan, inclusive o casamento.

— Caramba! — ela repete, sem saber o que dizer. Rafaela permanece estática, em silêncio, temendo que até sua respiração atrapalhe a conversa dos

dois.

— É por isso que quero conversar com você. Na verdade, quero te pedir um favor.

— Diga, o que eu puder fazer para ajudar, eu faço.

— Obrigado — ele agradece, antes de revelar: — É que estou reunindo todas as fotos, vídeos, depoimentos, *tudo*, sobre o casamento. Então, tudo o que você puder compartilhar comigo, vou agradecer imensamente. Estou meio desesperado.

— Claro, entendo. Eu devo ter alguma coisa no meu drive. Aliás, com certeza, tenho. Nunca apago nada do meu backup.

— Jura? — Os olhos dele brilham para Karin. E o coração dela se parte (de novo) em um milhão de pedaços.

— Eu posso compartilhar com você tudo o que encontrar!

— Não vai dar muito trabalho?

— Não, imagina!

— Poxa, muito obrigado mesmo! — Ele se levanta, emocionado. — Você poderia me passar seu número?

Karin hesita por alguns segundos, olhando para Rafaela em busca de uma ajuda que não recebe.

— Claro! — Ela ergue a mão, pedindo o celular de Thiago, que entrega o aparelho logo em seguida. Receosa, Karin digita o número, lentamente, e leva um golpe forte no peito quando vê que seu número já estava salvo ali.

Milionária.

— Pronto?

— Sim — Karin responde, quase sem voz, e entrega o celular para Thiago.

— Milionária? — Ele olha o contato salvo ali.

— Já estava salvo.

— Milionária? — pergunta, confuso.

— Eu sou.

Confuso, o rapaz desiste de questionar qualquer coisa, imaginando que conhecera Karin em algum momento no casamento de Luan e que, talvez, tenha conversado o suficiente com ela para conhecê-la ao menos um pouquinho.

— Então... agradeço novamente, meninas. Tchau, Rafaela. — Ele acena para a moça de cabelos castanhos.

— Tchau. — Rafa sorri para ele, com um pouco de pena no olhar.

— Tchau... milionária. — Thiago olha para Karin de um jeito tímido que a desconcerta tanto, que ela nem consegue responder à despedida. Apenas tenta sorrir de volta, sem muito sucesso, desabando logo depois que ele sai.

— Essa situação vai me matar... — comenta com Rafaela.

— Só se você quiser, Karin.

— Não, Rafa. Essa história tem que acabar aqui.

— Ah, não, Karin. Logo *você* desistindo de uma história dessas?

— Não estamos falando de um livro, Rafaela.

— Exatamente. Estamos falando da *sua* história... Tem noção de que se você desistir, vai se arrepender pelo *resto da sua vida*?

— Rafa...

— Eu, melhor do que ninguém, sei do que estou falando. Karin, você sempre quis viver sua grande história de amor. Está aqui! A chance do seu final feliz e todo aquele blá, blá, blá que você adora. De nós duas, quem desiste sou eu. Quem não encerra coisas direito sou eu. Não você.

— Mas, Rafa.

— Não tem essa de “mas, Rafa”. Você vai atrás desse hétero.

— Ele é casado.

— Mas tinha se separado.

— Ele não se lembra.

— Não importa! *Você* se lembra. Você lembra, cara! — Rafaela quase grita na lanchonete. — E isso é mais do que necessário.

CAPÍTULO XVIII

Longe de mim

Elis olha para as duas com uma expressão indecifrável. Depois, volta a olhar para o original que está em suas mãos, sem saber como reagir.

— Então? — Amanda pergunta, ansiosa.

— Olha... Falta o final... Não tem como eu falar nada sem o final.

— Como assim? Lógico que tem!

— Eu falei pra você, Amanda! — Karin intervém. — Seu prazo está acabando.

A garota estala a língua.

— Ok. Mas eu preciso de feedback.

— E eu preciso saber o final para entender algumas coisas. — Elis se vira para Karin. — Ka, não posso ajudar, desculpa.

— Tudo bem, Lis — Karin fala para a amiga e depois se vira para Amanda. — Você precisa terminar. Só termina, Rafa. Está tudo aí na sua cabeça. Não precisa ter medo do final.

— Mas eu tenho.

— Não tenha — Karin sorri, como se pudesse confortar Amanda com aquela expressão calma.

Ela não pode.

Nunca pôde.

Mas, às vezes, o sorriso de Karin é tudo o que eu queria ver antes de abrir uma nova página em branco.

Em branco. Vazia como as páginas finais dos livros que eu nunca terminei. É assim que Karin se sente, desde que Marco lhe arrancara toda a sua paz.

Em branco. Vazia como as memórias de Thiago.

Karin não sabia precisar em que momento tudo havia começado a dar errado. Ela não sabia se fora no dia em que deixara aquele hotel em Londres ou na noite em que decidira ir até aquele bar em Belo Horizonte.

Deixar Rafaela havia sido uma boa escolha, ela sabia. Mas conhecer Marco foi desastre seguido de desastre.

Entretanto, como ela saberia? No dia em que o viu pela primeira vez, tão simpático, tão solícito? Como ela saberia que a história dos dois terminaria com ameaças e agressões, com a porcaria de uma faca?

A culpa não era dela. Aquela voz aguda e desesperada tentava afirmar o tempo todo, dentro de sua mente. Mas e se tudo tivesse sido diferente?...

E se *eu* não tivesse deixado Karin ir?

O que teria acontecido?

Algumas coisas vão me atormentar para sempre.

Às vezes, eu queria poder esquecer.

Distraída, tentando encontrar respostas para uma pergunta que nunca vai se calar, Karin não ouve o celular apitar a chegada de várias mensagens. Só depois de muitos minutos é que ela percebe as notificações na tela.

Com medo, aquele medo que sempre anda com ela, Karin pensa em pedir para que o segurança confira o conteúdo primeiro. No entanto, desiste. Ela odeia se sentir tão presa. Odeia o fato de que a avó reforçou sua segurança. Odeia o fato de precisar *ter* segurança.

Ela odeia Marco com todas as forças.

E eu também.

Reunindo a coragem que não tem, Karin olha as mensagens. São de Thiago. O aperto que ela sente no peito ainda está ali, mas é diferente. É a renovação de uma esperança que nem deveria existir.

O rapaz tenta puxar assunto, apresentando-se como o Cara do Elevador, mas Karin já tem o número de Thiago em seu celular. Está salvo como Atropelado.

De novo, o frio, o vazio. Aquela sensação gelada, como se ventasse dentro do nada em que ela se transformara.

Então, Karin decide mudar o contato, salvando-o como Cara do Elevador, um nome que não diz nada e, ao mesmo tempo, entrega *tudo*. Tudo o que ela havia perdido antes mesmo de ganhar. Karin queria poder apagar Thiago, assim como fizera com o nome salvo no celular, modificá-lo, esquecê-lo. Mas não podia. A lembrança que tinha dele era uma sina que carregaria para sempre.

Nas mensagens, Thiago não soa tão melancólico como Karin se lembrava. Aliás, era meio óbvio para ela que o homem que conhecera em Acapulco era uma distorção da pessoa que Thiago de fato era. A distorção criada por um cérebro doente.

Thiago não estava mais doente agora.

Aquele sujeito que tentava puxar assunto, tentando não parecer desesperado, Karin não conhecia. O Thiago de Acapulco não existia mais. Talvez nunca tenha existido.

O rapaz pede a ela as fotos do casamento de Luan, e Karin não pensa duas vezes antes de começar a procurar em seu Drive. Ela não demora a achar e a enviar para Thiago, na esperança de que ele se contente com aquilo e não volte a puxar conversa.

Não é o que ele faz.

Thiago parece realmente interessado em conhecê-la melhor. Ele pergunta a respeito do casamento, sobre o que ela pensava de Luan e Leo e o que ela havia achado da cerimônia. Quando percebem, os dois já estão conversando sobre coisas que nada tem a ver com o casamento de Luan.

E, por um segundo, Karin tem a sensação de que eles nunca haviam parado de se falar. De que as memórias ainda estavam ali, em Thiago, e não somente nela.

Naquele segundo preciso em que ele a convida para sair.

E ela aceita.

Karin espera por Thiago, tremendo, como se fizesse frio. De longe, tentando disfarçar sua presença ali, o segurança a observa, apreensivo, antes de voltar a olhar a rua.

Uma prisão de grades invisíveis.

Depois das mensagens de Marco que Karin recebera, ainda quando estava em Acapulco, a avó da moça não quis deixá-la em paz. A poderosa Ana Alice não suportaria perder a neta também; a filha já havia morrido cedo demais. Karin é tudo o que lhe resta.

O rapaz não demora a aparecer.

— Desculpa pelo lugar — é a primeira coisa que diz, ao vê-la. — É o único, minimamente decente que eu me lembro, e que ainda está aberto.

— Não tem problema. — Karin sorri, mas o sorriso dela some quando Thiago se aproxima e a beija no rosto. É um cumprimento normal, que a deixa sem reação.

— Como você está? — questiona, nervoso, ao se sentar de frente para ela.

— Bem — mente. — E você?

— Tô levando. — O rapaz sorri, desajeitado, com medo de ter respondido de forma pessoal demais.

— Eu imagino o quão foda deve ser... esquecer — Karin comenta, com um sorriso sincero e compreensivo.

— Ah! — Ele estala a língua. — Mas esquecer nem é a pior parte. O pior mesmo é tentar lembrar.

— Como assim?

— Quando eu acordei no hospital, acordei *mesmo*, no caso, e me contaram o que tinha acontecido, fiquei tão feliz, tão grato por estar vivo. No meio de toda a dor, de toda a apreensão, da compreensão em saber que eu teria um longo tratamento pela frente, eu estava feliz. Não sentia falta de nada. Mas durou pouco, sabe? Logo em seguida começaram a aparecer as lacunas, me perguntavam coisas e eu não sabia, não me *lembrava*. Era como se eu tivesse parado no tempo e o resto das pessoas continuado andando. Eu me sentia deixado pra trás.

— Nossa! — A voz de Karin sai apertada, queimando na garganta. Ela não se incomoda com o desabafo, pelo contrário. Seu desejo é que Thiago fale mais, que lhe conte tudo sobre os últimos meses, cada detalhe, cada trivialidade. Karin quer ouvi-lo, como se ele fosse aquela playlist no Spotify que ela ouve todos os dias, porque as músicas a fazem se sentir em casa.

Há tanto tempo Karin não se sente em casa. Há tanto tempo está presa. Com Thiago não existe prisão, não existem as mensagens de Marco, nem o vazio deixado nela, por Thiago, quando ele a esqueceu.

— Mas, ai, não quero pesar nossa conversa! Eu acabei de chegar. — Ele sorri para ela.

— Que nada! Adoro uma conversa pesada!

— Obrigado — diz, ainda sem graça. — Mas deixa eu ir direto ao ponto, antes que você ache que sou muito carente.

Karin solta uma risada. Aquilo nem tinha passado por sua cabeça. Talvez, em outra situação tivesse; não ali, olhando para os olhos castanhos de Thiago, que diziam muito mais do que sua voz.

— Pergunte tudo.

— Vou começar com a pergunta que ninguém me responde.

— Eita!

— É sério! Você não me conhece, não tem razão para ficar tentando me proteger das memórias que eu nem tenho!

Karin engole em seco, só concordando com a cabeça.

— Enfim, eu quero saber dos meus pais. Você sabe alguma coisa deles? Se eles foram no casamento. Não os vi em nenhuma foto, minha consciência

diz que eles não foram, mas sei lá...

— Eles não foram — Karin diz, até seca demais, e vê o rapaz suspirar.

— Que droga, hein?

— Mas talvez tenha sido, sei lá, algo que deu errado. — Ela tenta consertar.

— Algo deu errado. O Luan se casou com um homem — Thiago confessa, fazendo o sangue de Karin congelar nas veias. A pessoa que ela conhecera em Acapulco não julgava, pelo contrário, defendia o irmão com unhas e dentes. O que existia de tão diferente naquela figura ali, parada a encarando? — Meus pais são ridículos de preconceituosos. Aposto que minha mãe teria um AVC se me visse com você aqui. Eu não estou brincando. — O rapaz passa a mão no rosto, cansado.

— E você, o que acha do casamento do seu irmão? — Quando Karin viu, a pergunta já havia saído. Ela precisava saber o que ele, de fato, pensava.

— Não vou mentir pra você, pra tentar parecer mais legal do que eu sou. — Ele preferiu ser sincero. O sangue de Karin permanecia congelado. — Fiquei preocupado, assim que soube.

— Preocupado?

— É. Eu conheço o Leo desde a época da faculdade. O garoto pegava todos os rapazes possíveis! Era assustador!

— Assustador? — Karin solta uma gargalhada.

— É. Eu realmente ficava assustado. De verdade, não é brincadeira!

— Mas, enfim, ele não é mais assim. Posso te garantir. Inclusive, desde que começaram a namorar, o Leo *só fala* no Luan. É insuportável. Se não me engano, o Leo já estava fazendo freelas para a editora tinha um tempo, na época, ele odiava o seu irmão.

— Eu me lembro disso! — Thiago bate na mesa. — Imagina meu choque quando descobri que eles se *casaram*!

— Nossa, realmente...

— Mas continua contando, por favor — pede, com os olhos brilhando.

— Eu não sei o que aconteceu, mas de repente, absolutamente do nada, o Leo chegou na empresa para resolver um problema no meu computador, e só falava no Luan. Sabe aqueles adolescentes que só sabem falar do crush?

— Crush é a nova palavra para “estou gostando do fulano”, né?

— Eu preferia “estou gostando de fulano”, era mais profundo, mais constrangedor.

— Eu sempre estava gostando de quem não gostava de mim! — Thiago

conta, rindo. Eu era um desastre.

— Uai, e a Marcela? — Karin pergunta, sem ver. Thiago a encara, um pouco surpreso por ela conhecer aquela informação.

— É lógico que você conhece a Marcela. — Ele se dá conta. — Então, era dela mesmo que eu gostava...

— Deu certo no final! — Karin diz, tentando colocar um sorriso no rosto, no entanto, aquelas palavras doem. Por que trouxera Marcela para a conversa?

— É... — ele responde, franzindo o cenho. — Deu certo em algum momento, eu acho.

Karin chega a fechar os olhos. Ouvir aquelas palavras não devia aquecer tanto assim todo aquele frio que ela sentia constantemente, nos últimos meses, mas aquecia.

— Bom... sobre o casamento. — Karin corta o assunto. — Não tenho muito mais o que dizer. A comida estava muito boa, mas passei a festa inteira segurando vela para a Elis e um menino que eu nunca mais vi na vida.

Thiago não disfarça o olhar de decepção. Karin queria acreditar que era porque os dois não teriam mais assuntos nem desculpas para conversarem mais.

— Eu queria tanto me lembrar! — Thiago apoia a testa sobre a mesa e depois volta a olhar para Karin, com um rosto perdido e cansado, que fazia a moça se lembrar do Thiago que conhecera em Acapulco. Vendo-o assim, ela não gostava mais daquela versão antiga. Preferia o Thiago feliz e esperançoso. O rapaz que tinha brilho nos olhos quando falava sobre qualquer coisa, não aquele Thiago que tinha tanto medo de morrer. — Só... me lembrar! Não de tudo. Já me desapeguei, o importante é estar vivo. Mas essa lembrança, só essa, eu queria de volta.

Ela controla a vontade que tem de pegar na mão de Thiago e dizer que tudo ficaria bem e que, na vida dele, ainda teria espaço para a construção de muitas outras novas lembranças. No entanto, nenhuma dessas novas memórias seria a do casamento de Luan. Nenhuma delas traria a emoção, a dor, as lágrimas, o sentimento de plenitude que Thiago sentira ao ver o irmão feliz.

Olhando para toda a angústia que o rapaz tenta disfarçar, ela sente um vazio, muito maior do que aquele que ela carrega, porque Karin ainda tinha o conforto das lembranças. Ela sabe e às vezes pode sentir de volta tudo aquilo que sentira em Acapulco, com ele. Thiago não tem mais nada.

— Enfim! — Ele joga a cabeça para trás. — Não quero ficar na *bad*. Chamei você aqui pra gente conversar sobre coisas boas. Você, com certeza, tem coisas boas para contar. Não só sobre o casamento...

— Nada a relatar, senhor.

— Ah, para!

— Minha vida é mais parada que carro na garagem — ela confessa, sorrindo, sentindo o celular vibrar no bolso.

O medo.

A prisão.

A angústia.

Ela verifica a mensagem, porque algo parece fazer seus dedos deslizarem pela tela e atraírem seus olhos para a luz que vem do aparelho.

Que mostra uma mensagem de Marco.

Mesmo enviada de um número privado, ela sabe. Ela já sabia, antes mesmo de sentir o telefone vibrar. Karin sempre sabe, ela sempre sente, a todo o momento.

“Seu segurança não pode manter você longe de mim”.

Todo o calor e o conforto trazidos por Thiago são varridos para quilômetros de distância dali. Aqueles poucos minutos de paz vão embora na velocidade com que aquela mensagem cruza o espaço entre a tela e os olhos de Karin.

A dor.

Karin sabe. Naquele momento, tem toda a certeza de que nunca ficará em paz.

CAPÍTULO XIX

Um milhão de palavras entaladas

Thiago vê a expressão de Karin mudar. O sorriso bonito que ela trazia, some tão depressa que ele chega a pensar que alguém morrera.

— Está tudo bem? — pergunta, preocupado. Ela não responde. Está tão assustada, olhando para a tela do celular, que parece não tê-lo ouvido. — Karin? Está tudo bem?

— Oi?! — Ela pisca algumas vezes, o encarando. Seus olhos marejados demoram focar no rosto de Thiago.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — responde com uma voz aguda. — Eu só tenho que ir. — Karin se levanta, ainda desnorteada, pegando sua bolsa com uma mão. O celular segue apertado na outra, como se fosse explodir caso ela o soltasse. — Desculpa não poder te ajudar mais.

— Karin, espera. — Ele se levanta, segurando-a pelo braço, a impedindo de o deixar ali, sem nenhuma explicação. Ela encara a mão de Thiago, presa nela, sem força, seu olhar é um misto de surpresa e pavor. *Por que ela parece estar com tanto medo?* — Está tudo bem?

— Não. — Karin desvia o olhar para o rosto de Thiago. Não era a mesma pessoa pela qual ela havia se apaixonado em Acapulco. E, ao mesmo tempo era. O rapaz sente, novamente, que precisa tocá-la, quer abraçá-la, ainda que não entenda o porquê. — Mas vai ficar, não se preocupe.

— Quer que eu leve você para casa? — oferece, sem soltar o braço dela. Ele não *quer* soltar. Quer se aproximar, descobrir de onde vem aquele cheiro doce, abraçá-la, protegê-la de qualquer que seja o monstro que a assusta. Quer tocá-la.

— Não precisa.

Thiago se afasta, um pouco assustado consigo mesmo. De onde vem isso que está sentindo? O que é isso?

— Tem certeza? — Ele solta o braço dela.

— Sim. Meu segurança está ali. — Ela aponta para o homem parado na porta da lanchonete, olhando para os dois, apenas aguardando qualquer ordem.

— Uau, você é *mesmo* milionária! — comenta, tirando um sorriso de Karin, que deixa tudo mais leve. Até o olhar de medo suaviza.

— Eu sou!

— Então, é melhor eu tomar cuidado...

— Por quê? — questiona, confusa. Nem ele sabe o motivo de ter falado aquilo. Ou finge não saber. Não é o fato de Karin ser milionária que o assusta, mas, sim, aquele sentimento estranho, que parece pairar sobre ele, dentro dele, em todos os lugares, quando está perto dela.

— Aquele cara ali tem uns dois metros de altura. — Ele se aproxima e sussurra no ouvido dela. — Não quero admitir, mas eu não daria combate.

Karin segura uma risada, com a mão. Como Thiago consegue?

— Você não me oferece perigo. Eu *acho*.

— O importante é o seu segurança achar isso também — o rapaz continua sussurrando, perto dela, fingindo estar realmente com medo.

— É só você não invadir *muito* o meu espaço! — Karin brinca, quando ele se afasta um pouco.

— Ah! — Thiago canta a vogal. Em um lamento sincero e incontrolável, ele se segura para não dizer: “que pena!”. Invadir o espaço de Karin, com autorização, não seria bem uma *invasão*, mas era tudo o que ele queria fazer naquele momento.

— Eu tenho que ir. — Ela se despede, andando para trás, se afastando dele, sem parar de encará-lo.

— Realmente acho que você não me contou tudo. Vamos precisar conversar outras vezes. — Thiago faz um gesto com as mãos. — Só acho...

— Bom, então a gente se vê qualquer dia desses! — Ela ainda o encara, já se aproximando da saída e do segurança.

— Pode ser amanhã? — o rapaz questiona, ansioso.

— Vou pensar no seu caso.

— Amanhã, às oito da noite?

Karin sorri, mas não responde, apenas se vira e continua seu caminho. O segurança ainda lança um olhar duro para Thiago, mas depois sorri como quem diz: “você não é o inimigo” e segue a mulher para fora da lanchonete.

Thiago fica ali se perguntando quando foi que se encantara tanto por Karin? Ele não viu acontecer. Simplesmente estava ali, desejando ir atrás dela, segurá-la de alguma forma, e não soltá-la mais. Era como se estivesse esperando por aquilo por muito tempo. Esperando vê-la.

— Eu conheço essa mulher! — diz para si mesmo, baixinho, antes de

voltar para a mesa onde estavam sentados. Não haviam pedido nada, a conversa apenas fluíra e acabara rápido demais.

Thiago olha em volta. Se quiser encontrar Karin de novo, ele pensa que precisa achar um lugar melhor.

— Ela é milionária, cara! — Ainda meio perdido, ele se senta, encarando o cardápio de design duvidoso sobre a mesa. — Como vou impressionar uma milionária, a trazendo em uma lanchonete que vende coxinha?

Exatamente assim.

Já vi homens e mulheres, eu inclusa, tentando impressionar Karin, a levando em lugares chiques e caros.

Nunca funcionou. Karin sempre gostou de coisas simples, de andar pelas ruas, de se divertir com qualquer coisa. Ela sorria muito mais fazendo anjos de neve no chão, do que comendo algum prato francês em um restaurante chique.

— Mas ela estava aqui ontem! Deve gostar do lugar! — ele continua falando sozinho, e se assusta quando a moça, que estava o balcão, se aproxima.

— O senhor vai querer alguma coisa? — ela pergunta, como se perguntasse se ele está bem.

— Vou, sim. Uma coxinha, sem catupiry, e um café, por favor. — Sorri para a atendente, que nem anota o pedido. *Eu não deveria comer essas coisas.*

— Já trago.

— Obrigado.

A coxinha era realmente muito boa. Thiago volta para casa, ainda sentindo o gosto dela da boca. Nos olhos, ainda traz a imagem de Karin olhando para ele daquele jeito profundo, como se pudesse lê-lo até nas entrelinhas.

E ela pode, ele sabe que pode.

Meu Deus, por que não paro de pensar nessa mulher?

O Uber, uma novidade que Thiago estranhou, mas passou a gostar depois de meses usando, para em frente ao prédio de Marcela. Ao meu *prédio*, ele se corrige. No entanto, o sentimento é tão diferente, Thiago não sente mais que pertence àquele lugar, não se sente mais em casa ali, nem em meio à sua coleção de miniaturas, aos seus desenhos colocados em molduras

na parede do escritório. O escritório *dele*, não o de Marcela. Quando foi mesmo que eles separaram o ambiente?

Nos últimos meses, desde que o rapaz abrisse os olhos no hospital, Marcela esteve com ele, tentando fazer de tudo para manter uma vida que até Thiago sabia que pertencia ao antes. O esforço da mulher era grande demais, ela estava diferente e, ainda assim, do mesmo jeito. Ainda era a mesma pessoa autoritária que Thiago amava desde os dezenove anos.

Foi ele quem mudou.

O rapaz desce do carro e, pensativo, caminha para dentro do prédio. Há algum tempo, ele quer perguntar algo à Marcela, mas tem medo da resposta. Thiago caminha devagar e, sem pressa, aperta o botão no elevador. Vê a porta se fechar, a cabeça dói com a pressão da subida. Ele odiava elevadores, até conhecer Karin em um, até sentir o perfume doce que vinha dela preencher todo o ambiente. Naquele dia, Thiago não sentiu dor.

A porta do elevador se abre, logo de frente para a porta da casa de Marcela. *Minha casa*, ele se corrige de novo. Ao contrário de Karin, a mulher de Thiago gosta de parecer rica. A sala é bem decorada com móveis caros, quadros mais caros ainda. Aquela decoração clean, aliás, nunca agradou os olhos do rapaz. O único lugar, em uma casa daquele tamanho, que o fazia se sentir minimamente confortável era o seu escritório escuro.

— Oi — Marcela diz, sentada no grande sofá branco, sem tirar os olhos da revista que analisa. Thiago sabe que a mulher não *lê* o conteúdo, ela o esmiúça, procura defeitos e referências nas matérias e, principalmente, nos anúncios. Marcela ama trabalhar.

E, por muito tempo, Thiago amava a ver assim, concentrada e, às vezes, quase sempre, na verdade, irritada com os conteúdos que lia.

Então, ele decide se sentar de frente para ela, na poltrona que deveria ser dele, mas raramente era usada. Depois de muito tempo a observando, ali, calada, com o cenho franzido em uma expressão de quem não está gostando de nada do que vê, Thiago questiona:

— Não vai reclamar dos magros hoje?

Ela levanta o olhar e o encara por cima dos óculos vermelho.

— Você é magro. Eu até gosto de magros.

— Desde quando?

— Ok, essa revista está insuportável. — Ela coloca o periódico de lado, no sofá, e analisa o marido. — Muita coisa vem mudando nos últimos anos, Thiago. Mas isso daqui. — Ela dá dois tapinhas na revista. — Ah, isso daqui

ainda vai demorar.

— Você ainda vai conseguir mudar isso, Marcela!

— Estou tentando há dez anos e falhando. — Ela está chateada com algo.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada novo, na verdade. Nossa campanha foi reprovada!

— Aquela linda?

— Aquela linda! — Ela suspira e pega a revista. — O cliente, finalmente, depois de pedir quinhentas alterações admitiu que queria alguém magro. Eu nunca vou mudar o mercado com um filho da puta desses mudando as minhas campanhas... Gordofóbico de merda. Essas marcas só fingem se importar.

— Eu ainda acho que você vai mudar o mundo. Nem que seja na base do soco! — ele comenta, tentando consolá-la.

— Talvez eu devesse parar de tentar e só aceitar a grana desses fodidos.

— Mas você nunca vai fazer uma campanha só com gente magra... Eu te conheço.

— Não vou. É... não vou *mesmo*.

— Mas as coisas estão mudando, você disse.

— Lentamente...

— Hoje eu paguei o táxi, que não é táxi, direto do celular.

— Mas o assento do carro ainda é feito para um padrão magro.

— Você não vai mudar nunca! — Thiago diz, sorrindo. — Isso me conforta — confessa e sente o olhar de Marcela questionar aquilo que a voz não fala. — Em meio a tudo o que mudou entre nós, é bom saber que você continua minha amiga.

— Thiago?... — ela começa a dizer, mas para.

— Marcela, não sou burro! Posso ser lento, às vezes um pouco frango, mas burro eu não sou. Sei que você, ou o Leo, apagou várias coisas do meu celular, até do meu drive. Tem lacunas na minha cabeça e tem lacunas à minha volta. Vocês estão escondendo algo de mim. Demorei pouco para perceber isso, mas muito para aceitar.

Ela começa a abrir a boca para dizer algo. No entanto, para. Não quer mais mentir. Thiago tem razão, eles são amigos, sempre serão amigos.

— Tudo bem! — Ele solta o ar. — Não quero mesmo descobrir isso agora, ou ter essa *certeza* agora. Eu só quero dormir um pouco, se conseguir.

— Thiago, eu não sei...

— Marcela, vocês *estão* escondendo algo de mim. Eu já sei que meus pais não foram ao casamento do Luan. Era óbvio. Não entendo, ou talvez até entenda, por que vocês sempre fugiram do assunto, por que esconderam de mim. Mas não é só isso, é?

Ela não responde, só o encara e depois abaixa o olhar para a revista em suas mãos.

— Essa é a minha vida, Marcela. Essas são as minhas memórias. Eu posso até não me lembrar delas, mas elas me pertencem.

A mulher segue sem dizer nada. E o que diria? Ela sabe que está errada. Muito errada. Como a maioria das pessoas, errou tentando acertar.

— Olha, Marcela, quando vocês estiverem dispostos a conversarem comigo, como adulto e não como uma criança que deve ser protegida contra tudo e contra todos, eu estarei aqui. Mas até lá, sinceramente, é melhor que você volte para a sua revista! — Ele se levanta, chateado, e começa a andar na direção do corredor.

Marcela o acompanha com o olhar, ainda perdida, com uma quantidade incontável de palavras agarradas na garganta, a sufocando.

— Nós quase perdemos você — ela confessa. Essa é sua justificativa.

Thiago para, se vira para ela e a encara por alguns segundos.

— E no final quem acabou me perdendo fui eu mesmo.

CAPÍTULO XX

Milhonária

Ana Alice estuda a neta com atenção. Sob o olhar da avó, Karin parece pequena, como se voltasse a ser a menina de três anos que perdeu a mãe. Alguém que deveria ser protegido, cuidado e amado, acima de qualquer coisa.

Se pudesse, Ana Alice mataria Marco com as próprias mãos, já velhas, enrugadas e enfraquecidas pelo tempo.

— O Estado não pode fazer mais nada, como sempre. O melhor mesmo é que mantenhamos os seguranças sempre com você — a senhora diz, seca e prática, como sempre fora.

— Ou seja, a prisão é minha.

— Não fale assim, Karin!

— Mas é a verdade, vó. A porcaria da prisão é minha! O cara me agride, tenta me *matar*, me persegue, mas quem deve ficar presa e escoltada sou eu? Não é justo.

— Muita coisa na vida não é justa. E muitas mulheres não têm a possibilidade de se protegerem, você tem.

A bronca acerta em cheio. Karin conhece todos os privilégios que tem por ser rica, mesmo assim, não consegue evitar aquele sentimento ruim, de impotência, de medo. Ela só quer ser livre.

— Talvez você devesse viajar, minha filha. — O pai de Karin, que observava a conversa das duas em silêncio, sem se intrometer, resolve opinar.

— Mas ele não está aqui, pai! — Karin rebate. Há muito tempo, decidira criar raízes no Brasil, ela não quer ir embora. — A vó acabou de dizer que tem certeza que o Marco está fora do país.

— Eu não sei — Augusto murmura, indeciso.

— Paguei caro por essa informação. Sigo pagando. — Ana Alice nunca perde a oportunidade de colocar seu dinheiro na conversa. Karin não herdara sua arrogância, pelo contrário, puxara o pai.

— O importante é que ela fique segura. — Augusto não quer discutir.

— Olha, eu realmente agradeço vocês dois, mas agora quero ficar sozinha. Se nada vai ser resolvido, acho melhor vocês irem.

— Tudo bem, minha filha — Augusto se aproxima e a beija na testa. — Fique tranquila!

— Vou tentar — ela responde o pai, mas não tira os olhos da avó, ainda sentada no sofá, a queimando com os olhos.

— Talvez seu pai tenha razão, Karin. — Ana Alice se levanta, por fim. — Você deveria considerar viajar pelo mundo. Não ficar parada em lugar nenhum. Igual aquela sua amiga lá.

— Minha ex-namorada, vó — ela corrige e vê a avó revirar os olhos. — Enfim, não é importante. — Karin se levanta e segue os dois até a saída, despedindo-se deles com um sorriso forçado.

Quando eles entram no elevador e a porta se fecha, Karin se permite desabar.

Se Marco está assim tão distante, em outro país, como os detetives contratados por Ana Alice afirmam, como sabe tanta coisa sobre ela? Como ele sabe os momentos exatos para destruir a alegria de Karin? Como ele sabe sobre os seguranças?

Apenas uma coisa a conforta: Marco nunca mencionou, em nenhuma das mensagens, a viagem de Karin para Acapulco. Ele parece desconhecer Thiago.

Ela respira fundo e fecha a porta, exausta. A única coisa que quer é fechar os olhos e dormir. Quem sabe sonhar com alguma praia mexicana, com Thiago, e uma época onde algumas memórias duraram para sempre.

Karin olha para o celular sobre o braço do sofá. Um aparelho novo para um número novo. Depois de relutar para manter seu número, mesmo com as mensagens constantes de Marco, ela decide abrir mão daquele último gesto de resistência contra a prisão na qual estava cada vez mais atrelada.

O aparelho está quieto. Ninguém mais tem seu número, nada de Whatsapp, nada de mensagens, nada de ligações.

Ela manda mensagens para poucos contatos, Elis, Amanda, sua chefe Adriana. E para ele. Quando vê o contato de Thiago, Karin não resiste, manda um “oi, aqui é a Karin e este é o meu número novo”, que o rapaz responde na mesma hora:

Amanhã, 20h. Posso passar na sua casa?

Karin sorri. É incrível como Thiago consegue afastar, sem nenhum esforço, todo aquele sentimento ruim.

Ok.

**Talvez eu já tenha seu endereço.
Juro que não sou stalker.
O Luan que me deu.**

Tudo bem! Amanhã, 20h.

É a última coisa que ela manda, antes de desligar a internet do aparelho. Está cansada demais até para conversar com Thiago.

Karin vai se deitar, tentando entender por que aceitara sair com o rapaz. Depois de todos aqueles meses presa dentro de si mesma, dentro das lembranças que construíram juntos, dentro do medo de perdê-lo e ser incapaz de recuperá-lo. Depois de fugir tanto, agora corria para ele, com os braços abertos, disposta a cair, sem se preocupar em se levantar.

Ela se deita e olha para o teto, decidida a não permitir que Marco lhe tire mais nada. Ele quer prendê-la, assustá-la, impedi-la de viver. Karin não vai permitir que isso continue acontecendo. Não vai se permitir prender de novo.

Karin quer ser livre.

Thiago está parado, escorado em um carro cinza, esperando por ela. Ele está vestido com uma roupa toda preta, o que deixa sua pele ainda mais clara.

— Você é sempre branco assim? — Karin pergunta, se aproximando. Dessa vez, é ela quem o cumprimenta com um beijo no rosto. — Oi!

Ele sorri.

— Oi. Boa noite! — responde com uma voz grave. Thiago observa Karin, com um vestido claro, quase branco. — A gente está parecendo aquela dupla.

— Que dupla?

— Aquelas meninas!

— Anavitória?

— É, isso.

— Falta um pouco de cabelo em você... Só acho.

Ele solta uma risada e abre a porta de trás do carro para ela.

— Não dirijo — desculpa-se e depois se justifica. — Eu tinha uma moto, mas acho que sofri um acidente.

Karin engole em seco, antes de entrar no carro. Com toda a confusão de viagem, cirurgia, esquecimento, ela não se lembrou de pagar uma moto nova

para Thiago.

O rapaz dá a volta e entra pela outra porta. Assim que se acomodam, o motorista dá partida no carro.

— Onde vamos? — Karin questiona.

— No meu lugar preferido nessa cidade!

— Ah é?

— Estou com um pouco de medo de você não gostar. Sei lá, né? Você é milionária — sussurra as últimas palavras perto do ouvido dela.

Karin sente o corpo ir se arrepiando, desde a orelha até a ponta dos dedos.

— E eu só percebi *agora* que estou saindo com um sujeito casado! — Ela ri, mas se afasta um pouco dele. Realmente só havia se dado conta *mesmo* daquela situação agora.

— Bom, Karin, eu vou te contar uma coisa, e juro que não é conversa. Mas... — Thiago volta a se aproximar dela. — Acho que não sou mais casado.

— O quê? — Ela não sabe como reagir: com alívio ou alegria. Então, reage com surpresa e confusão.

— Eu tenho quase certeza de que eu e Marcela nos separamos, mas eles não quiseram me contar.

— E por que... — engasga. — Por que eles fariam isso? Aliás, eles quem?

— Meu irmão, o Leo, a própria Marcela. Acho que querem me proteger, não queriam me assustar com uma vida completamente diferente. Ah, sei lá... Por que estou contando tudo isso?

— Porque eu pareço confiável — diz, tentando disfarçar sua expressão culpada.

— E você é?

— Bom, eu acho que não. — Karin ri, apenas para tentar esconder o incômodo. Ela não é confiável. Assim como *eles*, Karin também está mentindo para Thiago.

O carro para em uma rua no centro, perto da universidade. Não há muita coisa ali, apenas barzinhos e sorveterias gourmet. Karin torce de todo o coração para que Thiago não esteja pensando em levá-la em nada gourmet. Ela odeia essas coisas.

Odeia *mesmo*.

Não entra na cabeça dela como alguém pode pagar trinta reais em um

picolé.

Mas Thiago parece conhecê-la.

Ele a observa descer do carro, antes dele.

— Nossa, nem me deixou ser cavalheiro! — brinca, assim que sai do veículo e se aproxima dela.

— Não tenho muita paciência. — E nem boas memórias. Marco era um exímio cavalheiro, ainda que Karin sempre detestasse aquilo tudo.

O rapaz a encara. Ela está com os olhos arregalados, olhando em todas as direções, com uma expressão desconfiada.

— O que foi, Karin?

— Pelo amor de Deus, não me diga que me trouxe em algum desses lugares de jovens ou coisas gourmet.

Thiago solta uma risada.

— Claro que não!

A moça suspira, aliviada de verdade.

— Que bom, porque a gente ia começar muito mal...

— Começar? — Ele a encara, mas ela finge não ouvir e começa a caminhar pela calçada, em direção à parte da rua que está mais movimentada. — Onde você está indo?

— Ué! Pensei que fosse por ali.

— Não! — Ele encosta no braço dela e a conduz na outra direção. Karin vê algumas mesas, cercadas por cadeiras de plástico vermelhas, na esquina. Sem perceber, começa a sorrir. O rapaz a observa, satisfeito, mas não diz nada.

Eles caminham, sem falar nada, até chegarem ao trailer de cachorro quente, que teria tudo para ser completamente simples, se não fosse a placa com design moderno, em laranja e azul marinho. Mesmo que os disserem sejam “Dogão popular”, a fonte, os elementos e as cores combinam.

— Fiz essa placa ainda na época da faculdade! — Thiago conta, ao ver que os olhos da moça pararam ali. — Foi um dos meus primeiros *jobs*. Comi dogão por três anos em troca. Nunca enjoiei.

— Você estudou aqui mesmo em Santa Clara?

— Sim. Eu trabalhava em um xerox que ficava ali. — Ele aponta para uma sorveteria gourmet. — E estudava à noite. — Thiago escolhe uma mesa, bem na esquina, e puxa uma cadeira para Karin. — Aqui está bom?

— Está ótimo! — Ela se senta ali e vê o rapaz se acomodar à sua frente.

— Eu sempre me sentava por aqui e ficava olhando os estudantes saírem

da faculdade e irem para os barzinhos. Eu não tinha grana pra barzinhos.

— Eu pensava que sua família... — Karin não completa frase, pois não sabe exatamente o que quer dizer.

— Fosse mais rica? Hoje, sim. Mas, naquela época, as coisas estavam difíceis ainda. A gente morava aqui, quando eu era criança. Meu sonho sempre foi estudar nessa universidade. Só que aí a gente precisou se mudar para a casa da minha avó, porque meu pai não tinha mais emprego e ficamos pulando de cidade em cidade, bico em bico por um bom tempo. Até que me formei no Ensino Médio e quis vir pra cá, na cara e na coragem, sem grana, sem nada.

Karin apoia o queixo com as duas mãos, prestando atenção na conversa. Não havia conversado nada daquilo com o Thiago de Acapulco.

Uma moça chega para os atender, trazendo o cardápio.

— Eu vou querer um dogão com bastante bacon e sem milho, por favor! — ele diz para a atendente.

— Pois eu vou querer um dogão com bastante bacon e *bastante* milho, porque só gente louca para não gostar de milho — Karin provoca, olhando para Thiago. A moça que os atende solta uma risadinha e anota os pedidos.

— Alguma coisa para beber? — questiona.

— Ah, eu vou querer um guaraná, você quer um guaraná também *Milhonária*?

— Meu Deus do céu, Thiago! — Karin começa a rir. — Isso foi tão péssimo!

— Desculpa! — Ele pega o celular. — Mas vou mudar seu nome para *Milhonária* aqui, espera.

A atendente leva a mão, que está com a caneta, à boca, abafando a risada que ficara mais alta.

— Pode ser um guaraná grande, moça. — Karin olha para ela e tenta não rir, porém, não consegue.

— Já trago — a moça diz, transformando a risada em um sorriso meio bobo, olhando para os dois como se visse um vídeo de cachorrinhos fofos. Quando ela se afasta, Karin olha para Thiago e não consegue conter aquele olhar debochado.

— *Milhonária*? Sério?

— Uai! Foi você quem disse que era.

CAPÍTULO XXI

Roberto Bolaños morreu

Karin é linda.

Thiago tenta, mas não consegue achar uma palavra que a defina melhor. Em alguns momentos, quando a ouve contar algo sobre sua vida, ele chega a se sentir mal por não conseguir parar de achá-la linda. De todo jeito.

O rosto é lindo. Quando sorri, os olhos dela ficam ainda menores. O rapaz pensa em perguntar a ela se existe alguma descendência oriental em sua família, porque os olhos de Karin se estreitam demais.

Ela é linda.

A voz é linda. Mas não só isso, o jeito de falar é lindo. A maneira como ela conta as coisas com simplicidade. O movimento que os lábios fazem.

Os olhos são lindos e, mais que eles, o jeito como Karin vê o mundo.

Thiago sabe que está apaixonado, ainda não compreende *como* aquilo aconteceu. E pior: como aconteceu tão rápido.

Mas está. E não faz ideia de como lidar com aquele sentimento.

— Então, você realmente não se lembra de *nada* que aconteceu nos últimos anos? — ela pergunta algo que sempre quis saber ao certo.

— Mais ou menos. Tem coisa que aconteceu há bem mais de cinco anos e eu não me lembro, mas lembro de coisa que aconteceu há três. Sei lá, às vezes acho que imagino coisas para preencher algumas lacunas. Então, tento não contar com memória nenhuma, sabe? Minha biblioteca de lembranças não é um lugar confiável.

— Eu imagino o quanto deve ser complicado...

— Nem é tanto, sabe? Acho que dos males foi o menor. Tanta coisa poderia ter dado errado, tantas sequelas que poderiam atrapalhar meu futuro. É triste dizer isso, mas essas memórias estão no passado.

— É triste, mas é a verdade!

— O mais complicado é ficarem escondendo coisas de mim. Não gosto disso! — Ele fala, olhando para as mesas vazias ao redor. — Acho que eles já querem fechar!

Karin também olha em volta.

— Mas já? — diz, deslizando a tela do celular. — Já são dez e vinte!

Thiago arregala os olhos. Como o tempo passara tão rápido?

— Acho melhor irmos embora! — ele sugere, já se levantando e indo pagar a conta.

— Você devia me deixar pagar — Karin fala, assim que ele volta, e se levanta para acompanhá-lo, mesmo sem saber para onde iriam depois.

— Deu vinte reais, Karin! — Ri, andando pela calçada. A moça o acompanha. — Seria um rombo nos seus cofres *milhonários*.

— Não gosto muito de cavalheirismos.

— Então paga na próxima! Mas, por favor, vamos manter o nível! Não frequento qualquer lugar — o rapaz brinca e ganha um leve empurrão no braço.

— Terá uma próxima, é?

— Você quem sabe!

— Se tiver milho... — ela devolve, no mesmo tom de brincadeira de Thiago.

— Nossa! Eu conheço um lugar! — comenta, meio indeciso. — Eu acho.

— Se depender da memória, não há certezas, certo?

— Exatamente — ele concorda, segurando a vontade de colocar seu braço sobre o ombro de Karin e caminhar abraçado com ela.

— E onde vamos agora?

— Bom, eu não estou querendo voltar para casa agora... Talvez a gente pudesse, sei lá, continuar andando?

— Por mim, tudo bem!

Depois de alguns passos, eles chegam à outra esquina, atravessam a rua e seguem reto pela calçada.

— E cadê o grandão?

— Meu segurança? — ela questiona, olhando para Thiago, que faz que sim com a cabeça. — Dispensei, só hoje.

— Tem algum motivo especial para você andar com seguranças ou é só mesmo o fato de você ser milho?

Karin revira os olhos para a abreviação do apelido, e demora responder.

— A gente pode deixar esse assunto para outro dia? — pergunta com jeitinho.

— Lógico! — Thiago para em frente à Karin e a observa por um segundo. — É bom saber que você está *mesmo* pensando em outro dia.

— Eu não deveria, né? Não sei, talvez, *Marcela*... E outra coisa, acho

que isso daqui está andando um pouco rápido demais.

O rapaz abre a boca para responder, porém desiste e volta a andar.

— Eu também acho... que está rápido demais — confessa, depois de um tempo. — Nem sei muito bem o que pensar, para falar a verdade, só sei que eu gosto de conversar com você e quero continuar conversando.

Para a surpresa de Thiago, Karin segura sua mão e a puxa de leve, para que ele se aproxime. O rapaz sente o coração parar quando ela o encara. O toque da mão de Karin mexe com ele de um jeito anormal. Thiago não quer que ela o solte. Nunca. Ele quer puxá-la para perto e esquecer o quão veloz está tudo.

A mulher não diz nada, mas também não solta a mão de Thiago. Apenas fica ali o encarando, querendo dizer algo, porém sem saber se deve.

Por fim, depois de muito tempo, ela resolve falar:

— Acho que podemos conversar. Sobre o que você quer falar?

Sobre o quanto eu quero beijar você nesse momento!

— Qualquer coisa!

— Então tá. — Ela volta a andar. O rapaz hesita, mas a segue. — Qual o grande segredo, o mais oculto, do seu coração?

— Que eu me lembre, no caso? Porque deve haver vários segredos *realmente* ocultos na minha cabeça!

— Se você não se lembra, não aconteceu!

— Tecnicamente... aconteceu, né? — Ele sorri. — Mas segredo mais escondido que tenho, eu acho, é a vontade de me casar e morar em uma casa de praia.

— Cê tá brincando, né?

— Não, é sério! Desde criança eu queria ter uma casa que tivesse a praia como quintal. Sempre gostei de praia. Isso é algo que eu posso afirmar. Já a parte do casamento, eu já comentei isso com a minha mãe, quando eu era mais novo, e ela disse que homens não devem ficar pensando nisso, que eu deveria pensar em uma carreira. E eu lá me importo com carreira? Do que adianta ter sucesso se você não é feliz?

Karin o encara, sem reação, mas não para de andar. Ele fica tenso, com medo de que ela o esteja julgando.

Não está.

Aquele é, também, um dos maiores sonhos de Karin.

— Ok. Vamos em frente, porque fui um pouco pega de surpresa aqui. — Ela olha para ele, que sorri. — Das suas lembranças confusas, qual você acha

que é mais irreal?

— Não é uma lembrança... É um... — Ele faz gestos confusos com a mão, como se estivesse pegando as memórias no ar. — Eu não sei. Mas é uma praia.

— Uma praia? — Karin parece ter levado um soco, no entanto, disfarça. — Você gosta mesmo de praias, hein?

— E você de milhos...

— Nossa, você não vai esquecer isso! — ela fala, entretanto, logo percebe que não deveria ter falado sobre *esquecer* coisas. Mas Thiago parece não se importar.

— Espero que não me esqueça *mesmo*! — O rapaz para, no limite da calçada e, antes de atravessar a rua, comenta: — Tem uma música do A-Ha...

— Você não é tão velho assim — Karin brinca, o cortando.

— Algumas coisas são atemporais. E eu estou um pouco velho, considerando que não consigo me ver com mais de vinte e cinco anos — responde sorrindo. — Enfim, você já ouviu *Take on Me*?

— É bem famosa! — ela hesita. — Já ouvi por aí, mas ouvir, *ouvir*, não.

— Ouça. — Eles atravessam a rua. — Foi uma das primeiras músicas que tentei tocar no violão. Sigo tentando até hoje. Sou muito ruim. Nem as músicas do Chaves eu aprendi.

— Chaves?

— Por favor, não me julga. Talvez eu seja um pouco estranho e apegado.

— Eu amo Chaves.

— Não estou falando do Hugo Chávez... — ele brinca, tentando disfarçar o quão impressionado está com Karin. Eles parecem terem sido feitos um para o outro.

— E alguém ama o Hugo Chávez?

— Sei lá, muita gente, né?

— Que seja, ele morreu mesmo!

— O quê? — Thiago para e a encara, chocado. — Quando?

— Tem uns cinco anos.

— Pelo menos é o Hugo Chávez, não o Chaves, sabe? O Bolanões...

— Morreu também! — Karin conta, de um jeito pausado, esperando a reação de Thiago. O rapaz fica em choque, parado, sem reação alguma. Depois leva as duas mãos ao rosto.

— Você está brincando, né?

— Não, infelizmente.

— E lá se vai um dos meus segredos super ocultos... — Ele tenta voltar a andar. — Poxa! Queria muito ter conhecido o Bolaños.

— Eu também.

— Pelo menos Acapulco nunca vai sair do lugar! — Thiago dá de ombros e, então, finalmente, volta a andar.

Karin não.

Ela fica parada ali, como se tivesse sido congelada.

— Você está bem? — O rapaz se vira e pergunta, quando vê que ela não o está acompanhando.

— Estou, mas acho melhor a gente ir pra casa agora. Acho que estraguei a noite com esse obituário.

— Você não estraga nada — ele responde sem ver, no entanto, não se arrepende das palavras porque elas abrem um sorriso em Karin.

— Você não me conhece! — diz, rindo, mas o sorriso esconde uma verdade que Thiago anseia por mudar depressa.

— Mas vou conhecer.

— Marcela, o Roberto Bolaños morreu! — Thiago chega em casa falando alto. A mulher aparece na sala, alguns minutos depois, com cara de sono.

— O que está acontecendo, Thiago?

— O Chaves morreu!

— Ah! — Ela respira fundo e se senta no sofá, aliviada. — Pensei que alguém tinha morrido.

— Mas morreu!

— Alguém próximo, Thiago. — Marcela encara o rapaz, parado na sala, nervoso. — Aconteceu alguma coisa? — pergunta, com jeito.

— Aconteceu. — Thiago caminha até o sofá onde ela está sentada e se acomoda ao lado dela, pegando as mãos de Marcela e a estudando, sem saber ao certo quais palavras deve usar. — Na verdade, eu quero que você me conte tudo o que aconteceu... Com a gente.

Marcela solta as mãos de Thiago e coça o pescoço.

— Eu preciso mesmo dizer? Acho que você já percebeu, já senti!

— Nós nos separamos, né? — ele diz, sem rodeios, e vê Marcela apenas concordar com a cabeça. — O que houve?

— O tempo, Thiago. Acho que ele nos fez perceber que nos moldávamos demais para nos encaixarmos um no outro. Eu já não era mais

eu quando estava com você. E você estava longe de ser a pessoa que era, quando estava comigo. Nós fomos matando os sonhos um do outro um pouquinho a cada dia. Eu muito mais do que você. Vejo isso hoje.

— E não deu para consertar.

— É, não deu. Nem agora. Cheguei a pensar que daria, mas vi que não.

— Então é isso: você não me ama mais?

— Amor não acaba, Thiago. Amor muda.

— Ou seja, é melhor eu arrumar minhas coisas e ir embora.

— Não precisa ser assim também... Vamos com calma — ela sugere.

— Acho que você já sacrificou coisas demais me mantendo aqui, tentando manter a normalidade. Dá para ver que está cansada, Marcela. Cansada de tentar.

Ela não fala nada.

— Vai ser melhor assim. — Thiago se levanta. — Vou ligar para o Luan e arrumar minhas coisas o mais rápido que eu conseguir.

— É sério, Thiago! Não precisa ter pressa.

— Mas eu tenho, Marcela. Cansei de tentar juntar peças do meu passado. Só quero seguir em frente, me preocupando apenas com as memórias que ainda vou construir.

Ele vai se afastando devagar da sala, mas antes que entre em seu escritório, Marcela o chama.

— Você se lembrou de alguma coisa? Como percebeu?

— A Marcela que eu me lembrava nunca me olhou assim. — Ele aponta para ela. — Acho que algumas coisas estão muito além do que aquilo que lembramos. Tem coisa que dá para sentir. Está faltando alguma coisa em mim também. Eu sei que não olho para você como olhava antes.

Ela sorri, aquele sorriso triste que a acompanha desde que Thiago acordara no hospital.

— Eu só espero que você seja feliz — Marcela diz, em um tom de despedida.

— Que você seja mais! — Ele sorri de volta. Não é um sorriso nostálgico, não é feliz, nem triste. É só um sorriso cansado de quem finalmente aceita que algo muito bom chegou ao fim.

— Desculpa por não contar antes.

— Cedo ou tarde eu descobriria que o Roberto Bolaños morreu e o nós também.

UM AMOR PARA KARIN

IV

Londres - outubro de 2014

Durante seus vinte e dois anos de vida, Rafaela acumulou um número infinito de séries inacabadas, filmes sem resolução, últimos capítulos não lidos. Ela nunca soube lidar com finais. Sempre correu deles, pulando de país em país, viagem em viagem, sem nunca dizer adeus. Nem mesmo as cartas que escrevia tinham pontos finais.

Ela não sabia lidar com últimas palavras.

Era por isso que aquele silêncio que reinava naquele quarto de hotel em Londres era tão ensurdecedor. Ele feria profundamente porque não era um silêncio frio; ao contrário, aliás, era o silêncio das cinzas finas que terminavam de tocar o chão. As cinzas do que antes havia sido algo iluminado e forte.

Rafaela sempre soube que se queimaria ao entrar na vida de Karin. Ela sempre soube que, no fim (e teria um fim), ela sairia tão destruída como um pedaço de papel queimado.

Ela sempre soube, mas se permitiu queimar mesmo assim, porque era Karin e aquele brilho estranho nos olhos, aquele sorriso que parecia mostrar todos os dentes da boca, aquela boca que prometera coisas que não fora capaz de cumprir.

— Então você vai mesmo? — Rafaela secou uma lágrima no rosto.

Karin não respondeu. Não sabia o que dizer. Apenas continuou organizando suas coisas

Depois de muito tempo, depois de contornar a mala com o zíper, fazendo um barulho chato, o único a ecoar pelo quarto, Karin decidiu falar.

— Eu tenho que ir.

Rafaela se levantou da cadeira onde estava parada, há mais de três horas, quando a briga terminou.

— Eu sabia que você iria me queimar, Karin. Que cedo ou tarde não suportaria mais se relacionar com alguém como eu.

— Não fala besteira, Rafaela!

— Você sabe que não é besteira! Assim como eu sei que não foi

suficiente para você viajar, se divertir, me abraçar. Me amar... Sempre vai faltar!

— É verdade! — Karin explodiu de repente, fazendo Rafaela dar um passo para trás. — Sempre vai faltar. Mas não *isso*. Nem me importo com sexo. *Eu me resolvo*. Mas vai faltar você abrir mão, pelo menos um pouco, dessa sua ideia de nunca voltar para casa, essa ideia de nunca permanecer mais de uma semana em um lugar. Nem meu amor por você, nem o seu por mim é capaz de fazer você parar!

— Eu não quero parar.

— Mas *eu quero*! — gritou. — Eu quero voltar para casa, arrumar um emprego, *ter* uma casa. — Karin viu Rafaela revirar os olhos. — Eu quero essa vida idiota e medíocre. Sempre quis. E se você não pode abrir mão dessa porcaria de sonho de conhecer cada canto dessa merda de planeta, eu também não vou abrir mão do meu.

— Ah, mas você... — Rafaela parou de falar de repente.

— Fala. Continua falando que seu sonho é maior que o meu. Fala que é mais importante e grandioso dar a louca pelo mundo. Fala, Rafaela!

A garota não falou.

Com raiva, Karin tentou tirar a mala de cima da cama, mas a deixou cair no chão. Ela mal conseguiu ver onde havia caído, porque as lágrimas turvaram sua visão.

— Você pode achar pequeno, eu não me importo — disse, entre soluços. — Mas tudo o que eu quero na minha vida é alguém que me ame, que me ache mais importante que viagens idiotas, que me coloque como prioridade. — Pegou a mala e a colocou da forma correta no chão, pegando-a pelo puxador. Secou as lágrimas do rosto ao olhar para Rafaela, antes de finalizar: — Você disse que eu queimaria você e te transformaria em cinzas... Mas foi você quem me quebrou, em tantos pedaços, que virei pó, Rafaela.

— Foi você quem escolheu ir, Karin! Espero que se lembre disso — a garota sussurrou.

— E eu espero que *não se esqueça* que foi você quem escolheu nunca *deixar* de ir. Foi você quem escolheu nunca permanecer. Nunca. Se. Esqueça.

Rafaela até quis responder, mas as palavras morreram dentro dela. Quando Karin deixou o quarto, tudo ficou silencioso demais, normal demais, parecido demais com todos os quartos nos quais estivera antes de Karin, *sem* Karin. Então Rafaela soube que aquele vazio sempre estaria ali, ocupando espaço, gritando alto. Ela soube que havia cometido um erro.

Só não sabia que seria tarde demais para tentar consertá-lo.

CAPÍTULO XXII

Mesmo que acabe

Os olhos de Karin observam a rua por muito tempo, depois que o carro que a trouxera até seu prédio vai embora. Ela fica vidrada vendo os raios à distância, se aproximando lentamente.

Karin sabe que a tempestade está chegando.

Mas não fica ali para ver.

Ela pega o celular da bolsa, assim que entra no prédio. Ainda não há mensagens de Thiago. O rapaz ficou calado durante todo o trajeto no carro. De vez em quando comentava algo, mas nada que rendesse assunto.

Karin para de frente para o elevador, sem apertar o botão para chamá-lo.

— A senhora está bem? — o segurança dela pergunta, finalmente se aproximando. É o mesmo do dia anterior.

— Obrigada por ficar distante, Rodrigo!

— Sigo ordens da senhora!

— Então, já sabe: nem um pio com seus colegas e muito menos com a minha avó.

— Eu não seria nem louco!

Ela aperta o botão do elevador e aguarda.

— Vendo de longe, o que você achou?

— Vocês pareciam... — ele demora encontrar a palavra correta. — Combinar. — A porta do elevador se abre. — A senhora quer que eu vá na frente e cheque o andar?

— Não precisa checar tudo, Rodrigo. Pode ficar tranquilo!

— Bom, a senhora que sabe!

— Vai pra casa. O segurança da noite já deve estar chegando.

— Vou subir com a senhora, por precaução. O seguro morreu de velho.

— Mas morreu, né? — Ela entra no elevador e o rapaz a segue, sem responder. — Combinar? — diz, quando a porta se fecha. — Pior que eu acho a mesma coisa. É como se encaixasse.

Karin encosta as costas na parede e passa as mãos no rosto.

— Tem caras legais por aí, dona Karin.

— Eu sei. E é justamente isso o que me preocupa.

A porta do elevador se abre e a moça dá de cara com Rafaela. Ela está sentada na porta da casa de Karin. Os braços em volta das pernas e a cabeça apoiada no joelho dão um tom ainda mais melancólico à cena.

— Rafa? — Karin chama a garota que, em um primeiro momento, não se move.

— Está tudo certo, dona Karin? — Rodrigo pergunta, dando um passo à frente.

— Está sim, pode ir.

— Certeza?

— Sim.

O segurança recua, permanecendo no elevador. Assim que Karin sai, a porta se fecha.

— Rafa? — A moça se aproxima da outra, sentada à sua porta.

— Oi! — Ela levanta a cabeça e olha na direção de Karin. — Eu estava esperando você.

Karin fica esperando que a garota se mova, mas isso não acontece. Então, se senta ao lado de Rafaela e deixa que ela apoie a cabeça em seu ombro.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não! Só queria ver você antes de ir embora.

— Ir embora? Como assim ir embora? E o livro?

— Desisti. Não vou conseguir terminar, você me conhece! — confessa, com a voz sonolenta.

— Você não pode desistir, nós temos um combinado. — Karin mexe o ombro, afastando Rafaela. A garota a olha com um olhar de tristeza.

— Não vai ser a primeira vez que eu falho com você!

— Cê tá falando sério? — Karin se vira e fica encarando a outra.

— É sério! Vou voltar a viajar por aí. Minha vida não é ficar parada nesta cidade, neste estado, tentando escrever o final de um livro que eu nem deveria ter começado.

— Eu pensei que você tinha mudado. — A voz de Karin está cheia de decepção.

— E eu pensei que poderia agradar você vindo aqui.

— Me agradar? É por isso que veio?

— Eu vim porque achei que você precisasse de mim. Mas você não precisa, Karin. Nunca precisou.

— Tudo isso para não terminar um livro? Isso tudo por medo de finais?

A grande Amanda Or tem medo de finais.

— Não debocha!

— Não estou debochando. Você criou toda essa personagem para fugir de quem realmente é, mas Rafaela sempre vai perseguir você. A Rafaela e todos os seus fantasmas.

Karin sempre foi o espelho que me mostrava aquilo que eu queria esconder.

— Ok. Você tem razão, Karin, eu fujo das coisas. Até aqui seguimos sem novidades.

— E vai continuar assim? Fugindo?

— Vou.

— Pelo amor de Deus, Rafaela! — A moça passa as mãos pelas tranças.
— É só um livro!

— Não é só um livro! — Ela se levanta. — Nunca é só um livro. Sou eu. É você. É o que eu amo, Karin. As palavras são tudo o que eu sou. E eu não quero dar fim às minhas histórias!

— E desse jeito acaba dando fim a todas. Como fez em Londres, como está fazendo agora!

— Eu não devia ter vindo aqui! — Rafaela olha para Karin, ainda sentada no chão, na porta de sua casa. — Mas vim, porque queria...

— Queria o quê? — A moça está cansada. Sempre está cansada, desde Marco.

— Convidar você para vir comigo, para fugir desse lugar, dessa história que só te coloca para trás, desse homem que te persegue. Convidar você para se libertar dessa prisão onde você está desde que ele te matou!

— Fugir também é estar presa, Rafaela. Achei que nessa altura da sua vida, você já saberia disso.

O telefone de Karin vibra em sua mão, mas ela o ignora.

— Então estamos nós duas presas. De todo jeito, o convite está no ar, você sabe que deveria vir.

O celular vibra de novo, anunciando a chegada de uma sequência de mensagens. Karin está decidida a ignorar novamente, mas ouve Rafaela dizer:

— Olha logo o que é, Karin.

A moça solta o ar devagar, antes de deslizar a tela. Aquele medo é a sua prisão. É sempre assim a cada mensagem recebida, a cada toque na campainha, a cada e-mail novo. O sangue sobre rápido, pressionando sua cabeça, a fazendo tontear.

Entretanto, as mensagens não são de Marco. São de Thiago.

É

Eu realmente sou um cara separado!

Tipo, no papel e tudo, pelo visto.

Estou indo para a casa do meu irmão, agora!

Karin não percebe que abriu um sorriso.

— O hétero venceu essa! — Rafaela comenta, com a voz baixa, mas não há tristeza na forma como diz, porque não há tristeza nela. Há preocupação.

— Não tem disputa, Rafa! — Karin se levanta e se aproxima da ex.

— Você acha que vale mesmo a pena ficar aqui, com medo de tudo, cercada por seguranças, presa, por causa desse hétero?

— Eu acho.

Os olhos de Rafaela marejam.

— Então fique.

Karin se aproxima mais e toca o rosto da garota com a mão direita.

— Você devia tentar ficar também.

— Eu sou feliz fugindo, com os meus fantasmas agarrados nos meus pés. Você tem razão, é uma prisão de todo jeito. — Ela se afasta, segurando a mão de Karin entre as suas. — Mas é a prisão que eu escolhi.

— Tudo bem! — Karin vê a garota se afastar, andando para trás, encarando-a. — Mas termina o livro.

Rafaela suspira.

— Não tenha medo do final, *Amanda* — Karin diz, quando a ex chega à porta do elevador. — Tenha medo de escrever uma história vazia!

Karin entra em casa e se senta no sofá da sala, observando seus livros espalhados por todo o cômodo, se acumulando ali, como a dor se acumulava dentro dela.

Ela só queria que aquele inferno chegasse ao fim. Desejava que Marco morresse e a deixasse em paz. Por que não fora Marco a esquecê-la? Por que o destino brincava daquele jeito ridículo com sua cara?

Agora Thiago estava ali, cercando-a, mandando mensagens, a convidando para encontros, puxando conversas. Agora as peças da vida de Thiago se encaixavam, o colocando no lugar de onde nunca deveria ter saído: do lado dela.

Eita!

Ela manda a mensagem para ele, se arrependendo em seguida daquela resposta. Queria ter dito algo mais elaborado ou feito alguma piada. Mas Rafaela havia deixado Karin sem palavras.

Eita?

Eita é você me contando isso por mensagem!
Essas coisas são importantes, Thiago

Uai, podemos mudar isso agora!

A pele de Karin se arrepia. *Agora?* O que ele quer dizer com *agora*?

O que você está fazendo?

Nada.
Estou na minha sala, olhando meus livros.

Nossa, que melancólico!
Quer companhia?

Thiago?

Para olhar os livros e conversar.
Só.
Eu juro.
Não sou desses.
Meu Deus, não estou dizendo que também...
Ai.
Tem como apagar?

Karin encosta as costas no sofá, rindo.

Tudo bem, pode vir.
Você sabe o endereço

É sério?

É, uai

Você não é desses caras, cheios de segundas intenções, certo?

Que eu me lembre...

Thiago demora menos de vinte minutos para chegar ao prédio e sobe, acompanhado do outro segurança. Rodrigo já havia ido embora.

— Está um pouco tarde para visitas, senhor! — Karin brinca, assim que abre a porta e, ao ver o segurança ali, o dispensa. — Está tudo bem, Juliano, pode ficar tranquilo.

— Sim, senhora! — O homem diz, mas não se move um centímetro sequer.

Ela pede para que Thiago entre e fecha a porta, um pouco sem graça por deixar o segurança ali parado, do lado de fora, a encarando.

Thiago analisa a casa, com curiosidade e encantamento.

— Você gosta mesmo de livros, hein?

— Eu vivo disso, no sentido real da palavra.

— Deve ser muito bom trabalhar com isso, né? — ele comenta, caminhando lentamente pela sala. — Com o que você gosta.

— É bom, mas é ruim. Acho que toda profissão é assim. — Karin vai até o sofá e se senta ali. O rapaz faz o mesmo.

Com os olhos ainda passeando pela sala de Karin, ele fala:

— Ser designer é o mesmo. Amo, mas passo raiva.

— É isso. Não tem jeito.

— E o que você mais gosta, Karin? Em trabalhar com livros? O que mesmo você faz?

— Eu sou editora.

— Ah! E nunca escreveu nada?

— Já. — Ao contrário da resposta dada em Acapulco, agora Karin decide dizer a verdade. — Comecei um livro uma vez, mas não ficou bom.

— Duvido. Você tem cara de escritora má.

— Eu? Que nada, eu gosto de clichêzinhos românticos.

— Tá bom — ele comenta, sem dar muito crédito à revelação da moça. — Só acredito vendo.

— Não vou te mostrar o livro, esquece isso. Nem sei onde está.

— Poxa!

— Mas, para, eu quero saber toda a fofoca dessa sua história com a

Marcela! — Karin se vira, colocando a perna direita no sofá e, apoiando o braço nela, olha para Thiago.

— Tem muita história...

— Você acha que te chamei aqui pra quê? Pra você me contar *toda* a história. Desde o começo. Eu adoro uma história de amor.

— Mas nessa história o amor acaba.

— Amor não acaba, Thiago.

— Amor muda — ele completa. — Engraçado, foi exatamente o que a Marcela me disse hoje. Eu vim o caminho inteiro pra cá pensando nisso e cantarolando uma música do Bidê ou Balde.

— *É sempre amor mesmo que acabe. Com ela aonde quer que esteja...*

— Karin cantarola, lembrando-se de Rafaela, tentando imaginar o próximo destino dela, se seria por perto ou do outro lado do mundo.

— Nossa, você conhece Bidê ou Balde? — Thiago questiona, surpreso.

— Eu conheço um monte de coisa que você não faz ideia.

— Quero saber todas.

— Vai demorar um tempinho.

— Não tem problema, tenho todo o tempo do mundo. Levando em conta que eu ainda estou em tratamento para um tumor que pode voltar e me matar em poucas semanas...

— Nossa, que otimista! — Karin tenta manter o bom humor, mas a voz rateia.

— Desculpa jogar essa informação assim na sua cara. Achei que seria importante você saber, antes de qualquer coisa.

— Obrigada por isso. Não esconda nada de mim. Acho que temos que começar por aí.

— Começar? Você de novo falando em começar.

— Ai, Thiago! — Ela volta a se virar e a apoiar as costas no encosto do sofá. — Não foge da sua história com a Marcela, eu quero saber, de verdade.

— Bom, então, vamos lá... O ano era dois mil e oito — começa, como se estivesse narrando um filme.

— É sério, Thiago!

— O mais importante dessa história é o que diz a música do Bidê ou Balde: *é sempre amor mesmo que muda*.

Karin sorri, de um jeito triste, quando sua mente completa a canção, de forma automática:

É sempre amor mesmo que alguém esqueça o que passou.

CAPÍTULO XXIII

Eu estou aqui

O barulho da chuva lá fora os acompanha durante toda a madrugada, mas quando amanhece, Thiago vê os raios de sol entrarem através da janela. Ele se levanta do sofá onde dormira por algumas horas e, antes de ver Karin, sabe que ela está fazendo um café.

— Bom dia! — diz, ao vê-la. Ela está parada, atrás do balcão da cozinha, olhando para ele.

— Bom dia! — Karin sorri.

— Que horas são? — questiona.

— Sete e meia.

— Nossa, eu dormi só duas horas. Meu médico não vai ficar nada feliz.

— Acho que seu médico vai entender — ela comenta. — Estou fazendo um café, você gosta?

— Sim. Inclusive, acho que vou comprar um pão. Você tem manteiga aí na sua geladeira *milhonária*?

— Que tipo de ser humano você acha que eu sou, Thiago?

— Bom, então já volto. — Ele se levanta, pega sua carteira sobre a mesinha de centro ao lado de uma pilha de livros, e caminha até a porta.

— Onde tem uma padaria aqui perto?

— Achei que você não fosse perguntar!

A padaria não fica longe, mas Thiago aproveita para ligar para Luan durante o trajeto. Ele precisa contar ao irmão o que houve com Marcela.

— Manito! — Luan sempre parece feliz ao falar com Thiago.

— Mano, eu tenho uma notícia pra te dar. — O rapaz tenta não falar de um jeito muito sério para não preocupar o outro.

— O que foi?

— Eu e Marcela não estamos mais juntos e acho que vou precisar morar na sua casa!

— O quê? — A voz de Luan some. — O que houve?

— Você sabe! A gente *já estava* separado. — Thiago para de falar, para atravessar a rua, e fica ouvindo a respiração de Luan do outro lado da linha,

aparentemente sem saber o que falar. — Até quando vocês vão continuar escondendo coisas de mim? Isso não é legal, mano.

O rapaz dá alguns passos na calçada, enquanto espera o irmão falar alguma coisa. No entanto, Luan parece ter ficado mudo de repente.

— Manito! — o mais novo chama, quando Thiago já está quase na porta da padaria. — Eu sei que a gente não devia ter feito isso, mas...

— Tudo bem, Luan. Deixa pra lá. Não importa mais! Cedo ou tarde as coisas acabam voltando para o lugar.

— Quer que eu vá aí buscar você e suas coisas?

— Quero, mas não agora. Não estou na casa da Marcela.

— Uai, e onde você está?

— Na Karin.

— O quê? — Dessa vez, Thiago consegue ouvir alguma coisa se quebrar. A voz de Luan some, como se tivesse sido retirada da garganta à força.

— Mas calma, não tá acontecendo nada.

— Como assim *na Karin*? — Luan soa rude, o que deixa o mais velho um pouco apreensivo.

— Não tá acontecendo nada, mano — repete. — Eu só queria conversar com alguém e ela me escuta.

— A Karin — ele começa a dizer algo, mas para. — Bom, mais tarde, vamos buscar você e suas coisas. A não ser que tenha encontrado um lugar melhor...

— Não existe lugar melhor do que incomodar vocês.

— Bom saber!

— Hoje à noite, espero vocês lá na Marcela, aí eu conto certinho tudo o que está acontecendo.

— Mas você disse que não está acontecendo nada...

— Ainda, mano. Não está acontecendo *ainda*.

Thiago se despede e desliga o telefone. Em seguida, escolhe alguns pães e compra um bombom para Karin, torcendo para que ela goste de chocolate.

Ela gosta.

Mas uma coxinha sem catupiry, com bastante milho, seria mais certa.

O rapaz volta ao prédio de Karin sem conseguir parar de sorrir, feito um bobo, pelo caminho. Ele presta atenção ao trânsito, antes de atravessar a rua, sem saber bem o motivo de ter tanto medo de ser atropelado. Uma das coisas que contaram a ele foi que, graças a um acidente de trânsito, o tumor foi

descoberto e tratado a tempo. Mas Thiago nunca quis saber o que acontecera, tinha esperança de se lembrar.

Não se lembrou.

No entanto, agora, chegando ao prédio de Karin, Thiago não se preocupa com as lembranças que não tem mais. Tudo o que ele quer é viver.

O rapaz para ao ver que o segurança que acompanhava Karin no outro dia tinha acabado de chegar. O homem está conversando com outro sujeito uniformizado. Devem estar trocando de turno.

Em silêncio, Thiago sobe pelo elevador. Ansioso, ele olha para o bombom em sua mão. *Será que a Karin vai gostar?* Há muito tempo, o rapaz não se preocupa tanto assim em agradar alguém. Em sua memória, o casamento com Marcela foi há meses e, desde aquela época, alguma coisa estava se quebrando. A última vez em que ele se importara tanto fazia quase de uma década.

Quando o elevador se abre, Thiago vê um entregador parado à frente da porta de Karin, entregando a ela um buquê enorme de rosas vermelhas. O rapaz olha novamente para o bombom em sua mão, desejando ter trazido algo *melhor*. Ele sente as bochechas esquentarem e uma raiva subir, como vômito, por sua garganta.

Thiago não é de sentir ciúmes, então, que sentimento é esse? É como se ele soubesse de algo, se seu corpo estivesse reagindo a algum incômodo do qual o rapaz não se lembra.

O entregador passa por ele, espalhando aquele cheiro doce de rosas por todo o corredor. Thiago dá alguns passos à frente, observando Karin, que permanece parada na porta, com o buquê lhe tapando o rosto.

— É... — ele comenta, assim que se aproxima dela. — Acho que não vou conseguir competir com isso.

Thiago ergue o bombom, antes de notar a expressão congelada de Karin, olhando o buquê. O rosto dela está pálido, sem movimento, ela nem parece estar respirando. Os olhos pequenos arregalados revelam um horror que Thiago não compreende, como se ela estivesse olhando para um morto que acabara de ressuscitar.

— Karin? — o rapaz a chama, mas ela não responde. Nem pisca. — Karin? — Ele toca o ombro dela, que não se move, no entanto desvia o olhar das flores para ele. É quando Thiago observa o buquê. No meio das rosas vermelhas, há uma rosa branca, molhada. Ele vê a água escorrendo por ali, chegando até as rosas vermelhas. No meio, junto à flor branca, um bilhete:

Você sabe que eu estou aqui. Você sabe que não pode me esquecer.

- M

Aquele enjoo volta com tudo e vem acompanhado de uma dor esquisita no peito. O rapaz olha para Karin com pena. Ele retira o buquê das mãos dela com cuidado e a conduz para dentro da casa. Devagar, Thiago a leva até o sofá e observa quando ela desmorona de uma vez.

Sem o peso do buquê, Karin chora. Ela apoia o rosto nas mãos e estas nos joelhos, e chora. Thiago a deixa ali só o tempo suficiente para que leve o buquê para fora da casa e o jogue de qualquer maneira em um canto no corredor. Depois ele lidará com aquilo.

O rapaz volta e se senta ao lado dela no sofá, deixando a sacola com os pães sobre a mesinha. Ele entrega a ela o bombom que trouxera.

— Quer falar sobre isso? — pergunta, com cuidado. Karin olha para o chocolate e depois para Thiago, então chora mais, até que se cansa, pega o bombom e abre a embalagem.

— Meu ex-noivo me mandou o buquê — conta.

Thiago a observa calado.

— Nós não terminamos bem e, desde então, ele me persegue. Bom, para falar a verdade, ele tentou me matar.

— O quê?

— Ele tentou me matar com uma faca, no corredor do meu antigo apartamento.

A maneira quase impessoal como Karin fala mostra o quanto aquela história já a atormentara o suficiente para se fixar nela, em sua voz e em sua pele. Ela já estava acostumada com aquela história. O que assustava Thiago ainda mais.

— Meu Deus! — O rapaz coloca as mãos no rosto. — Como isso aconteceu?

— Ele sempre foi um bosta, violento de merda, disfarçado por trás de um terno bem passado e de um diploma na parede. O Marco era advogado. É ainda, mesmo que tenhamos feito um esforço fodido para que ele fosse expulso da Ordem. Enfim, o conheci em um bar em Belo Horizonte. Ele parecia legal, perfeito, cavalheiro, essas bobagens todas. Todo dia, Thiago, todo santo dia, eu me pergunto como foi que entrei nessa situação. Eu nem gostava dele tanto assim, só achava que era o ideal para mim. Pra você ver o quando o ideal pode estar errado!

Thiago tira as mãos do rosto e a encara.

— Enfim, com o tempo a máscara caiu. Vi quem ele era e tentei pular fora. Mas o desgraçado era pior do que eu podia imaginar. Desde então, não tenho paz.

— E ninguém fez nada? — A indignação é nítida.

— Ele ficou preso umas semanas. Tenho medida protetiva. Supostamente tenho direito à segurança, mas minha avó prefere contratar um serviço particular porque o estado, segundo ela, não faz nada. Enfim, depois que tentou me matar, foi preso e solto, ele foi para outro país. Só que as ameaças não param de chegar. É como se o Marco estivesse ali, do outro lado da porta, me espreitando, esperando que eu dê o primeiro passo em falso para que empurrar em um abismo. E o pior é que. — Ela começa a chorar de novo. — O pior é que eu já estou nesse abismo, eu já me sinto caindo, já me sinto presa, sufocada, às vezes me sinto morta. Ele me matou, Thiago. O Marco me matou.

— Não, Karin, não matou. Você está aqui. — O rapaz pega as mãos dela, o bombom ainda está ali. — Você está viva. — Thiago toca o rosto de Karin devagar, secando as lágrimas que caíram pelas bochechas. — Você está viva — sussurra, aproximando-se mais.

Ela se afasta um pouco e olha para o bombom em sua mão.

— Você é fofo, Thiago. — Karin leva o bombom a boca e o morde, depois coloca a outra parte na boca de Thiago. — Seja sempre fofo — diz e se levanta, pegando a sacola de pão sobre a mesinha e caminhando até o balcão. Karin abre a garrafa de café e serve duas canecas.

O rapaz a segue, senta-se em um banco alto e pega uma das canecas para si.

— Karin — ele chama, quando percebe que a moça está demorando demais para pegar a manteiga na geladeira.

— Oi? — Ela se vira, com o pote na mão. Está chorando.

— Quer conversar mais sobre isso?

— Talvez? — Karin se senta, do outro lado do balcão, de frente para Thiago.

— Então conte. — A mão direita do rapaz encontra as mãos de Karin sobre a bancada. — Vou ouvir tudo.

— Obrigada, mas eu não sei, sabe? Essa história toda me deixa tão confusa. Eu *sei* que a culpa não é minha, eu sei que — hesita. — Sabe o que mais me mudou nisso tudo?

— Hum?

— Minha visão sobre homens mudou um pouco, lógico. Porém, o que mais se alterou dentro de mim foi a maneira como passei a enxergar *outras* mulheres. Eu, simplesmente, não consigo mais olhar uma menina na rua sem me perguntar que tipo de violência ela sofreu naquele dia. E eu sei que, de uma forma ou de outra, aquela menina *de fato* viveu alguma violência naquele dia. É uma certeza que dói. Ao mesmo tempo que dá desesperança, dá vontade de continuar vivendo e lutando.

— E *tem* que continuar vivendo e lutando.

— Não é fácil! — Ela suspira.

— Não. Eu imagino que não seja, mas você não pode deixar que *ele* tire isso de você! A melhor forma de revidar é continuar vivendo.

Karin coloca o cotovelo sobre o balcão e escora o rosto na mão direita.

— É... Você tem razão. Mas, sabe... Me incomoda ficar aqui sem fazer nada também, entende?

— Como assim?

— Depois que o Marco tentou me matar. Tipo, ele realmente tentou me matar, não é uma metáfora. Muita gente me culpou.

— Como assim? Culparam você?

— É sempre assim, Thiago. Não importa se você está em casa ou na rua, se conhece o homem há trinta anos ou há trinta segundos, não importa a roupa que usa, o lugar onde está, de onde você veio, quem você é; se é pobre, rica, branca, preta, gorda, magra. Não importam os diplomas ou os calos nos dedos. Não importa nem se você está viva. Para eles, a culpa sempre vai ser sua. E se a gente não se der as mãos e perceber que somos nós por nós, eles vão continuar nos matando. Porque é isso o que eles fazem.

O rapaz olha para o chão.

— Eu sou rica, podia ter feito mais.

— Você ainda vai fazer! Não dá para mudar o mundo quando tem um maluco perseguindo você.

— Ô, Thiago! — Ela dá um sorriso sarcástico. — Nós mulheres *já* estamos mudando o mundo enquanto somos perseguidas por malucos. Essa é a história da nossa vida.

CAPÍTULO XXIV

A gaiola

Duas semanas depois tudo está diferente. Thiago havia se mudado para a casa de Luan, e Karin encontrara outro apartamento, em um condomínio fechado e muito mais seguro. No começo, ela não queria sair de sua casa, onde morara no último ano. Karin era sempre muito relutante quanto a mudar toda a sua vida por causa de Marco.

Entretanto, daquela vez, a ameaça havia sido muito clara. Marco sabia onde ela morava e, de um jeito ou de outro, tinha acesso ao seu prédio. Ela não queria abrir a porta de seu apartamento, em um dia qualquer, e dar de cara com seu ex ali parado, pronto para finalizar o que começara dois anos antes.

Desde que mandara as flores, Marco não havia mais aparecido. A avó de Karin reforçara o serviço de segurança e confirmara com seus detetives que o homem estava em outro país.

— Mas a distância não o impede de me atormentar.

— O que mais você quer que eu faça, Karin? — Ana Alice está realmente preocupada, soando desesperada, caminhando de um lado para o outro no novo apartamento da neta. Aquilo era raro. — Quer que eu o mate? Você sabe que...

— Não, vó, pelo amor de Deus, né? Ninguém aqui é assassino.

— Mas eu me tornaria uma assassina feliz, se tirasse esse traste do mundo. — Ana Alice empurra algumas caixas de cima do sofá e se senta ao lado de Karin. — Por você, meu amor, eu faço qualquer coisa.

— Até se igualaria a ele? — A moça se afasta da avó e começa a retirar alguns livros de uma das caixas que a cercam.

— Tudo bem! — Ana Alice se levanta e pega a bolsa no meio da bagunça da neta. — Mas a segurança vai ser reforçada.

— Mais?

— Mais! — A senhora é enfática. Não há espaço para discussões ali.

— Tudo bem! — Karin olha para baixo e suspira. Não aguenta mais se aprisionar por causa de Marco. E a situação parece só piorar.

— Karin, meu amor. — Ana Alice se aproxima da neta, abaixando-se

para olhá-la nos olhos. — Eu sei que é difícil, mas nós não podemos perder você.

— Eu só... estou cansada, vó.

A campainha toca e Karin dá um pulo. Ainda não se acostumou com o som. A moça caminha até a porta e abre um sorriso quando vê Thiago ali parado.

— Oi, milho, vim ajudar você com a sua mudança! — diz, entrando no apartamento, sem nem ter sido convidado.

— Você é sempre tão... — Ela desiste de completar, assim que vê Thiago congelado na sala. — Essa é a minha avó, Ana Alice! — Karin abre um sorrisinho ao ver que o rapaz ficou completamente sem jeito.

A senhora caminha até Thiago, o analisando da cabeça aos pés.

— E quem é o rapaz?

Ele não responde. Segue parado na sala de Karin, sem saber como reagir.

— Esse é o Thiago, vó. Um *amigo*!

— Amigo? Sei. — Ana Alice aperta a mão de Thiago, ainda o analisando, depois passa por ele e para em frente à neta. — Há mais de trinta anos, sua mãe fez essa mesma cara quando apresentou um *amigo*.

— Vó... — Karin ri, constrangida.

— Enfim, já que você tem ajuda, vou aproveitar para ir embora. — Caminha até a porta. — Hoje mesmo vou enviar mais seguranças — diz, antes de sair.

Karin revira os olhos.

— Sua avó é bem... — Thiago tenta encontrar a palavra correta, assim que os dois ficam sozinhos.

— Intrometida?

— Desconcertante.

— *Desconcertante*? Sério?

— É! Igual a você. — Ele sorri ao perceber que a deixara sem jeito.

— Aff, Thiago, sinceramente. — Karin pega uma caixa que estava sobre a mesinha e entrega a ele. — Você veio aqui pra quê? Ah, pra me ajudar com a mudança.

— Ok, milho. — Thiago se senta no chão, abrindo a caixa de livros. — Espero que nessa casa você tenha lugar para guardar tudo isso!

— Não tem.

— Karin!

— Eu não devo ficar aqui o suficiente.

— Não fala assim! — Ele olha para ela. — Pensamento positivo!

— Pensamento positivo quando tem um maluco solto por aí querendo me matar? — Karin se joga no sofá. — Difícil!

— Karin. — Thiago se levanta e se senta do lado dela. — Ele não vai chegar nem perto de você! — Soa como ameaça.

— É? Você vai impedir? — a moça brinca, virando-se para o encarar.

— Vou. Eu e os meus *brother*.

— Os seus o quê? — Karin quase se engasga com a lembrança de Thiago em Acapulco.

— *Brother* — ele responde, rindo. Mas Karin não ri de volta. Pelo contrário, ela se levanta e vai até a cozinha. — O que foi?

Ela quer contar. Quer dizer tudo o que aconteceu no México, no entanto, não sabe como fazer isso.

O rapaz se levanta e vai atrás dela. Apoiando-se no balcão da cozinha, diz:

— Eu não tenho uma gangue, mas posso montar uma. Tem eu, o Luan, o Leo... Posso chamar uns amigos meus.

— Seus amigos ilustradores?

— A gente é bom de briga, tá!

— Thiago, você já bateu em alguém?

— Não... Que eu me lembre.

— Continue assim, senhor esquecido. O Marco não merece que você desça no nível dele.

O rapaz sorri, depois abre a boca para perguntar algo, porém, desiste.

— O que foi? Pode falar.

— É que... não entendo como uma mulher como você namoraria um sujeito tipo esse cara.

— Nem eu entendo, Thiago. A gente se engana. Sei lá. — Ela mexe em algumas caixas que estão sobre o armário. — Não tem nada nessa casa. Só bagunça. Quer sair para tomar um café?

— Vamos! — Ele se levanta e tira o celular do bolso, chamando Karin quando ela passa por ele, em direção à porta. — Posso te mostrar uma coisa?

— Claro! — A moça para e o observa se aproximar, procurando por algo em seu celular. Thiago entrega para ela o aparelho, aberto em uma pasta de ilustrações.

— Essas são as ilustrações, as boas, que eu já fiz.

Karin analisa os desenhos com curiosidade. São muito bons. Thiago nunca havia mostrado nenhum deles para ela.

— Eu ainda estou procurando e reunindo alguns que fiz na época que, bem, você sabe. Achei esses que você está vendo. Olha esse. — Ele arrasta o dedo pela tela algumas vezes até encontrar o desenho que procurava. É uma ilustração azul e rosa, com uma cerejeira florida e uma gaiola aberta, presa em um dos galhos da árvore.

Sem querer, Karin leva a mão direita às costas, entre suas omoplatas.

O rapaz continua falando.

— Está vendo aqui? — Ele dá zoom em uma frase, localizada logo abaixo da gaiola. — Eu não costumo colocar frases nos meus desenhos, achei tão estranho.

Karin engole em seco. Na tela, as palavras dizem:

“Algumas pessoas são pássaros. O amor não pode ser uma gaiola.”

— Que bonito, Thiago!

— É, né? Também achei. Não sei por que, mas me lembrei de você quando vi.

Karin sorri, de um jeito triste, e olha para ele, tão perto que ela poderia beijá-lo sem precisar se mover.

— Talvez eu seja o pássaro que voou.

O rapaz sorri de volta.

— O que quer dizer que você está livre!

— Eu estou livre! — Ela encosta a mão direita no rosto de Thiago, que para de respirar por alguns segundos. A maneira como ele a olha, o jeito como a respiração dele se solta aos poucos e chega até ela, a forma como a mão de Karin treme em contato com a pele dele...

A moça se aproxima mais e vê quando ele fecha os olhos e abaixa um pouco a cabeça. Ela quer beijá-lo. Já perdera até as contas das vezes em que sonhara que Thiago acordaria um dia, lembrando-se dela. Não aconteceu, mas Thiago está ali, sempre esteve, de um jeito ou de outro. Está nela. Agarrado em suas memórias.

Karin fecha os olhos, encosta sua testa na de Thiago e sorri.

— Você deveria me beijar logo, milionária — ele diz, com a voz baixa, soprando ar no rosto de Karin.

— É?

— Uhum. — Com o braço esquerdo, o rapaz a puxa para mais perto, devagar.

— Eu deveria, né? — Ela sorri e, antes que consiga se aproximar mais, é surpreendida pelos lábios de Thiago.

Ela coloca as mãos em volta do pescoço dele, querendo prendê-lo ali, querendo que Thiago nunca mais se solte, que fique com ela, que *escolha* ficar.

Devagar, o rapaz encosta o corpo de Karin contra a parede da cozinha.

— Era para *eu* ter beijado você, apressado! — ela diz, quando se soltam do beijo.

— Opa, desculpa! — ele brinca, sorrindo de um jeito tímido. Os olhos brilham, parecem marejados, do jeito que Karin se lembra.

— Acho que seu telefone está tocando — a moça alerta ao ouvir o aparelho tocando baixinho. Thiago ainda está com o celular na mão. Ele revira os olhos, antes de atender.

— Oi, mãe. O quê? — A expressão do rapaz muda completamente. Perde o brilho. — Tá bom! Já vou. — Ele desliga o telefone e estreita os olhos, encarando Karin.

— O que foi?

— Você me faria um favor? — pergunta, sem jeito.

— Pelo jeito, é algo que eu não vou gostar.

— Se você gostar, vou ter a certeza de que tem algo muito errado com você, milionária.

Thiago leva Karin até a casa de seus pais. Nenhum dos dois parece feliz com a situação.

— Olha, preciso te alertar: minha mãe... — Ele parece ter comido algo azedo. — Ela é... difícil.

— Cê jura? — Karin diz, de um jeito sarcástico.

— É sério. — Thiago não nota a ironia na voz de Karin. — Até hoje ela não aceita o Luan e — hesita por alguns segundos, olhando a fachada da casa de dois andares, de aparência simples, à sua frente. — Às vezes ela é um pouco, talvez muito, racista.

— Ah! — O olhar de Karin cai para suas mãos, como se verificasse a cor de sua pele. — Ok.

— Eu esperava que ela tivesse mudado um pouco nesses anos, mas — diz, com certo desespero em sua expressão — acho que piorou.

— Tudo bem, Thiago.

— Eu não traria você aqui se não precisasse da sua ajuda.

— Tá bom, Thiago. Não precisa se justificar e nem atrasar mais esse *encontro*, eu vou ficar bem.

O medo de Karin é que a mulher se lembre dela, da vez em que se viram no hospital. Natália não sabe o que houve entre a moça e Thiago em Acapulco, mas, mesmo assim, Karin se preocupa.

Sem razão.

Quando Natália abre a porta de casa, a única coisa que consegue é demonstrar, sem pudor algum, seu desprezo por Karin.

Pela *cor* de Karin, sendo honesta.

— Não vai nos chamar para entrar, mãe? — Thiago questiona. — Essa é a Karin, minha... namorada.

A moça o encara, em choque.

Esse garoto é maluco!

Em choque também está Natália.

— Sua o quê? — A voz da mulher se perde, assim que sai da garganta.

— Minha namorada, mãe. Podemos pular a parte do drama e a senhora nos deixar entrar, sim?

Natália não responde, mas abre espaço na porta para que eles entrem.

Karin não sabe onde enfiar a cara. Quer puxar Thiago em um canto e perguntar o que deu nele, mas não faz isso. Pelo contrário, fica calada, observando a conversa de Thiago com a mãe.

Não é só o desconforto que mantém a moça de boca fechada, é asco. Natália chamara o filho mais velho ali para, justamente, questionar o motivo de Thiago não estar morando com Marcela.

— Já disse, mãe. Nós nos separamos.

A mulher olha direto para Karin, como se a culpa fosse da moça.

— Nós estávamos separados antes, mãe! Vai me dizer que a senhora não sabia?

— Eu sabia, mas pensei que vocês tinham se acertado.

— Pensou errado. A verdade é que eu segui a minha vida. — Ele procura a mão de Karin. O desejo dela é se afastar dele, no entanto, completamente sem graça, ela deixa que Thiago pegue sua mão.

O ódio de Natália parece crescer ainda mais.

— Só tenho desgosto com filho — resmunga.

— Mãe... — A voz do rapaz é tristeza pura.

— Thiago, acho que vou embora! — Karin diz, afastando-se dele.

— Não, Karin! — Ele a puxa pela mão. — Minha mãe me chamou aqui

porque queria conversar sobre minha vida. Então, mãe, *essa* é a minha vida.

Karin sente como se tivesse levado um soco. Ela olha para Thiago, em choque.

— Meu filho... — Natália começa, mas para, como se as palavras fossem um amargas.

— Olha, mãe, acho melhor a gente ir embora. Outro dia, quando a senhora já tiver compreendido que eu segui em frente, voltamos a nos falar.

Thiago se afasta devagar, puxando Karin, que segue sem reação, para fora da casa.

Já na rua, a moça o encara.

— Você está maluco, caralho?

Thiago responde com um sorriso.

— Desculpa por isso, Karin, mas minha mãe só funciona com choque de realidade. Eu quero que ela se acostume logo com você.

— Você fica falando essas coisas fofas para disfarçar a situação estranha onde me meteu! — Karin tenta parecer séria, mas não consegue. — Ai, Thiago, sinceramente!

— Meu Deus, Karin, você não consegue nem disfarçar que não está brava! — Ele a puxa para si.

— Eu deveria.

— Assim como deveria ter me beijado hoje mais cedo.

Karin revira os olhos. Há muita coisa que ela deveria ter feito.

Falar a verdade para Thiago é a primeira delas.

CAPÍTULO XXV

Segundas chances

O telefone de Karin está tocando sobre o balcão da cozinha, mas ela não o ouve. Não está ouvindo muita coisa. Só a respiração de Thiago em seu ouvido. Ela deveria ter contado a ele sobre Acapulco há semanas, mas teve medo de estragar tudo o que estavam vivendo.

Não é todo dia, nem para todo mundo, que a vida dá segundas chances.

Finalmente, ela ouve o telefone.

— Espera, Thiago! — Karin o afasta e ouve o rapaz resmungar.

Ela corre até a cozinha e atende o celular, sem ver quem estava ligando. Desde que mudara de casa e de número, não recebera nenhuma nova ameaça de Marco.

Se não o conhecesse, Karin até acreditaria que ele esquecera.

— Oi — diz.

— Karin, meu irmão está aí? — Luan questiona, sem nem dizer olá.

— Está, vou passar para ele.

— Não. Quero falar com você.

— O que houve?

— Eu e o Leo vamos nos casar de novo!

— Sério? — Ela abre um sorriso.

— Sim! Decidimos fazer outra festa. Eu sei o quanto essa lembrança faz falta para o meu irmão.

— Que fofo! Ele vai amar, Luan!

— Mas eu quero que seja uma surpresa. Então preciso que você dê um jeito de sumir com o Thiago por um tempo.

— Quanto tempo?

— Uns cinco dias, no mínimo.

Karin se senta no banco alto da cozinha, avaliando a situação.

— Você consegue? — Luan pergunta, preocupado.

— Acho que sim. Eu já consegui uma vez, né?

— Sobre isso, Karin... Você não acha que...

— Eu acho, Luan — ela o interrompe. — Já passou da hora de contar para ele sobre Acapulco. Esse é o problema. *Passou* da hora.

— Cedo ou tarde você vai ter que contar.

— Eu sei. Mas não quero pensar nisso agora. Quando você precisa que eu suma com ele?

— Daqui uma semana.

— Já?

— Sim. Tem como? Por favor!

— Tem. Vou dar um jeito.

— Obrigado, você é maravilhosa! — diz, mas Karin não se acha maravilhosa. Pelo contrário, cada dia que passa, se sente pior por não ter contado a Thiago sobre a história dos dois, sobre Acapulco.

Acapulco!

Ela volta para a sala de TV, Thiago está lá, um pouco mais magro do que o normal. É o tratamento. Karin o observa por um tempo, desejando que tudo acabe logo, que ela encontre coragem de contar a ele toda a história dos dois, que Thiago se recupere completamente, que Marco suma e não volte mais.

— O que você está procurando? — ela pergunta, ao notar que Thiago está passeando pelo catálogo da Netflix.

— Nada. Queria ver alguma coisa engraçada!

— Vamos ver Chaves! — ela sugere, vendo o rapaz abrir um sorriso e a encarar admirado.

— Você é a mulher mais incrível do mundo, credo!

— Não sou. — Karin se senta ao lado dele, no chão. — Chaves?

— Lógico!

Ela pega o controle das mãos dele.

— Qual seu episódio preferido? — pergunta o que já sabe.

— Os de Acapulco, lógico! São os melhores.

— Eu já estive lá — confessa.

— Em Acapulco? — Ele arregala os olhos.

— Uhum!

— E como é lá?

— Lindo! Mas eu queria ter conhecido mais lugares.

— E não conheceu por quê?

— Eu estava acompanhada. — Ela quer contar. Entretanto, apenas olha para Thiago, esperando que ele adivinhe. Não... Karin ainda espera que ele se lembre.

— Sorte do cara... Ou *da* cara — ele se corrige. — Só espero que não

tenha sido daquela sua ex bonita e divertida... não tenho como competir.

— A Rafa?

— É.

Obrigada.

— Não. Foi com ela não. Mas enfim... A gente podia ir, né?

— Pra Acapulco?

— É, uai! Você já me falou que é seu sonho conhecer.

— Eu sei, mas... — ele começa a dizer, um pouco sem jeito.

— Você quer conhecer o hotel do Chaves, né? — Ela o olha, fingindo estar o julgando.

— Talvez... — Thiago bate de leve com seu ombro no ombro de Karin.

— A gente pode ir! Vamos?

— Vamos, lógico! Eu só preciso juntar uma grana!

— Juntar grana, Thiago? Eu sou milionária!

— Eu sei, mas não quero me aproveitar disso. O que você vai pensar de mim? E se você achar que eu sou um golpista?

— Thiago, você é tão ruim mentindo que não consegue nem passar trote!

— Vai que eu finjo que sou um péssimo mentiroso só para enganar você? — ele brinca. Karin o encara, permanecendo em silêncio por alguns segundos. — Tá bom! Não precisa olhar para mim com essa cara de que vai me matar!

— Eu não vou te matar...

— Ok, Acapulco? Imagina a gente lá! — Os olhos dele brilham, partindo o coração de Karin em um milhão de pedaços. Ela quer contar, mas não conta. Como tirar dele aquela primeira vez? Como tirar de Thiago a chance de viver de novo o que viveram em Acapulco, sem o peso das lembranças que perdera?

— Que tal semana que vem?

— Depois eu que sou apressado!

— Mas você é apressado.

— E você também, pelo visto!

— Se a gente for semana que vem, vamos pegar uma época ótima!

Ele a olha, desconfiado.

— Com quem você estava falando no telefone? — ele diz, sério. O coração de Karin gela. Ela odeia até a ideia de ter alguém tentando controlar sua vida. Mas Thiago sorri. — É brincadeira, Karin.

Ela dá um tapa no ombro do rapaz.

— Não brinca com essa merda!

— Desculpa! — ele pede, dessa vez ficando realmente sem graça.

— Vou pensar no seu caso! — Ela se afasta um pouco, fingindo estar chateada, e começa a procurar pelos episódios de Chaves.

— Semana que vem? — o rapaz fala, por fim. Karin não consegue mais disfarçar o sorriso. — Ok. Mas só se eu puder rodar na porta giratória. Será que ainda tem porta giratória?

— Tem!

— É lógico que você esteve no hotel do Chaves! — Ele revira os olhos.

— As vantagens de ser milho.

— Semana que vem vai ser a *minha vez* de girar na porta giratória do Chaves.

— Eu não girei em porta nenhuma — protesta. — Sou adulta!

— Então vai girar! Comigo. Em *Acapulco*!

CAPÍTULO XXVI

De volta à Acapulco

— A porta giratória do hotel está mesmo aqui! — É a primeira coisa que o rapaz diz quando o táxi para. O coração partido de Karin se reconstrói a cada sorriso que Thiago dá, a cada vez que os olhos dele brilham ao ver algo novo. A alegria dele faz tudo valer a pena. Todo o caminho até aquele instante.

O rapaz desce do carro, empolgado, parecendo uma criança. Ele nem espera o taxista ajudá-lo com as malas, vai retirando tudo e espalhando de qualquer jeito pelos braços e pelos ombros.

— Vem, Karin! — Ele ainda encontra espaço para puxar a moça pela mão e ir praticamente correndo até a porta do hotel, onde para e, com os olhos brilhando, diz: — Caramba, eu tô aqui mesmo! Eu sempre quis vir aqui, Karin, desde menino!

O sorriso de Thiago é tão poderoso que faz Karin querer chorar.

— Nós estamos aqui! — É tudo o que ela consegue dizer.

— Vem! — Ele a puxa pela mão.

— Você vai fazer isso mesmo, não vai?

O rapaz solta a mão de Karin e deixa as malas com ela.

— Eu *tenho* que fazer isso!

Thiago entra e sai da porta giratória, sorrindo como se nada pudesse dar errado em sua vida.

E, pelo menos durante aquela viagem, Karin deseja que não dê.

Durante os primeiros dias em Acapulco, Karin e Thiago passam a maior parte do tempo no hotel, conhecendo todos os restaurantes e piscinas, e na praia que fica em frente a ele. No primeiro dia, Karin fez questão de conversar com Marvin, o funcionário que os atendera da primeira vez que estiveram ali. O jovem prometeu a ela não comentar nada com Thiago sobre a viagem de meses antes.

Mas Karin não ficara tranquila. Sempre que olhava para Thiago, em todos os momentos, sem exceção, ela desejava contar tudo a ele. No entanto, tinha medo de estragar a alegria do rapaz.

— Vamos fazer algo diferente hoje? — ele questiona, assim que a vê acordar.

— Você está empolgado, hein? Acorda sempre assim?

— Acho que você ainda vai ver! — Ele a beija, impedindo que Karin se levante.

— Você disse: fazer algo *diferente*.

— É... eu disse, né?

— Sim. E eu já pensei em tudo. — Karin se levanta. — Tem um lugar aqui que sempre quis conhecer, La Quebrada. A gente pode ir e almoçar por lá.

— Quero comer *quesadillas*... de trigo, nada de milho.

— Thiago, você só comeu *quesadillas* até hoje!

— Que mentira!

— Não. Hoje nós vamos comer chilli.

— É feijão.

— Você está no México, criatura! No *México*! Não dá para fugir de feijão. Nem de abacate e pimenta, antes que você reclame.

O rapaz resmunga.

— Ah, confia em mim, Thiago, você não vai se arrepender.

E não se arrepende. A visão do penhasco de La Quebrada deixa o rapaz encantado. Assim como a comida típica que ele não tivera coragem de experimentar antes.

Depois do almoço, eles voltam para La Quebrada e ficam observando as pessoas saltarem de alturas que deixam Thiago assustado.

— Eu nunca faria isso na minha vida! — o rapaz comenta.

— Eles fazem isso desde pequenos.

— Mas é perigoso.

— *Viver é perigoso!*

Thiago volta a olhar para as pessoas que se jogam, no momento certo, ao oceano. O azul se perde na vista do rapaz, misturando-se com o céu.

— Esse lugar é o paraíso. Eu acordaria feliz em um lugar desses todos os dias.

— Lembra quando você comentou que seu sonho era morar em uma casa de praia? — Karin pergunta e vê Thiago assentir com a cabeça. — É o meu sonho também.

O rapaz sorri, mais com os olhos do que com os lábios.

— Nós fomos feitos um para o outro, Karin.

— E você só percebeu isso agora?

— Não. Percebi no momento em que disse para você ouvir *Take on me*.

Você ouviu?

— Não queria ter uma música nossa antes do tempo.

— Você já estava pensando nisso? Em ter uma música nossa?

— Eu penso em tudo, o tempo inteiro. — Ela desvia o olhar para o oceano. — Tá, mas o que diz a música?

— Bom, eu queria que você ouvisse por causa de uma frase...

— Uma frase?

— É. A letra diz: “*Você é tudo que tenho que lembrar*”

— Thiago... — ela começa. Mesmo sem saber como fazer isso, ela quer contar.

— Sabe, Karin... Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida — confessa. Karin o encara, em silêncio. — E olha que eu quase morri e seu pai me salvou. Realmente era para eu estar morto. Ou seja...

— Thiago. — Ela pega a mão direita do rapaz e olha as marcas que existem ali. Não sabe o que responder. Thiago toca o rosto de Karin com a outra mão.

— Desde que conheci você, naquele elevador, eu acordo agradecendo ainda mais por ter tido essa chance. Você é tudo que tenho que lembrar. Eu soube disso naquele dia do cachorro quente, e tenho certeza disso hoje.

— Você não vai me pedir em casamento, vai?

— Ai, Karin, não estraga minha declaração!

— Você vai?

— Não sou *tão* apressado assim.

— Graças a Deus! — ela diz, aliviada.

— Nossa, mas seria tão ruim? — Ele fica realmente ofendido.

— Não, Thiago. — Karin o abraça. — Seria muito bom me casar com você. Vir morar aqui em Acapulco, ou em um lugar perto daqui, comprar uma casa em frente ao mar... Mas a gente ainda tem muita coisa para viver, muita coisa para *contar* um pro outro.

— Hm, você é até sensata. — Thiago a aperta forte contra si. — Nós somos perfeitos, cara, até nos encaixamos!

— Você que está muito apaixonadinho, *cara*! Se controle!

— A última coisa que eu quero é me controlar!

— Só por agora, tá bom? Temos um monte de lugar para conhecer

ainda.

— Tudo bem, senhora!

Eles se afastam um pouco, mas dão as mãos enquanto caminham pelas ruas de Acapulco.

Karin se lembra do dia no Karaokê, onde jogara as mãos para o ar e desejara voltar a Acapulco outras milhares de vezes. Hoje, o que ela quer é que aquela viagem não acabe nunca. Quer ficar ali, com Thiago, para sempre. Mesmo sem saber ao certo o que *sempre* significa.

No dia em que soube que Thiago estava doente, Karin tentou mentir para si mesma, dizendo que não havia se apaixonado. No dia em que soube que ele não se lembraria mais dela, Karin não conseguiu mais mentir. Apenas acolheu aquela dor gelada e tentou seguir em frente.

Agora, ali, sob o sol de Acapulco, ela chega a pensar que aquela dor não existiu, que é impossível que um amor como aquele pudesse, de algum jeito, deixá-la fria.

No fundo, porém, Karin sabe.

O amor é como uma tempestade.

Naquele momento, no penhasco de La Quebrada, a chuva cai forte em Karin, capaz de inundá-la para sempre.

Mas, cedo ou tarde, ela sabe que vai passar.

Deixando só a destruição.

CAPÍTULO XXVII

A garota com tatuagem de flores

Thiago observa Karin dormir. Ela é linda.

Ele ainda tenta encontrar outra palavra para defini-la, mas não consegue. Tudo nela é lindo. Além de tudo o que ele conhecia antes, agora Thiago via mais. E chega à mesma conclusão que chegara na primeira vez que a viu.

Ela é linda.

O rapaz se senta na cama, devagar, com medo de acordá-la, e passa a mão direita sobre a tatuagem que ela tem nas costas, entre as omoplatas. É uma árvore de flores cor de rosa, que Thiago já vira em muitos lugares. No entanto, desde que a vira pela primeira vez, ele ficara intrigado, com a impressão de que já havia visto aquele desenho, em específico, antes.

Entretanto, ele sempre tinha aquela impressão quando estava com Karin. Como se já a conhecesse, como se ela sempre estivesse ali, dentro dele.

— Bom dia! — Ela se vira.

— Bom dia! — ele responde. — Dormiu bem?

— Mais ou menos.

— Tem alguma coisa incomodando você, Karin?

Tem.

— Não... só. Bobagem. Você dormiu bem? — Ela se levanta e se senta de frente para ele.

— Dormi pensando nesses dias aqui. Acho que nunca fui tão feliz. Não quero esquecer essa viagem nunca, milionária.

— Acho muito bom, senhor esquecido. Muito bom mesmo.

— Tenho vontade de sair anotando tudo o que fizemos, ir tirando fotos e desenhando tudo...

Então, ele se lembra.

Não da viagem. Não da Karin que conheceu antes.

Thiago se lembra do desenho que fizera, com uma gaiola pendurada no galho de cerejeira. Ele se lembra dos outros desenhos que encontrara junto com aquele.

— O que foi, Thiago?

O rapaz se levanta e vai até a mesinha onde deixara o celular, deslizando

a tela com cuidado, com medo de que sua suspeita seja real. *Não pode ser real, pode?*

Então...

Thiago encontra a pasta com suas ilustrações e demora um pouco para achar o desenho que procurava. Na sequência, outra ilustração faz o ar sumir de seus pulmões.

— Está tudo bem? — Karin se aproxima dele.

— A garota com tatuagem de flores! — sussurra.

— O quê?

— É você. — Finalmente Thiago tira os olhos da tela e olha para Karin. Ela parece ter levado um tiro, andando para trás daquele jeito, com a mão direita sobre o peito, na altura do coração.

— Thiago... — Ela volta a andar na direção dele, que se afasta, mas ergue o celular para que ela veja.

Eu desenhei você.

A voz fraca de um Thiago doente, ecoa pelo quarto, nas memórias de Karin. O mesmo quarto onde estiveram meses antes. O mesmo lugar onde ele dissera aquilo.

Eu desenhei você, mas não ficou bom.

Karin nem precisa olhar para a ilustração. Ela se senta na cama, derrotada.

Thiago parece arrasado. Confuso.

— É você... — repete. — Como? — Ele vai até a cama e se senta perto de Karin. — Como? — pergunta novamente.

— Eu atrolei você — Karin confessa, com a voz apertada, como se as palavras não quisessem sair de dentro dela.

— O quê?

— Bati meu carro na sua moto quase um ano atrás. Eu te levei pro hospital e a gente começou a conversar...

— Você me conhecia? Antes?

— Sim.

Ele se levanta.

— Por que você não me disse nada? — A voz dele está banhada com toda a decepção do mundo. Thiago esperava aquilo de Marcela e Luan, mas Karin?

— Thiago... Você não se lembrava...

— É essa a justificativa?

— Não...

— O que aconteceu? Você me atropelou e eu desenhei você como agradecimento? — Ele está chateado.

Karin não sabe como contar o resto da história. Não sabe como dizer a ele que estiveram ali, que conversaram por horas sem parar, que cantaram Laura Pausini em um karaokê em Acapulco. Ela não sabe o que dizer.

— O que aconteceu, Karin?

— Você descobriu que estava com um tumor, mas não contou para ninguém. Já estava se separando da Marcela, o Luan tinha acabado de se casar... Então, você meio que deu a louca e... — Ela passa os dedos sobre a testa, apertando a cabeça com força, como se quisesse arrancar dela tudo o que envolvesse aquela história.

— E?

— E a gente estava conversando sobre o seguro, sobre a vida, sei lá... — Ela engole em seco. — E eu... meio que paguei sua viagem pra cá.

— Você fez o quê? — Thiago fica pálido, ainda mais do que o usual, e precisa se escorar na mesinha onde estava seu celular antes. — Como assim minha viagem pra cá?

— Nós estivemos aqui, Thiago. Eu e você. Em Acapulco. Neste hotel — ela hesita, mas completa, quase sem voz. — Neste quarto. Eu queria ter contado antes, mas...

— Espera. — Ele se senta na cama, escorando as costas na cabeceira. — *Eu estive aqui?*

— Sim. — Karin se vira, sentada na ponta da cama, e o encara. — *Nós* estivemos aqui Thiago. Eu vim também.

— É lógico que eu já te conhecia! — Ele inspira e solta o ar, com força. — Agora faz sentido o que eu senti desde o começo. *Não era* o começo.

— Não era.

— Por que você não me disse nada? — Thiago estourou, gritando, como raramente fazia.

— Eu ia falar o quê, Thiago? Você não se lembrava! Você nem sabia quem eu era!

— Mas há muito tempo eu sei quem você é.

— Eu sei que eu devia ter falado antes, mas não achei as palavras. As porcarias das palavras. E o que eu diria?

— Não sei, Karin. Talvez o que aconteceu?

— Esse é o problema, Thiago! O que aconteceu? Nem eu sei dizer o que

aconteceu aqui. Você não me disse que estava com a porcaria de um tumor na cabeça, não disse que estava morrendo. Deixou que eu me apaixonasse por você, feito uma idiota, que eu fizesse planos, mesmo que negasse que estava fazendo. Você deixou que eu sonhasse. E depois se esqueceu de tudo. Você se esqueceu de *mim*! O que queria que eu fizesse? Que chegasse lá no hospital e dissesse: “oi, você não se lembra de mim, mas eu sou uma idiota que se apaixonou por você!”

— Mas e depois, Karin? Você deixou que a gente vivesse todas essas primeiras vezes que não eram primeiras vezes. Você mentiu na minha cara! Você ouviu as mesmas histórias! Você...

— E desde quando isso importa? Falar a mesma história mil vezes?

— É claro que importa!

— Não, Thiago. Você não entende! — Karin coloca as mãos no rosto e depois se vira, olhando para Thiago como nunca olhara antes.

— Então, me explique! Eu quero ouvir.

— Eu te beijaria mil primeiras vezes. Teria milhões de primeiras vezes com você, Thiago. Porque eu sempre estive aqui. Porque eu te amo. E nunca, nunca mesmo, quis obrigar você a me amar de volta — confessa, chorando.

O silêncio domina o quarto por longos segundos. Karin seca as lágrimas, cansada. Ela não esperava que ele fosse entender. Era esse o seu medo. Não havia o certo a se fazer. No fundo, ela nunca deveria ter permitido que Thiago voltasse a se aproximar, que ele entrasse e se agarrasse em sua vida, como fizera. Ela devia tê-lo afastado, de cara. Mas foi incapaz, sempre seria incapaz.

— Você podia ter falado, naquele dia do cachorro quente, ou depois.

— É verdade. Mas eu tive medo de perder você... De novo. Você não faz ideia, Thiago! — Ela se levanta, com raiva. — Não tem noção, acho que nunca vai conseguir imaginar o que eu senti no dia em que o Luan me contou que você não se lembrava de nada. Pior, nos dias que vieram depois. No dia em que vi você naquele elevador. Não faz ideia do que é amar alguém que não se lembra de você!

— Mas eu sei o que é esquecer, o que é acordar e se sentir vazio todos os dias. Eu não tenho culpa.

— Eu nunca disse que tinha.

— Amor é confiança, Karin! — Ele se levanta, disposto a ir embora. Mas a moça para em sua frente.

— *Amor*, Thiago? Você acha que sabe o que é amor? Olha na minha

cara e me diz que eu não amo você.

— Se me amasse, teria me dito a verdade no começo!

Ela se afasta, por impulso, por raiva.

— Eu teria? — Karin se aproxima dele. — Não tente dizer para *mim* o que é e o que não é amor, Thiago. E *nunca mais* diga que eu não te amo. Amar alguém não é o que todas essas narrativas românticas, que ouvimos a vida inteira, dizem. Não é o sacrifício ou a dor, a verdade ou a proteção. Amar alguém é querer existir, é saber que existe melhor ao lado daquela pessoa; e agradecer, sem se dar conta, por viver no mundo onde aquela pessoa respira e se transforma. Por viver no mundo *que aquela pessoa transforma*. Então, nunca mais repita que eu não te amo, porque você não sabe *nada* sobre o meu amor — ela grita. — Você não sabe o que é chorar *todos os dias* por alguém que nem sabe que você existe e, mesmo assim, ser grata, *com tudo o que você é*, por aquela pessoa estar viva.

Ela se afasta, virando-se de costas, sem conseguir olhar para Thiago.

— Mas você tem razão, eu devia ter dito antes. Eu devia ter engolido meu medo de perder aquele pouquinho que eu conquistava todos os dias, e contado tudo a você. Eu devia ter deixado você ir. Não se preocupe. — Ela pega a bolsa que estava no chão e uma mala, que sabia estar sem vários itens, e caminha até a porta, ainda de pijama. — Eu deixo você ir agora. Fica aí com a sua porcaria de verdade!

Karin não sabe por que ficara tão nervosa com aquela briga. Thiago tem razão em ficar chateado. Ela devia ter contado a ele sobre Acapulco, devia ter se apresentado e sumido da vida dele para sempre. Então, se está errada, por que ficara tão abalada?

Talvez porque tivesse a esperança de que tudo o que construíra com Thiago nas últimas semanas pudesse ter sido maior do que sua falha.

Mas não é por isso que ela saíra do quarto com tanta raiva. Eu sei que não é.

Karin ficou mal porque Thiago dissera que ela não o amava. Logo Karin, que havia passado a vida inteira procurando por aquilo que encontrara nele.

Logo ela que sabe perfeitamente o que *não é* amor.

CAPÍTULO XXVIII

Quando o amor vencer

Eu amava ver o sol nascer. Em todos os lugares que eu ia, fazia questão de acordar cedo e ver o amanhecer. Já vi tantos dias nascendo, em tantas cidades diferentes, que sou incapaz de dizer qual foi o mais bonito.

Há muito tempo não vejo a mesma beleza que eu via antes nas coisas.

Eu me lembro, na primavera em Sapporo, de me levantar cedo, com cuidado para não acordar Karin. Não havia nada particularmente bonito naquele amanhecer, mas o céu estava diferente. Eu sentia que estava diante de algo precioso, como uma pintura cara de museu. Olhei para Karin e desejei acordá-la para que ela visse o sol nascer, junto comigo. Mas ela ainda estava cansada da viagem e dormia tão serena...

Aquele era para ser como todos os outros dias que vi nascendo, no entanto, nunca o esqueci.

Porque Karin estava lá.

Porque, naquele dia, comecei a entender o que é amar alguém. Eu, que nunca havia entendido nem mesmo o que sentia. Eu, que não sabia, antes de Karin, que amar alguém não tem nada a ver com desejo, e, sim, com querer *estar*.

Naquele dia, entendi que amor não é sobre querer mostrar algo bonito ao outro e impor sua vontade sobre a dele. É sobre respeitar o tempo e o espaço da pessoa, e continuar querendo dividir tudo o que tem de bonito no mundo com ela.

Tem dias que o que eu mais quero é poder dividir com Karin tudo de bom que acontece comigo. Às vezes, me pego buscando pelo nome dela nos meus contatos. Às vezes, me pego ligando, falando sozinha, imaginando que converso com ela.

Mas Karin não está aqui.

Se Thiago soubesse a sorte que tem, não teria ficado parado naquele quarto de hotel, enquanto Karin ia embora. Por mais certo que estivesse, ele devia ter puxado Karin pelo braço e dito que nada daquilo importava mais.

Porque não importa.

Ele mesmo dissera que o importante não são as lembranças que se

perderam, mas o futuro que queria construir.

No entanto, Thiago fica ali, parado, enquanto ela vai embora.

Porque amor é respeitar o tempo e o espaço do outro.

Thiago volta para o Brasil e, ainda perdido, vai direto para a casa de Marcela. Mesmo depois de semanas morando com Luan, sua mente se confundira. Ele precisava conversar com alguém e sabia que sua ex o ouviria.

— Não, peraí! Você está namorando a Karin? — É a primeira coisa que Marcela questiona, quando consegue interromper o monólogo de Thiago.

— Sim. A filha do meu médico.

— A Karin, Karin?

— É... — Thiago a olha. — Mas é lógico que você já sabia que estivemos em Acapulco juntos. Agora um monte de coisa faz sentido. — Ele se joga no sofá.

— Thiago, me conta tudo do começo.

— Qual começo? — O rapaz olha para ela, de um jeito desesperado.

— O *seu* começo!

Então ele conta. Desde o dia em que vira Karin no elevador, até o momento em que ela saiu do hotel em Acapulco, brava com ele. Marcela não comenta nada. No fundo, está feliz por Thiago e Karin, e chateada com os dois por serem tão burros.

— Aí vocês brigaram por causa disso?

— Pois é... Ela devia ter me contado!

— Você é burro, Thiago?

— O quê?

— Eu, o Luan e o Leo também escondemos coisas e você lidou muito melhor. Isso soa como autossabotagem.

— Eu fiquei chateado, Marcela.

— Sim, mas passou?

— Está passando — admite.

— Então?

— Eu não devia ter deixado ela vir embora sozinha, né?

— Nem vou responder. Mas, já que você está aqui, acho melhor que fique até amanhã.

— Por quê? — ele questiona, desconfiado.

— Porque estamos escondendo algo de você, Thiago. — Marcela vê o rapaz revirar os olhos. — É sério!

Thiago está tão cansado da viagem, pensando em como procurar Karin e tentar acertar as coisas, que nem questiona nada. Apenas toma um banho e se deita no quarto de hóspedes, onde dorme por mais de dez horas. Quando acorda, vê Marcela parada na porta, o chamando. Ela está muito bonita, vestida com um macacão cor de chumbo.

— Por que você está mais chique que o normal? — ele pergunta, sentando-se na cama, com as costas apoiadas na cabeceira.

— Nós temos um lugar pra ir. — Ela aponta para o guarda-roupa. Tem um terno azul escuro pendurado em uma das portas.

— Nós?

— É.

— Por um acaso é meu aniversário e eu esqueci?

Marcela não responde, apenas se vira e sai do quarto, gritando para que Thiago se arrume rápido.

Os dois chegam a um salão e não é preciso muito para Thiago compreender. Leo o vê chegar e vem até ele.

— Bem-viado ao meu casamento! — Abre os braços.

Emocionado, Thiago não consegue responder, apenas abraça o amigo. O rapaz passa os olhos pela decoração florida, em tons de branco e verde, sabendo que aquele casamento é muito mais para ele do que para os noivos.

— Vocês são malucos!

— Eu adoro casamentos, você sabe! — Leo diz, com ironia.

— O Luan obrigou você, né?

— Na verdade, a ideia foi minha. — Leandro ri, dando dois tapinhas no ombro do amigo. — Agora, eu tenho que ir. Isso aqui ainda é meu casamento!

Thiago fica observando enquanto Leo se afasta.

— Eles fizeram um bom trabalho aqui! — Marcela comenta, chegando de trás. — Infelizmente, também vou ter que te deixar sozinho. — Ela está sorrindo, olhando para um ponto do outro lado do salão. O rapaz reconhece Rogério, os encarando de um jeito sem graça.

— Marcela... Não me diga que você está saindo com o assistente do meu médico!

— Tá, não digo! — Ela começa a se afastar.

— Será que meus pais vão vir?

A mulher se vira e o encara com um olhar triste. Ela não precisa

responder, Thiago já sabe, mesmo que nunca compreenda, ele sabe. Enquanto daria tudo para se lembrar do casamento do irmão, seus pais, mesmo tendo uma segunda chance, não fazem questão.

O rapaz não consegue entender que tipo de amor é aquele. Que tipo de amor deixa o preconceito passar na frente de tudo? Que tipo de amor era incapaz de ver a felicidade do outro?

Não sei nada sobre amor, Thiago pensa, chateado, e caminha até uma cadeira bem perto do lugar onde Leo está recebendo os convidados.

Ele volta a olhar o salão, agora observando os amigos de Luan e Leandro. Thiago conhecia alguns deles; outros, não se lembrava de ter visto antes. Os olhos dele passeiam por todo o espaço, até a encontrarem.

Os olhos de Thiago sempre a encontram.

Karin está olhando fixamente em sua direção, enquanto conversa com Elis. Mesmo que nunca tivesse sido apresentado formalmente à amiga de Karin, ele a conhece.

Thiago pensa em se levantar, porém, Karin é mais rápida e começa a vir até o lugar onde ele está sentado, acomodando-se ao lado do rapaz, em silêncio. Ela apenas se senta ali, com o olhar em Leo.

— Você está envolvida até o pescoço com essa festa, não está? — Thiago pergunta, olhando para ela.

— Por que acha que eu sumi com você em Acapulco?

— Isso explica a pressa.

É tudo o que eles dizem, até Luan chegar ao espaço. Assim como Leo, está vestido com um terno branco. Antes de chegar perto do noivo, Luan para na frente do irmão, que levanta e o abraça.

— Obrigado por isso, manito! — Thiago, diz, entre soluços.

O mais novo está chorando também.

— Você sabe que eu adoro uma festa! — Sorri e, logo em seguida, dá as mãos para Karin. — Obrigado, rainha! — diz, antes de ir até o noivo. Uma mulher, de cabelos curtos, vestida com um terno rosa, começa a dizer várias coisas sobre amor, mas Thiago não consegue ouvir nada direito. Ele só consegue prestar atenção no sorriso do irmão mais novo.

— Eu quero ser feliz desse jeito — confessa, para ninguém em particular, mas Karin ouve. Devagar, ela aproxima sua mão do braço de Thiago, se enroscando ali. — Desculpa por não entender nada sobre amor.

— E quem entende? — A moça encosta sua cabeça no ombro do rapaz.

— Queria que os meus pais estivessem aqui.

— Eles que perdem. Podemos não entender nada de amor, Thiago, mas eu sei de uma coisa.

— Hm?

— O amor é contagiante. Olha só o sorriso desses dois, tem como não sorrir com eles? Perde quem acha que existe algum amor errado.

Thiago passa o braço em volta dela, ajeitando-se.

— Não existe amor errado.

— Me perdoa por não ter contado a você sobre nós e Acapulco.

— Você ainda vai ter tempo de me contar tudinho, com todos os detalhes.

— Incluindo a parte do karaokê?

— Teve karaokê? — ele se exalta, falando um pouco alto demais. Depois, abaixa o tom. — Por favor, me diga que existe um vídeo disso.

— Não existe. Mas... tem muitos karaokês no mundo onde a gente vai poder cantar Laura Pausini.

— A gente cantou Laura Pausini?

— Entre outras coisas.

— Meu Deus, nós somos perfeitos! — Ele a aperta contra si.

— Nós somos!

De longe, alguém os observa. Alguém que discorda deles. Karin não é perfeita com Thiago.

Ela é perfeita com *ninguém*.

CAPÍTULO XXIX

Eu volto já

Ele continua os observando de longe, sem chamar atenção para si. De onde está, vê Karin feliz. É insuportável ver Karin feliz. Que direito ela tem? Ele passa rapidamente os olhos pelo ambiente, fixando-os nos três seguranças presentes ali. *Incompetentes*. E depois volta a olhar para *ela*.

Sem nem imaginar que está sendo observada, Karin cumprimenta os noivos, entrando na brincadeira de fingir que não fizera aquilo um ano antes.

— E a festa? — pergunta a Luan.

— Não deu tempo de organizar nada.

— Ah, a gente pode ir para algum bar, encher a cara, comemorar esse casamento *inérito*! — Karin sugere.

— Não seria má ideia. Leo? — Luan olha para o noivo.

— Seria ótimo! — responde. — Algum bar gay?

— Eu tinha pensado em, não ri de mim, Luan...

— Lá vem o Thiago com as ideias nerds dele!

— É que tô com vontade de ir cantar...

— Karaokê? — Luan olha para o irmão. — Por que isso é tão sua cara manito?

— Um karaokê gay! — Leo completa a ideia.

— Existe karaokê gay em Santa Clara? — Karin questiona, rindo.

— Meu amor, existe *tudo* gay, basta você querer!!

Depois do casamento, saem os seis para o bar que Leo conhecia. Marcela leva o médico de Thiago com ela, o que tinha tudo para ser uma situação constrangedora, mas não é. Karin não a conhecia direito, conversara com a ex de Thiago em momentos de emoções complicadas, para as duas.

Karin e Thiago chegam depois dos outros e se acomodam na mesa, de frente para o palco. Não tem ninguém no bar, que nem parece estar aberto.

— Você disse que era um karaokê! — Thiago diz para Leo.

— E *pode* ser! Na verdade, é um bar com apresentações de drags. Mas ele só enche mesmo à noite. A gente pode ficar aqui a tarde inteira, bebendo e cantando. Só preciso conversar com a dona.

— E quem garante que ela vai deixar a gente ficar aqui?

— Amor, você não entende nada mesmo de gays! — Leo dá um tapinha no ombro de Thiago e se afasta, sumindo por uma entrada que fica atrás do palco.

— Fica tranquilo, manito! O Leo sempre consegue o que quer... Daqui a pouco ele volta, com karaokê e tudo. Ah, e com direito a Sandy e Júnior.

— Eu apoio! — Marcela diz. E todo mundo olha em sua direção. — Não me julguem, é Sandy e Júnior!

— É Sandy e Júnior! — Karin concorda, levantando a mão para um high five, respondido por Marcela.

Leo retorna com um notebook nas mãos, junto com uma mulher.

— Então, vocês querem bagunçar o meu bar? — ela diz e sorri para o grupo, enquanto conecta o computador na aparelhagem de som.

— Só um pouquinho — Thiago brinca.

— Podem ficar à vontade! — Ela se retira para o bar, onde pretende servir bebidas ao grupo.

— Vocês queriam karaokê... — Leo ergue dois microfones. — Nós temos um karaokê! Quem vai começar?

Thiago é o primeiro a se manifestar, levantando-se empolgado.

— Eu e a Karin vamos cantar Laura Pausini!

— Ah não, Thiago! Deixa alguém ir primeiro — pede.

— Não, senhora! Laura Pausini. — Ele a puxa pela mão e a leva até o palco, pegando os microfones de Leo. — Qual música? — Thiago entrega um dos microfones para Karin.

— Víveme.

— Aquela em espanhol? — Thiago questiona

— É.

Leo procura pela versão instrumental da música no Youtube.

— Essa aqui? — pergunta, apontando para o vídeo na tela.

— É, sim — Karin confirma e espera Leo descer do palco e se acomodar na mesa, com os outros, antes de dar o play.

A música começa e, mesmo que os dois tenham se atrapalhado na letra e no tom em alguns momentos, Karin não consegue parar de sorrir.

Depois dos dois, é a vez de Marcela cumprir sua promessa e cantar Sandy e Júnior. E ela não é a única, todo mundo acaba cantando alguma coisa da ex dupla de irmãos. Karin canta A lenda com Luan. No refrão, todo mundo acompanha, porque é impossível não cantar o refrão de A lenda.

— Não sabia que você cantava tão bem assim, Karin! — Marcela comenta quando a moça se senta ao seu lado.

— Obrigada, sempre gostei muito de cantar. Você também canta bem!

Marcela olha para ela com o canto do olho.

— Tá bom... — Ri. — Agora aqueles dois ali são a dupla perfeita. Marmita e Marmota. — Aponta para Luan e Leo, que acabam de subir no palco. Eles começam a dançar com o ritmo da música que iniciara.

— Não acredito que vocês vão cantar Ragatanga sem mim! — Karin se levanta e vai cantar com eles. Sem se importarem com as pessoas que começam a chegar ao bar, os três se divertem dançando. E todo mundo parece se divertir junto, porque entram todos no clima nostalgia anos 2000.

Outras pessoas começam a cantar no karaokê, músicas que vão de Madonna a Marjorie Estiano.

Quando alguém canta: *“que eu posso tentar te esquecer, mas você sempre será a onda que me arrasta e me leva pro seu mar”*, Karin e Thiago cruzam os olhares e começam a rir, cúmplices.

Até a drag queen que se apresentaria em seguida entra no clima e canta uma música da Wanessa Camargo, montada de Beyoncé.

— Bom, gente — Leo diz para o público do bar, lotado àquela hora. — Temos que nos despedir desse karaokê improvisado que fizemos aqui. Muito obrigado por me lembrarem o quanto estou ficando velho! — Todo mundo o aplaude. — Para finalizar nossa noite, meu cunhadinho quer cantar uma música, junto com sua namorada. Bom, deixaremos os héteros se divertirem um pouco, né?

O bar inteiro ri, enquanto Thiago e Karin sobem ao palco.

— O título de hétero fica só com ele, gente. — Aponta para Thiago, que está escolhendo a canção.

— Oi, hétero aqui! — diz para o público. — Eu escolhi uma música bem melosa, me desculpem por isso. Sei que essa é uma das suas músicas preferidas, Karin, e acho que tem tudo a ver com a gente — diz, olhando para ela. — Me desculpe por estragá-la.

Então, Thiago dá o play e começa a cantar.

“Eu ainda estou aqui, perdido em mil versões irreais de mim”.

O público inteiro os observa em silêncio. Luan chora sem perceber ao vê-los cantando. Até Marcela se emociona quando Thiago canta *“Não me esqueci de quem eu sou e o quanto devo a você”*. E, mesmo que o restante do bar não saiba nada da história dos dois, no fim da canção, todos aplaudem de

pé.

Menos uma pessoa.

Parado no fundo do bar, com uma roupa preta, discreto, Marco não tira os olhos de Karin. Ele deixa que ela aproveite bastante enquanto pode.

E o *enquanto pode* dura pouco.

Karin está tão feliz que, em seu caminho até um dos banheiros, não consegue ver ninguém. Sua mente pensa no quanto aquela noite está sendo divertida, no quanto combina com Thiago, no quão apaixonada está.

Ela está de frente para a pia, que fica em um corredor entre os banheiros, quando o escuta.

— Você realmente pensou que seguiria em frente, Karin?

Aquela voz grave a congela no lugar. O poder que tem sobre Karin a incomoda mais do que qualquer outra coisa, a incomoda mais do que o medo que está sentindo.

Karin não aguenta mais aquele medo. Então se vira e o encara, com ódio, nojo e raiva. Com tudo de ruim que consegue reunir dentro de si.

— E você não deveria estar tão perto de mim! — responde, em um tom de ameaça. Colocando a mão no bolso da calça e procurando pelo celular. Havia o deixado na mesa.

— Eu sempre vou estar por perto, Karin. Sempre.

— Nos seus sonhos!

— Nos seus pesadelos. Você pensou que poderia viver, que poderia namorar um... — Ele ri. — Que tipo de idiota é esse que você está — ele demora falar a palavra — namorando?

— Bom, o único idiota que vejo aqui está na minha frente. — Ela tenta permanecer parada no mesmo lugar, mas dá um pequeno passo para trás quando Marco se aproxima um pouco. Karin quer gritar, mas sabe que não vai adiantar. Ninguém vai ouvir com *Run the world (Girls)* tocando naquela altura. Parece até irônico.

Não é preciso muita coisa para que Marco perca o controle. Há muito tempo, Karin percebeu que não tem nada a ver com o que ela diz a ele, ou com o que ela faz. Marco é assim. Ele perde o controle porque acha que é um direito seu, que Karin é um objeto que ele pode atormentar e destruir quando bem entender.

Ela está disposta a mostrar a ele que não é assim.

Quando Marco se aproxima mais, Karin se lembra das palavras da avó. Talvez ela devesse ter deixado Ana Alice dar fim à vida medíocre daquele

homem, seria um favor ao mundo. Mas Karin não é balança de moral, não nasceu para julgar nem condenar ninguém. Ela não é Deus.

Já Marco pensa que é.

— Você sabe que não pode me chamar de idiota.

— Chamo você do que eu quiser.

— O tempo fez você ficar mais ousada, Karin. Perdeu o medo?

— De você? — ela debocha, porque quer que ele se irrite. Quer que Marco saiba o quão insignificante ele é.

O homem responde, puxando uma faca de açougueiro da jaqueta preta. Karin dá um passo para trás.

Que droga!

— Você pensou que eu vim aqui bater papo? Você pensou que ia viver sua vida em paz depois de tudo o que me fez?

— E o que eu te fiz?

— Pegou o meu amor e jogou fora. Agora me troca por um... imbecil.

— O seu *amor*? Você tentou me matar, caralho! Que porra de amor é esse? — Ela se afasta ainda mais, pensando novamente em gritar, mas a música está alta, ninguém a ouviria. Quando suas costas encostam na pia, Karin congela. Por um momento, imagina ter visto alguém aparecer por trás de Marco, porém, depois de um segundo, vê que não há ninguém ali.

Será que ninguém vai aparecer aqui?

— Dessa vez, não vou *tentar*! — Marco dá um passo à frente, com a faca erguida. Karin começa a dizer alguma coisa, no entanto, o homem fala por cima. — Acho que já conversamos demais.

A moça fecha os olhos.

Mas não sente mais medo. Pelo contrário. Há muito tempo Karin não sente tanto alívio. Se aquele era o jeito de se livrar daquela prisão, ela o aceitaria de bom grado. Não tinha medo de morrer.

Então, Karin se lembra de Acapulco. Ela chega a sentir o vento bater em seu rosto e a mão de Thiago se entrelaçar na sua.

Mais uma vez, encontrara o amor em Thiago, e estava a dois passos de perdê-lo de novo.

Um passo.

O som de algo caindo no chão.

Karin abre os olhos e vê Marcela segurando uma das cadeiras de madeira do bar. Ela está chutando Marco, caído, em posição fetal.

— Marcela? — a moça pergunta, assustada, vendo a ex de Thiago jogar

a cadeira sobre Marco e chutar para longe a faca que havia caído no chão.

— Vim atrás de você, então vi esse cara te ameaçando. Ai peguei a cadeira! — diz, com simplicidade, e puxa Karin pela mão. — Quem é esse bosta? — pergunta, depois de se afastarem do homem.

Rodrigo, o segurança de Karin, chega correndo até onde elas estão.

— Onde você estava? — ela pergunta a ele, apontando para o corredorzinho entre os banheiros, onde Marco estava caído. — Não o deixe sair daí.

O segurança nem responde, apenas obedece.

— Quem é esse cara? Por que ele estava com uma faca? — Marcela pergunta de novo e, em vez de ganhar uma resposta, ganha um abraço.

— Obrigada, Marcela, você salvou a minha vida.

Sem dar explicações, com a adrenalina correndo por suas veias, pronta para quebrar a qualquer momento, Karin volta até a mesa e se senta ao lado de Thiago, que nota que há algo de errado acontecendo. Apoiando sua cabeça no ombro do rapaz, ela pede:

— Liga para polícia, por favor? O maldito do Marco... — Começa a chorar. Thiago arregala os olhos, sentindo o coração ir parar na boca. — Marco está aqui. Ele tentou me matar.

E quase conseguiu.

Em um mundo onde existem pessoas como Marcela, ele *quase* conseguiu.

CAPÍTULO XXX

A história que escrevi para ela

Se a vida fosse uma escolha entre tragédia e romance, qual história eu contaria? Sempre me questionei os motivos de nunca ter finalizado nada. Sempre me perguntei por que corria tanto de finais.

A verdade é que a vida real não dá escolhas. Ela é tudo, ao mesmo tempo, tragédias, comédias, romances, dramas. E eu só conheço a vida. Por mais que eu leia, por mais que mergulhe nas profundezas da ficção, sempre escrevi sobre a vida.

Agora, finalmente, vou terminar alguma coisa. Mas estou enrolando. Tentando adiar as últimas palavras.

Ou fugir delas, como Thiago e Karin fugiram de tudo.

Depois do que houve no bar, Marco foi preso. Dessa vez, Ana Alice prometera que o homem apodreceria na prisão, ou terminaria em um caixão, mas nunca mais chegaria perto de sua neta.

E ela falava sério.

Entretanto, o destino de Marco não havia definido o de Karin.

Ela escolhera ir embora, porque, no fundo, era o que sempre quis fazer. Karin sempre quis fixar seus pés em um lugar, de preferência longe de tudo. Mas nunca quis ir sozinha. Buscara por companhia durante toda a vida, até bater seu carro na moto de Thiago.

Naquele dia chuvoso, enquanto ouvia Ed Sheeran, Karin não fazia ideia de que estava muito perto de encontrar o que procurou por tanto tempo.

Hoje, Karin vê o quão distante está daquela pessoa que havia sido. O medo que andava sempre ao seu lado, no banco do passageiro de seu carro, lhe dando as mãos na rua, sussurrando em seu ouvido quando alguém chamava seu nome. O medo não existia mais. Havia, claro, uma apreensão, bem ao longe. Nada que se comparava ao pavor que ela vinha sentindo nos últimos anos.

Marco ainda estava respirando, em algum lugar do mundo, e ainda atormentava Karin em seus pesadelos. Mas até os pesadelos tinham diminuído.

Ela não queria dar aquele crédito a Thiago. Entretanto, sempre que

choramingava à noite, sem perceber, o rapaz a acolhia nos braços e afastava os sonhos ruins para longe.

Karin não precisava de proteção, mas ficava feliz em se sentir segura no abraço de Thiago.

O celular dela toca. Sem medo, ela vê o nome de Rafaela piscar na tela.

— Eu terminei! — a garota grita, eufórica, do outro lado da linha. — Nem acredito que eu terminei!

Karin abre um sorriso.

— Eu disse que você terminaria.

— Quero gritar, Karin!

— Então grita!

— Vou gritar só depois que você ler!

— Você *quer* que eu leia?

— É lógico, Karin! Escrevi para você!

— Então, me manda. Você sabe onde.

— Estou mandando.

Karin sente o celular vibrar com a notificação do e-mail antes mesmo de desligar a chamada.

— Espero que você goste — Rafaela diz, com simplicidade.

— Eu também espero! — a moça responde, antes de desligar e conferir o arquivo recebido.

O livro realmente está ali. Não é grande, não parece ser complexo, provavelmente ainda tem muito o que melhorar. Mas está ali. Amanda conseguiu.

Rafaela conseguiu.

O fim, que sempre a perseguiu, está no papel.

E é apenas um fim entre muitos que ainda viriam.

Karin abre o arquivo e se acomoda na poltrona. Antes de começar a ler, dá uma última olhada no dia que amanhece.

Rafaela sempre acordava cedo para ver o dia nascer. Hoje, Karin compreende o motivo.

Toda noite que acaba dá lugar a uma manhã que nasce.

Karin olha para o livro, esperando encontrar muitas coisas ali, principalmente a si mesma.

E encontra.

Karin está na praia. As ondas se quebram longe, mas chegam até seus

pés, devagar, antes de se unirem novamente ao oceano.

O vento forte bate em seu cabelo, que ela finalmente havia deixado crescer, mas não parece incomodá-la. Thiago se aproxima dela e olha para a linha do horizonte.

— Vai chover! — comenta, observando as nuvens cinzas ao longe.

— Vai — ela responde, e enrosca sua mão na dele, aproximando os braços. Está frio.

— Acho melhor a gente entrar! — chama, e só então a olha no rosto. — O que foi?

— A Rafa terminou o livro!

— Até que enfim! E aí?

— É muito bom — Karin deixa sua voz ser levada pelo vento.

— Você vai me deixar ler?

— Talvez.

— Nossa, milho! Não seja ruim!

— Se você merecer, eu deixo. — Ela o puxa para um abraço.

— E do que fala esse famoso e finalizado livro?

— Sobre um processo de cura, eu acho. — Karin se solta de Thiago e o encara, encostando sua mão no rosto dele. — Sobre a descoberta e o reencontro de um amor que sempre esteve ali. Sobre como, através da lembrança, podemos eternizar alguém.

— Que profundo! E o que ela eterniza?

Karin desvia o olhar, observando a tempestade chegando. Ela vê os raios clareando as nuvens cinzas, mas não sabe onde a chuva vai cair, não sabe a força que vai ter, não sabe o tempo que vai durar.

Só sabe, com certeza, que aquelas nuvens vão se desfazer e depois vão se formar de novo, para cair em outro lugar.

— O amor, Thiago. O amor *dela*.

UM AMOR PARA KARIN

V

Santa Clara - julho de 2019

Oi, Karin.

Tenho uma lista de coisas que gostaria de dizer a você. Sem saber por onde começar, vou falar de mim.

A criança calada que eu fui encontrou abrigo nas palavras. A adolescente solitária que eu era encontrou companhia nas cartas que escrevia. Acho que é por isso que hoje escrevo esta carta para você.

Porque é através da escrita que eu vivo.

Então, eu quero que você viva também.

Quando nos encontramos pela segunda vez, eu podia jurar que o destino estava brincando com a minha cara. Nada na realidade era tão perfeito. Quando perdi você pela primeira vez, juro que pensei que não seria para sempre, que o universo te traria de volta como fizera antes.

E ele quase trouxe, lembra?

As mensagens que trocamos quando você expulsou o Marco da sua vida, as conversas, as músicas... Eu me lembro de imaginar você cantando Frejat, no dia em que me mandou aquele vídeo de Amor pra recomeçar.

Naquele dia, desejei que você recomeçasse em um amor.

No *meu* amor.

Foi quando perdi você pela segunda vez.

E tudo pareceu se fechar em mim, como uma tempestade que nunca cai.

E continua sem cair, mesmo depois de ter escrito cinquenta e três mil palavras para você. A chuva ainda não cai. Talvez eu fique assim para sempre, flutuando escura no meu próprio céu.

Depois de muito tempo, as palavras daquela música do Frejat ainda ecoam em mim como um trovão distante.

Desejo que você tenha a quem amar e quando estiver bem cansada ainda exista amor pra recomeçar.

Eu queria que você pudesse recomeçar, Karin. Por isso, quis te escrever esta história, quis te dar este amor clichê, cheio dessas coisas que você amava

ler.

Lembra o quanto você amava aqueles filmes melosos? Eu me lembro.

Eu sempre me lembro.

Enfim, depois de tudo, acho que devo te pedir desculpas. Por favor, me desculpa por esta história.

Preciso que você me perdoe por repetir tantas vezes a palavra “olha” durante o livro. É que eu não sabia como explicar, com um termo melhor, o jeito como você me encarava e parecia ler até os segredos que eu mesma já havia esquecido.

Quero me desculpar também por ter me colocado tanto na história, até mesmo em momentos e formas diferentes. Não consegui imaginar para você uma vida onde eu não estivesse.

Ah, peço perdão por colocar *aquele homem* na sua história perfeita. Acho que não pude me afastar do que ele fizera. Não consegui escrever sem me lembrar, a cada segundo, que ele tirara de você a chance de viver uma história como aquela. Naquele dia, no corredor do seu prédio. Eu ouço, e acho que sempre ouvirei, seus gritos de socorro ecoando por todo o andar. Mas eu não estava lá. Não estava lá para ver que, na realidade, ninguém nunca apareceu para te ajudar.

Na vida real, dificilmente aparecem. Ouvem os gritos, mas se escondem em seus apartamentos, fingem que não devem meter suas colheres, esquecem que são humanos. Quantos ajudam quando uma mulher grita por socorro?

No seu caso, ninguém.

Coloquei Marco na história que escrevi para você, porque eu queria puni-lo. Queria que ele tivesse a sentença que não recebera na realidade. Mas nenhuma justiça nunca vai ser suficiente para tirar de mim essa dor.

E me perdoa de novo, milho, por *me* colocar na sua história.

É que eu sempre estive aqui, nestas palavras. Sempre fui eu. Em todas as dores e esquecimentos. Eu e as minhas lágrimas.

Eu, Amanda.

Ou Rafaela.

Já nem sei mais onde nasce a escritora e morre a pessoa. Não sei se isso é possível.

Depois que você morreu, tudo o que eu quis foi criar um amor para você. O amor que pensei que não tivesse sido vivido. Mas eu estava errada.

Depois que você morreu, eu não percebi que queria escrever uma história que já havia sido escrita. Não com palavras, mas com vida e amor.

E isso foi mais do que suficiente.
Pelo menos para mim.
Hoje eu sei que amo você, com tudo o que eu sou.
E sei que você me amou de volta.
Obrigada por sempre estar aqui,

Rafaela.

SOBRE A AUTORA

a de verdade

MARIA FREITAS nasceu em 1994, é compositora, bissexual, whovian e apaixonada por novelas, gosta de escrever sobre seres humanos (nem sempre vivos) e seus traumas, o que dá para ver claramente em seus romances, As razões de Cris, A vida imperfeita de Teca e Sempre estive aqui, e em suas novelas Encontre Joana e As razões de Henrique.

Não sabe escrever contos, mas já participou de três antologias com temática LGBTQIA+, O amor está no ar, Amores de Outrora e Resilientes, e organizou outras duas, Antologia Resistência e O Papai Noel não vem aqui. É, ainda, a idealizadora do projeto Todas as Letras do Arco-íris.

Atualmente está escrevendo o romance Cartas para Luísa.

[**Leia mais livros da autora**](#)

[1] Trecho da canção Tengo muchas alas, do Maná.

[2] Trecho de Víveme, de Laura Pausini e Alejandro Sanz.

[3] Trecho da canção Mesmo que mude, de Bidê ou Balde